



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

HENRIQUE AUGUSTO BARBOSA DE MATOS

UMA CRÍTICA DE TRADUÇÃO À LUZ DA DESCONSTRUÇÃO/ESTUDOS QUEER:
O *CORYDON*, DE ANDRÉ GIDE

Brasília – DF
Julho de 2014

HENRIQUE AUGUSTO BARBOSA DE MATOS

UMA CRÍTICA DE TRADUÇÃO À LUZ DA DESCONSTRUÇÃO/ESTUDOS QUEER
O *CORYDON*, DE ANDRÉ GIDE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Júnia Regina de F. Barreto

Brasília – DF

Julho de 2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1016317.

M434c Matos, Henrique Augusto Barbosa de.
Uma crítica de tradução à luz da Desconstrução/Estudos
Queer : o Corydon, de André Gide / Henrique Augusto
Barbosa de Matos. -- 2014.
x, 233 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Programa
de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2014.

Inclui bibliografia.

Orientação: Júnia Regina de F. Barreto.

1. Gide, André, 1869-1951. 2. Tradução e interpretação.
3. Crítica, interpretação, etc. 4. Teoria Queer.
I. Barreto, Júnia Regina de F.. II. Título.

CDU 82.035

MATOS, Henrique Augusto Barbosa de. **Uma crítica de tradução à luz da Desconstrução/Estudos Queer: O *Corydon*, de André Gide.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Aprovado em: 03 de julho de 2014, por:

Prof^a. Dr^a. Júnia Regina de Faria Barreto (Orientadora)
Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Maria Viviane do Amaral Veras (Examinadora Externa)
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Piero Luis Zanetti Eyben (Examinador Interno)
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho (Suplente)
Universidade de Brasília

A todas e todos, com amor, que ousaram não
ficar nos diversos armários da vida.

AGRADECIMENTOS

À Universidade de Brasília, que sempre me foi um segundo lar.

Ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, por toda compreensão.

À minha orientadora, Dr^a. Júnia Regina de Faria Barreto, pela mão estendida na hora da dificuldade e da dor. Para ela, deixo algumas palavras do poeta Vinicius de Moraes: “Existiria verdade, / Verdade que ninguém vê / Se todos fossem no mundo iguais a você”.

Ao Prof. Dr. Piero Luis Zanetti Eyben, pelas valiosas contribuições na ocasião de minha qualificação de mestrado.

À Prof^a. Dr^a. Maria Viviane do Amaral Veras, pela disponibilidade de vir à Brasília contribuir com suas luzes para o debate da pesquisa.

À Prof^a. Dr^a. Válmi Hatje-Faggion, por todo carinho dispensado a mim.

Aos e às colegas da Universidade de Brasília que, ao longo dos anos, sempre estiveram ao meu lado. São tantos e tantas que não ousaria eu citar nomes.

Ao queridíssimo amigo Hiro Barros Kumasaka, por todo amor.

À minha mãe, mulher com a qual fui presenteado pela Providência.

A יהוה, por tudo.

« *Que l'importance soit dans ton regard,
non dans la chose regardée !* »

André Gide, *Les Nourritures Terrestres*, p. 10

“Εὰν ταῖς γλώσσαις τῶν ἀνθρώπων λαλῶ καὶ τῶν ἀγγέλων,
ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω,
γέγονα χαλκὸς ἠχῶν ἢ κύμβαλον ἀλαλάζον”.

1^ο Coríntios 13:1

RESUMO

Nesta pesquisa, que se queda inédita quanto à conjugação dos Estudos de Tradução e dos Estudos Queer, procedemos a uma crítica de tradução da introdução, bem como da primeira e da segunda partes das duas únicas sobrevidas da obra *Corydon* (1924), de André Gide, para o português brasileiro: a de Oriente Silveira (1969) e a de Hamílcar de Garcia (1971). A obra gideana compõe-se de quatro diálogos “socráticos” em que Gide faz uma defesa da “homossexualidade”, ou melhor, de uma das várias performances dessa: a pederastia, em seu molde clássico/helênico.

A fim de lograr em nosso empreendimento, valemo-nos, a um só tempo, da Desconstrução derridiana e dos Estudos Queer. Fez-se aqui uso de questões pontuais da Desconstrução derridiana para os Estudos de Tradução: a desconstrução da matriz logocêntrica dos Estudos de Tradução, a colocação em xeque da “fidelidade” ao “original” e, por fim, a questão da tradução enquanto acontecimento/jogo performático e *double bind*.

Quanto aos Estudos Queer, buscou-se inicialmente certa elucidação acerca de noções básicas: sexualidade, sexo, gênero, orientação sexual, papel social de gênero e identidade de gênero, haja vista serem essas ensejadoras, ainda hoje, de grandes equívocos. Trouxemos ainda à baila um breve histórico dos referidos estudos, bem como alguns conceitos basilares: heteronormatividade, misoginia, homofobia e performatividade de gênero. Por fim, deitamos a pergunta: “*Corydon* queer?”, a fim de dar a conhecer os poucos trabalhos levados a efeito no que concerne ao “queer em tradução” e, outrossim, contextualizar, não anacrônico, a obra de Gide junto à problemática queer.

Devido ao ineditismo da pesquisa, um leque se abre para posteriores trabalhos acerca do “queer em tradução”, bem como acerca do *Corydon*, quer seja nos Estudos de Tradução, quer seja nos Estudos Literários, quer seja nos Estudos Queer.

Palavras-chave: Crítica de Tradução; Desconstrução; Estudos Queer; André Gide; *Corydon*.

ABSTRACT

In this dissertation, that is original regarding the conjugation of Translation Studies and Queer Studies, we proceeded to an analysis of the translation of the introduction, as well as the first and second parts of the only survivals of the work *Corydon* (1924), by André Gide, into Brazilian Portuguese: the first one done by Oriente Silveira (1969), and the other by Hamílcar de Garcia (1971). This Gide's work is composed of four 'socratic' dialogues where Gide makes a defence of 'homosexuality'; in fact, one of its many facets: pederasty, in its classic/Hellenic mode.

In order to reach our aims, we used Derrida's Deconstruction and Queer Studies. Punctual issues were brought: a deconstruction of the logocentric matrix of Translation Studies; to question the concept of 'fidelity' to the 'original'; lastly, the issue of translation as event/performance and double bind.

Regarding Queer Studies, there was an attempt to clarify certain basic ideas: sexuality, gender, sexual orientation, social gender roles and gender identity, as these are the source of many misunderstandings up to today. Unfortunately, some of these are still found wanting and can provoke debate as, for instance, sexual orientation, these are shown to be indispensable for a better understanding of the intricate lines of Queer Studies, and likewise, of this very dissertation. Next, there was a brief overview of the history of the aforementioned studies, as well as some of its basic concepts: heteronormativity, misogyny, homophobia and gender performativity. Lastly, the question '*Corydon* queer?' is asked.

Due to the originality of this research, a wide range of possibilities is opened for future researches on "queer in translation" as well as on *Corydon*, whether in Translations Studies, Literary Studies or Queer Studies.

Key words: Translation Criticism; Deconstruction; Queer Studies; André Gide; *Corydon*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. DESCONSTRUÇÃO EM TRADUÇÃO	15
1.1 O jogo sógnico	22
1.2 Fidelidade ao “original” em xeque	28
1.3 Tradução: acontecimento/jogo performático e <i>double bind</i>	34
2. QUEER EM TRADUÇÃO	39
2.1 Noções preliminares	39
2.2 Queer: Contexto histórico <i>inter alia</i>	46
2.3 <i>Corydon</i> queer?	56
3. CRÍTICA DE TRADUÇÃO: <i>CORYDON</i> E SUAS SOBREVIDAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	65
CONCLUSÃO	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161
ANEXO I	170
ANEXO II	206

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é obrar uma crítica de tradução da introdução, bem como da primeira e da segunda partes das duas únicas sobrevidas do *Corydon* (1924), fazendo-se necessário mencionar que quanto à de Hamílcar de Garcia, elencamos a primeira edição (1971), pois a segunda (1985) se constitui, tão-somente, em uma revisão ortográfica da primeira. A obra *Corydon* compõe-se de quatro diálogos “socráticos”, nos quais André Gide faz, *grosso modo*, uma defesa da “homossexualidade”, ou melhor, de uma de suas várias performances: a pederastia, em seu molde clássico, isto é, helênico. Por que tão-somente essas partes do texto e não o conjunto dos diálogos? Em primeiro lugar, por conta de aí, mais especificamente a segunda parte, ser o *locus* de que se vale Gide para promover seu *coming-out*, ou seja, sua saída do armário. Em segundo lugar, devido a uma questão de economia e estratégia, como diz Jacques Derrida.

Bem, o título da obra de Gide é, como já se sabe, *Corydon*, nome de um pastor que figura nas Bucólicas do poeta latino Públio Virgílio Marão. Corydon, aí, era apaixonado por um jovem cujo nome era Alexis. Alexis não dava ouvido a Corydon, que lhe ofereceu tudo o que possuía; por conta de seu amor não ser correspondido, o amante desejou a morte. É possível perceber, nitidamente, ao logo de todo o *Corydon*, que Gide flerta avidamente com a Antiguidade Clássica, tanto o é que a pedagideação, nome que demos àquele *modus* com que o autor lida com uma das faces da “homossexualidade” masculina: a pederastia, assenta-se no modelo helênico de “homossexualidade”.

O problema central da pesquisa é: como essas duas únicas sobrevidas da obra (que Gide considerava a sua mais importante, chegando a dizer, *in verbis*: “Que *Corydon* é o meu livro mais importante, disso estou convencido, bem como de que haverá um dia em que sua importância será reconhecida”¹) dão a conhecer ao universo da língua portuguesa do Brasil, uma temática deveras cara já à época da

¹ Tradução nossa. Texto-fonte: *Que Corydon soit le plus important de mes livres c'est ce dont je reste convaincu, et convaincu de même qu'un jour viendra ou l'on s'apercevra de son importance* (Este prefácio, datado de março de 1949, foi publicado na primeira edição estadunidense de *Corydon*. Citado em: GOULET, Alain. *Fiction et vie sociale dans l'œuvre d'André Gide*. Paris: Lettres Modernes Minard, 1984-1985. p. 585).

urdidura do *Corydon* e que se estende, guardadas as devidas proporções, até os dias de hoje, a da “homossexualidade/homoafetividade”?

Nosso empreendimento crítico-tradutório que é, tanto na motivação quanto na prática, anti-homofóbico, bem como desestabilizador e historicizador de normas de gênero, sexo e sexualidade fundou-se no que chamamos de “saída do armário” (tradução da expressão em língua inglesa: *coming-out*). O desígnio foi retirar o véu que recobre o discurso heteronormativista utilizado na confecção do *Corydon*, ou seja, tirá-lo do armário, por meio das suas duas únicas sobrevidas no português brasileiro.

Nosso interesse pelo *Corydon* gideano nasceu, ainda na graduação, quando a Prof^a. Dr^a. Euterpe Therezinha Christov Correia apresentou-nos a obra. Desde então, *Corydon* nos tem gerado muita leitura e, principalmente, releituras. Chamou-nos a atenção o vanguardismo de André Gide, ao tratar, no começo do século passado, de maneira tão séria, de um tema tão problemático ainda nos dias de hoje. Assim, quando descobrimos que havia tão-somente duas traduções, em língua portuguesa, da obra citada, sendo ambas brasileiras, e, ademais, quando tomamos conhecimento dos Estudos Queer, nos idos de 2010, vimos na obra de Gide o *corpus* perfeito para por em movimentação nosso projeto de dissertação em Estudos da Tradução.

Conquanto a reflexão acerca da prática tradutória remonte à antiga Roma, a disciplina conhecida como Estudos de Tradução fez sua aparição tão-somente no final da década de setenta do século passado, passando a ser levada a sério e deixando de ser considerada, nas palavras de Susan Bassnett, “como uma área de pesquisa sem valor científico e de importância secundária”². Ao longo de toda a década de oitenta, observou-se um interesse constante pela teoria e prática da tradução e, na década de noventa, os Estudos de Tradução se converteram numa disciplina de direito próprio.

Um traço distintivo fundamental e identificador do trabalho desenvolvido nos Estudos de Tradução tem sido a conjugação do trabalho em diversos campos do saber: Estudos Literários, Sociologia, Antropologia, História, Linguística, Filosofia, Filologia, etc. Segundo a supracitada autora:

² Tradução nossa. Texto fonte: (...) *as an unscientific field of enquiry of secondary importance* (BASSNETT, 2002, p. 1).

Em muitas culturas, vários esforços têm sido desenvolvidos para abrir o imenso campo da genealogia do pensamento sistemático sobre tradução e para investigar o modo como esta tem desempenhado um papel modelador na formação dos sistemas literários e na história das ideias³.

O primeiro capítulo desta pesquisa, “Desconstrução em tradução”, expõe os rumos que tomaram os Estudos de Tradução e, por conseguinte, a Crítica de Tradução, ao longo dos séculos, em nossa cultura, cuja matriz é eurocêntrica; rumos todos que se apoiam em “questões de presença do significado ou mensagem no texto original, passível de ser restituída”, com o mínimo de perdas, “pelo leitor ou pelo tradutor” (SANTOS, 2010, p. 106). Há muito, o que se teoriza em Tradução não vai além de: trazer à baila as perdas sofridas, no ato tradutório, em relação a um original estável, portador ele próprio da verdade; examinar se é ou não incontornável “domesticar” o autor e/d(o) original, apagando-se o que se nos queda, (in)convenientemente, estranho; conformar-se com as dicotomias/binarismos: forma/conteúdo, fiel/infiel, língua materna/língua estrangeira, *inter alia*, ou dar relevo as debilidades do tradutor em lograr todas as ressonâncias do texto de partida ou das (in)tenções e, quiçá, emoções do autor do dito original.

O capítulo divide-se em três partes: a primeira vale-se do que diz George Steiner, em sua obra *After Babel* (1975): há muito as teorias de tradução tratam da “única e inescapável” questão acerca da “fidelidade” ao texto original, que se pode abreviar em duas perguntas: “De que forma se pode, ou se deve, atingir a fidelidade? Qual é a melhor correlação possível entre o texto A da ‘língua fonte’ e o texto B da ‘língua alvo’?” (STEINER, 1975, p. 261-262), a fim de desconstruir a ideia de fidelidade, como ordinariamente se fez e se faz. A segunda parte obra a ideia derridiana de jogo sógnico, na qual se busca a desconstrução do signo saussuriano, a partir da obra póstuma *Cours de Linguistique Générale* (1949).

Já na terceira, trabalha-se a ideia de tradução enquanto um intrincado jogo performático a partir da ideia, urdida por Derrida em *Des Tours de Babel* (2002), de que a tradução é um acontecimento na e da linguagem humana que manifesta, a um só tempo, “a existência de várias línguas e as diferenças e semelhanças entre elas”

³ Tradução nossa. Texto fonte: *There have been a number of endeavours to open up the huge field of the genealogy of systematic thinking about translation in different cultures and to investigate the way in which translation has played a shaping role in the formation of literary systems and the history of ideas (Ibidem, p. XI-XII).*

(OTTONI, 1997, p. 160). Mostra-se que a tradução, esse intrincado jogo performático (ensejando variadas performances) que (não) se deixa traduzir-por e, ao mesmo tempo, subverte os vários binarismos: forma/conteúdo, fiel/infiel, língua materna/língua estrangeira (língua de partida/língua de chegada), etc., que, ao longo dos séculos, têm se mostrado tão caros aos Estudos de Tradução/Crítica de Tradução, manifesta o *double bind*, sem o qual não há tradução, e, assim, numa paradoxalidade, faz vir ao palco, à cena, o próprio *double bind* que, por seu turno, é uma performance, poder-se-ia dizer, catártica, que ao promover duplamente o vínculo, desvincula-se a si mesmo e liberta a tradução, fazendo com que essa perpetue a vida, promovendo a sobrevivência do próprio acontecimento.

Já quanto ao segundo capítulo, intitulado “Queer em tradução”, também dividido em três partes, trazem-se à baila, na primeira parte, mui brevemente, conceitos plasmados, reforçados e naturalizados sociocultural, ideológica e historicamente. São eles: sexualidade, sexo e gênero, em especial, e orientação sexual, papel social de gênero e identidade de gênero. Na segunda parte, esclarece-se ou, ao menos, intenta-se, o “queer” por meio de um histórico e de um debate acerca de conceitos seus fundamentais para o “queer em tradução”.

Por fim, na terceira parte, lança-se a questão “Corydon queer”, que é respondida por meio de um levantamento bibliográfico acerca do que há de produção do “queer em tradução” e do próprio primeiro diálogo do Corydon, de André Gide. Ressalta-se a grande contribuição de Hans Mayer, com sua “tipologia da literatura homossexual”, lido por e através de *Les Faux-monnayeurs* (1925), de Gide, e Eve K. Sedgwick, que arquiteta a perquisição acerca do surgimento do modo hodierno como se lida, na literatura, com a “homossexualidade” em *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire* (1985), obra que não se queda atada a um debate sobre “gênero”, etiquetado pelo onipresente heterossexismo que opõe homens a mulheres, nem a uma perspectiva dos Estudos LGBT.

Em relação ao terceiro capítulo, trata-se, concretamente, do palco em que obramos nossa crítica de tradução (que não se prendeu nem numa divisão estanque entre os aspectos estritamente tradutórios e os aspectos literários, tampouco numa divisão estagnada entre “texto-fonte” e tradução), à luz da Desconstrução/Estudos Queer.

1. DESCONSTRUÇÃO EM TRADUÇÃO

A qualidade e a fecundidade de um discurso talvez se meçam pelo rigor crítico com que se pensa essa relação no plano da história da metafísica e dos conceitos herdados. Trata-se de uma relação crítica da linguagem das ciências humanas e de uma responsabilidade crítica do discurso. Trata-se de se colocar, expressa e sistematicamente, o problema do estatuto de um discurso que vai buscar a uma herança os recursos necessários à des-construção dessa mesma herança. Problema de economia e de estratégia¹.

O “conceito” de tradução adotado nesta pesquisa é, sem dúvida, queer. Ou de maneira mais incisiva: calca-se numa práxis crítico-tradutória queer. E o que se quer, pois, dizer com “queer em tradução” (nome, inclusive, do próximo capítulo)? O termo é tomado como assinalador de um projeto de crítica de tradução que é, tanto na motivação quanto na prática, anti-homofóbico, bem como desestabilizador e historicizador de normas de gênero, sexo e sexualidade. Tal projeto funda-se no que chamamos de “saída do armário” (tradução da expressão em língua inglesa: *coming-out*), pois faz desvelar o discurso heteronormativista utilizado na urdidura da obra *Corydon* (1924)², de André Gide, por meio das suas duas únicas traduções para o português brasileiro. A Desconstrução cumpre um papel essencial para a presente pesquisa, em primeiro lugar, porquanto fornece o aparato crítico necessário à “saída do armário”, fazendo ruir, contextualmente, categorias, oposições e equações que sustentam identidades sexuais. Em segundo lugar, devido ao fato de que o “queer” tem aí suas origens, junto à historiografia gay (em especial foucaultiana), à psicanálise e ao ativismo LGBT, nascido na década de oitenta do século passado, como informa William M. Burton (2010). Por fim, por conta de ela se constituir num divisor de águas, em termos teóricos e práticos, no que concerne aos Estudos de Tradução, como se verá na sequência.

¹ Tradução nossa. Texto-fonte: *La qualité et la fécondité d'un discours se mesurent peut-être à la rigueur critique avec laquelle est pensé ce rapport à l'histoire de la métaphysique et aux concepts hérités. Il s'agit là d'un rapport critique au langage des sciences humaines et d'une responsabilité critique du discours. Il s'agit de poser expressément et systématiquement le problème du statut d'un discours empruntant à un héritage les ressources nécessaires à la dé-construction de cet héritage lui-même. Problème d'économie et de stratégie [sic]* (DERRIDA, 1967, p. 414).

² Utilizar-se-ão tão-somente a introdução, bem como a primeira e a segunda partes do primeiro diálogo, pois se configuram na amostra necessária e suficiente para o objetivo da pesquisa.

George Steiner sustenta, em sua obra *After Babel* (1975), que há muito as teorias de tradução tratam da “única e inescapável” questão acerca da “fidelidade” ao “texto original”, que se pode abreviar em duas perguntas: “De que forma se pode (ou se deve) atingir a fidelidade? Qual é a melhor correlação possível entre o texto A da ‘língua fonte’ e o texto B da ‘língua alvo’?”³. Essas recorrentes perguntas conduziram os Estudos de Tradução a se deterem nos mesmos pontos: trazer à baila as perdas sofridas, no ato tradutório, em relação a um original estável, portador ele próprio da verdade; examinar se é ou não incontornável “domesticar” o autor e/ou o “original”, apagando-se o que se nos queda, (in)convenientemente, estranho; conformar-se com as dicotomias/binarismos: forma/conteúdo, fiel/infiel, língua materna/língua estrangeira, *inter alia*, ou dar relevo às fraquezas do tradutor em lograr todas as ressonâncias do texto de partida ou as (in)tenções e, quiçá, emoções do autor do dito original.

O que desde muito se tem teorizado acerca de tradução, em nossa cultura, cuja matriz é eurocêntrica, apoia-se em “questões de presença do significado ou mensagem no texto original, passível de ser restituída”, com o mínimo de perdas, “pelo leitor ou pelo tradutor”⁴. A esse respeito, ainda são pertinentes, embora tecidos no século XVIII, os três princípios básicos que definiriam a boa tradução, sugeridos por um teórico pioneiro dos Estudos de Tradução, Alexander Fraser Tytler: 1) a tradução obriga-se a reproduzir em sua totalidade a ideia do original; 2) a tradução deve manter o mesmo estilo do original; e 3) não se pode dispensar a fluência e a naturalidade do original⁵. Ora, não é necessário um dispendioso esforço para se perceber que um dado objeto, como por exemplo: uma caixa de papelão utilizada para guardar pertences pessoais, tem mais que tão-somente o lado da frente. Pois bem, há a parte traseira, a de baixo, a de cima e, no mínimo, duas partes laterais, em se tratando do exemplo dado. Entretanto, calibrando-se bem o olhar e mudando-se a perspectiva, muitos outros lados revelar-se-ão. Então, quantos lados há em cada um dos cantos da supracitada caixa? A resposta talvez soe um contrassenso, contudo, há um número infinito de lados (num in-finito de possibilidades) em uma finitude material, aqui representada pelo objeto: caixa de papelão. Perceba-se que, no par: infinito/finito, não há uma relação de oposição binária como muitos

³ STEINER, 1975 *apud* SANTOS, 2010, p. 106.

⁴ *Ibidem*, p. 106.

⁵ TYTLER, Alexander. *The principles of Translation*, publicado, pela primeira vez, em 1791 *apud* BASSNETT, Susan. *Translation Studies*, 2002, p. 69.

pensariam e quiçá quereriam (por conta até mesmo do prefixo latino *in-*), mas, sim, de logicidade e complementaridade, em que infinito e finito coabitam, complementando-se um ao outro.

É salutar que, desde o século derradeiro, vários filósofos tenham começado a questionar a tarefa do tradutor, *inter alia*, por outras vertentes, trazendo a lume novas (re)(des)configurações aos tão surrados conceitos dos estudos tradicionais sobre/de tradução. Em *L'épreuve de l'étranger* (1984), Antoine Berman diz que:

No século XX, a tradução entrou no horizonte filosófico como uma questão explícita e crucial com pensadores tão diferentes como Wittgenstein, Karl Popper, A. Quine, Heidegger, Gadamer e, mais recentemente, Michel Serres e, sobretudo, Jacques Derrida⁶.

Já para o filósofo argelino Jacques Derrida, em *L'Oreille de l'autre* (1982), a filosofia ocidental, representada por autores como Kant e Hegel, precisa ser submetida a rigorosos exames que volvam rumo aos lugares da aporia – não como formas de louvar ou refutar tais textos, mas abrindo caminho para novas configurações teóricas. “Nessas leituras derridianas atravessa-se a questão da tradutibilidade”⁷. A filosofia ocidental (também ela eurocêntrica), entretanto, não se delimita como projeto de tradução, como estabelecimento de um dado conceito de tradução. Sua história impõe, essencialmente, a presença de um significado transcendental (a verdade), que da língua não depende, resguardado, são e salvo, no texto traduzido. Ainda na esteira derridiana acredita-se que:

Só há filosofia se a tradução nesse sentido é possível, portanto, a tese da filosofia é a tradutibilidade, a tradutibilidade no sentido corrente, transporte de um sentido, de um valor de verdade, de uma linguagem na outra, sem dano essencial. Portanto, a passagem, o programa de tradução, a passagem à filosofia, no meu espírito, era isso: a origem da filosofia é a tradução, a tese da tradutibilidade, e em toda parte em que a tradução, nesse sentido, é derrotada, é nada menos a filosofia que é derrotada⁸.

⁶ Tradução nossa. Texto-fonte: *Au XXe siècle, la traduction est entrée dans l'horizon philosophique comme une question explicite et cruciale avec des penseurs aussi différents que Wittgenstein, Karl Popper, A. Quine, Heidegger, Gadamer et, plus récemment, Michel Serres et surtout Jacques Derrida* (BERMAN, 1984, p. 295-296).

⁷ SANTOS, *ibidem*, p. 106.

⁸ DERRIDA, 1982 *apud* SANTOS, *ibidem*, p. 106.

É imperioso sublinhar que o pensamento derridiano é o da desconstrução e, não, destruição! Logo, a necessidade de criação de novos *loci* teóricos e metodológicos para os Estudos de Tradução e, mais especificamente, para a Crítica de Tradução, não implica no total abandono de certos conceitos tradicionais desses estudos: afinal, vários se mostram deveras válidos e outros, necessários. Como se asseverou acima, insta calibrar bem o olhar e cambiar a perspectiva, mesmo que em poucos graus, para que se revelem caminhos e mesmo descaminhos outros, sem, contudo, repudiar veementemente a tradição ou lançá-la no velho baú do esquecimento e, assim, colocando-se para “fora” dela. O exame da im-possibilidade do ato tradutório demanda que se assuma a responsabilidade de uma decisão que não se reduz a seguir regras pré-existentes, que desconfia das análises já consolidadas da nossa cultura, mas que, a um só tempo, não pode abrir mão dessa mesma tradição.

A Desconstrução constitui-se numa das mais importantes manifestações do movimento intelectual denominado de Pós-Estruturalismo⁹ e tem em Jacques Derrida seu fundador. Além do mais, em carta enviada a um amigo japonês (2005; cf. também “*Comment ne pas parler*”, Derrida, 1987), na qual Derrida oferece “algumas reflexões – esquemáticas e preliminares – sobre a palavra ‘desconstrução’¹⁰, vê-se o filósofo deflagrar o caráter queer da Desconstrução. *In verbis*: “O que a desconstrução não é? É tudo! O que é a desconstrução? É nada!”¹¹. Ora, Derrida vale-se de um jogo de linguagem, ou melhor, de uma performance discursiva, a fim de evadir-se de uma definição programática do termo e, ao fazê-lo, promove uma perturbação, um estranhamento, um chamamento ao debate e à própria desconstrução. Para o professor Ivan Teixeira: “A Desconstrução passou a tomar corpo como movimento crítico”¹², *grosso modo*, após a célebre conferência dada por Derrida, na Universidade John Hopkins (Baltimore), em outubro de 1966, quando o filósofo proferiu seu ensaio intitulado “*La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*” (publicado em 1967 como um capítulo de *L’écriture et la différence*).

⁹ Tal associação, da Desconstrução com o Pós-Estruturalismo, deu-se principalmente nos Estados Unidos.

¹⁰ DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. Trad. de Érica Lima. *In*: OTTONI, P. (Org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, 2005, p. 21.

¹¹ *Ibidem*, p. 27.

¹² TEIXEIRA, 1998, p. 34.

Antes que se discuta, ainda que não detidamente, tal ensaio, atendo-se à questão da perspectiva derridiana para a conformação das estruturas nas ciências humanas, dado que é aí em que jazem os Estudos de Tradução e, por conseguinte, o campo da Crítica de Tradução, queda-se necessário que se atente para os perigos próprios ao uso da qualificação pós-estruturalista, por conta de este termo poder engendrar a impressão equivocada de que se trata de um método cujo fundamento se encontra na supressão do antigo. Consoante Christopher Norris, “apresentar a ‘desconstrução’ como se esta fosse um método, um sistema ou mesmo um corpo de ideias pronto e acabado seria falsificar sua natureza e incorrer num equívoco de redução”¹³. Na seara derridiana, consoante Kanavillil Rajagopalan, a Desconstrução converte-se numa

(...) poderosa arma, um instrumento de capacidade inesgotável, que serve para perfurar um texto até as suas entranhas e explorá-las a fim de desenterrar aquele “ponto cego” que o autor nunca viu e nem quis ver, e que o texto procura, na medida do possível, acobertar para que ninguém o veja¹⁴.

Exemplo claro do que diz Rajagopalan, que inclusive se coaduna com a ideia de “saída do armário”, encontra-se na tradução de Oriente Silveira (1969) do trecho “*C’était alors un garçon plein de flamme, doux et fier à la fois, généreux, serviable, dont le regard déjà forçait l’estime*”¹⁵ por “Era êle naquela época um rapaz ardoso, de coração nobre, prestimoso, cujo olhar desde o início convidava à estima”¹⁶. Bem, no texto-fonte, vemos dois adjetivos: *doux* e *fier*, criando entre si, de certa maneira, uma relação semântica de antagonismo. Daí a utilização da locução adverbial *à la fois*, com função temporal, bem como adversativa. Corydon, segundo seu interlocutor, gozava de ambos os predicados simultaneamente, algo digno de admiração. Na pena de Silveira, esta marca de adverbialidade é desconsiderada. Ademais, ao que parece, *doux* e *fier* combinam-se, culminando na locução adjetiva

¹³ Tradução nossa. Texto-fonte: *To present ‘deconstruction’ as if it were a method, a system or a settled body of ideas would be to falsify its nature and lay oneself open to charges of reductive misunderstanding* (NORRIS, 1982, p. 1).

¹⁴ RAJAGOPALAN, 2003, p. 25.

¹⁵ GIDE, André. *Corydon*. Paris: Gallimard, 1924, p. 15.

¹⁶ GIDE, André. *Tratado de Homossexualismo: Corydon*. Trad. de Oriente Silveira. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Record, 1969, p. 25.

“de coração nobre”. Por fim, porém não menos importante, faz-se necessário ressaltar que o tradutor também acobertou o adjetivo *généreux*.

De modo a alcançar seu intento, a Desconstrução, por mais incrível que possa parecer, não faz uso de nenhum método a não ser daquele mesmo que, tradicionalmente, foi aplicado na leitura desses mesmos textos, com uma dureza jamais levada a efeito. De fato, informa o professor Rajagopalan (2003), e para o desespero total daqueles que ainda se lhe opõem, a Desconstrução se mostra como nada mais que o próprio Estruturalismo levado às últimas consequências. Ou seja, visto como o mais intrigante dos paradoxos, o da Desconstrução revela-se, na essência, como um estruturalista que obra seu mister com um empenho e dedicação que os ditos estruturalistas praticantes e inveterados não foram capazes de mobilizar. Ele os desafia e os estorva ao insistir em chamá-los a serem, com ele, estruturalistas até o fim e a assumirem sua fé na plenitude de suas consequências. Saliente-se: a Desconstrução não interpela o Estruturalismo pelo lado de fora¹⁷; ela o faz do lado de dentro, trabalhando com as próprias ferramentas que o Estruturalismo criou.

Feitas as devidas considerações acima, parte-se para o supracitado ensaio: *La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*. Pois bem, Derrida enceta sua aula traçando um panorama da relação entre centro e estrutura e, na sequência, desconstruindo o liame imediato de dependência entre esses. Destarte, opondo-se a crença de que o centro constituir-se-ia na definição última da origem estrutural (ou estruturalista), começa-se por deslocá-lo. Consoante um pensamento clássico da estrutura, adverte-nos o filósofo, se o centro estabelece o jogo dos elementos internos da estrutura, esse, ademais e outrossim, representa-se também como elemento restritivo, haja vista que, enquanto elemento estabelecedor, ele se queda um *ad aeternum* interdito à livre movimentação dos elementos de que se compõe a estrutura.

Contudo, no cerne deste processo deita-se um paradoxo: por ser estabelecedor, o centro acha-se, logo, na estrutura e fora dela, posto que, na qualidade de elemento estabelecedor, ele forçosamente revela-se a-estrutural, isto é, não faz parte da estrutura por ele estabelecida, visto que se encontra acima da mesma. De encontro a esta estrutura “clássica” sobreveio a disrupção, que busca

¹⁷ As noções de “dentro” e “fora” são deveras relativas e dependem, pois, de um referencial. Na verdade, trata-se de diferentes faces da mesma moeda.

visibilizar a estruturalidade da estrutura e à qual Derrida define como repetição, porquanto reconstitui a estrutura ainda que tentando desconstituí-la. Citando-se Derrida *ipsis verba*:

O conceito de estrutura centrada – embora represente a própria coerência – a condição da *episteme* como filosofia ou como ciência – é contraditoriamente coerente. E como sempre, a coerência na contradição exprime a força de um desejo. O conceito de estrutura centrada é, com efeito, o conceito de um jogo *fundado*, constituído a partir de uma imobilidade fundadora e de uma certeza tranquilizadora, ela própria subtraída ao jogo¹⁸.

Destas tentativas desestruturalizantes resulta a detecção do problema da presença: a história, fonte *sine qua non* destas perspectivas, representa a busca onipresente de se encontrar fora da estrutura, fora do jogo, como uma “redução da estruturalidade da estrutura”¹⁹. Este é, sem dúvida, um aspecto fundamental para Derrida. Segundo Oliveira, na concepção derridiana de estrutura – que jamais é considerada indispensável – é mister perceber “a atuação do jogo sígnico, que o autor considera a grande perspectiva descentralizadora das ciências humanas”²⁰.

A perspectiva derridiana mostra-se deveras relativista no que concerne à relação sígnica entre significante e significado. Contestando a perspectiva metafísica da “presença”, ou *in stricto sensu*, de um centro ou significante ao qual remeteriam os significados, Derrida apresenta um processo de ressignificação contínuo por meio do jogo. Um tanto quanto dialeticamente²¹, sem que, todavia, aproxime-se já-mais o momento da síntese, o *moto continuum* da desconstrução far-se-á, inevitavelmente, a partir da própria estruturalidade da estrutura, num bailado interno que promove, a um só tempo e, de certo modo, catarticamente, ruptura com a estrutura inicial e constituição de uma nova estrutura que abriga traços da antiga.

A práxis da Desconstrução conduz a uma paradoxalidade intrínseca: a estruturalidade assenhora-se do trabalho antiestrutural, de modo que esse nada

¹⁸ Tradução nossa. Texto-fonte: *Le concept de structure centrée — bien qu'il représente la cohérence elle-même, la condition de l'epistémè comme philosophie ou comme science — est contradictoirement cohérent. Et comme toujours, la cohérence dans la contradiction exprime la force d'un désir. Le concept de structure centrée est en effet le concept d'un jeu fondé, constitué depuis une immobilité fondatrice et une certitude rassurante, elle-même soustraite au jeu* (DERRIDA, 1967, p. 410).

¹⁹ Tradução nossa. Texto-fonte: *réduction de la structuralité de la structure* (*Ibidem*).

²⁰ OLIVEIRA, 2004, p. 61.

²¹ Hegelianamente.

possa sem partir daquela; desconstruindo-a e, de certa maneira, reificando-a, sendo tudo isso sob a mesma (des)composição musical. Argumenta Derrida que este é um fato contra o qual não se pode pular e que apresenta, contudo, duas possibilidades “redentoras”: a primeira é relativa à negação peremptória e esterilizante, que acaba por se volver em ato contínuo ao momento da desconstrução da *ἀρχή* (arché). Um tal passo nihilista não apresentaria, decerto, resultados cadenciadamente relevantes. Diametralmente oposta a essa, o filósofo argelino propõe o jogo sígnico.

1.1 O Jogo Sígnico

Perdida a inocência da presença incontestável, isto é, da irreduzível materialidade do centro sígnico, tornando-se o significante móbil devido à impossibilidade empírica de exame de sua materialidade, as possibilidades estruturais de desconstrução e reconstrução nas ciências humanas, incluindo-se aí os Estudos de Tradução, quedam-se capitais para a construção ainda de possíveis verdades, relativizadas à para-realidade. O necessário rompimento com a

(...) veracidade do método leva à consideração da verossimilhança de suas formulações e dos resultados possíveis de se obter com o mesmo. Separam-se assim os conceitos de sua estrutura inicial, uma vez que eles possam representar sozinhos, parcelas de “verdade” que não se justificam mais pelo todo da estrutura original²².

Eis o “jogo” sugerido por Derrida, a “coreografia” possível para as ciências humanas: uma vez que as estruturas teóricas perderam sua validade pela incapacidade de verdade absoluta, insta, pois, trabalhar mediante “verdades parciais”, ou seja, verossímeis, na aproveitação de conceitos que ainda representem possibilidades discursivas relevantes, em uma nova estrutura criada como um *bricolage*²³, no qual os conceitos reconstruir-se-ão a partir de seu encontro com outros conceitos, na busca, não de uma verdade absoluta, mas de uma

²² OLIVEIRA, *ibidem*, p. 62-63.

²³ Trabalho cuja técnica é, de certo modo, improvisada e, ademais, adaptada aos materiais e às circunstâncias.

verossimilhança plausível que logre, em seu momento, responder às demandas que se lhe fazem.

Desta maneira, faz-se ruir o enorme palco das grandes totalizações das ciências humanas – inúteis enquanto estruturas funcionais, como informa Derrida – e debuta-se num novo tempo de tentativas *bricoleuses* de aproximação da verdade, a partir da posse de todos os signos e de suas significações. O *bricoleur* é o exemplo de intelectual capaz de realizar com eficiência o jogo sígnico (in)dispensável ao desenvolvimento das ciências humanas e, logo, cabe repeti-lo, nos/dos Estudos de Tradução.

Charles Bally e Albert Sechehaye, discípulos leais que eram e, ademais, movidos pelo nobre sentimento de gratidão ao seu já defunto mestre, tomam para si a augusta e árdua tarefa de lhe prestar uma homenagem póstuma buscando “reconstituir e até mesmo criar e construir (com todas as implicações dessas palavras) a figura de Ferdinand de Saussure”²⁴ que, a partir daí, se tornará mundialmente conhecido e será considerado como o pai da ciência linguística moderna. Numa dada altura da obra – resultado concreto dessa homenagem que se quedará, posteriormente, como a matriz geradora de todo o *modus pensandi* saussuriano – os dois discípulos/coautores precipitam-se para acrescentar uma nota de rodapé; ei-la: “Seria injusto censurar a Ferdinand de Saussure o ser ilógico ou paradoxal por atribuir à língua duas qualidades contraditórias”²⁵. A interpelação, explícita e marcadamente editorial, segue adiante, tentando eximir o autor da crítica, devido ao fato de ser ele fundador de disciplina: não ter se dado conta de uma contradição interna, isto é, de uma aporia²⁶, em seu próprio *modus cognoscendi*. Conquanto possa parecer não relevante para a discussão desta pesquisa, eis o detalhe que se pode, a essa altura, ansiar: a nota de rodapé leva à seguinte afirmação no corpo do texto: “(...) e, em certo sentido, pode-se falar, ao mesmo tempo, da imutabilidade e mutabilidade do signo”²⁷.

²⁴ RAJAGOPALAN, 2003, p. 24.

²⁵ Tradução nossa. Texto-fonte: *On aurait tort de reprocher à F. de Saussure d'être illogique ou paradoxal en attribuant à la langue deux qualités contradictoires* (SAUSSURE, 1949, p. 108).

²⁶ Do grego antigo *ἀπορία* (caminho inexpugnável, sem saída, dificuldade). Trata-se de “dificuldade ou dúvida racional decorrente da impossibilidade objetiva de obter resposta ou conclusão para uma determinada indagação filosófica”, segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

²⁷ Tradução nossa. Texto-fonte: (...) *en un certain sens, on peut parler à la fois de l'immutabilité et de la mutabilité du signe* (*Ibidem*, p. 108).

Os dois discípulos ou, em outras palavras, organizadores do *Cours de Linguistique Générale* (1949), mal imaginavam que anos mais tarde surgiria alguém para desvelar uma outra aporia no cerne do pensamento saussuriano. Jacques Derrida é o responsável por esta interpretação desmanteladora e seu alvo é, dentre outros, nada mais, nada menos, que o próprio conceito de signo, a saber: o fundamento que, como é consabido, sustenta a grande catedral que constitui o Estruturalismo.

Assim, a desconstrução do signo saussuriano começa nas mãos de Derrida com uma rigorosa e duplamente cuidadosa interpretação do próprio linguista genebrino (ao menos, daquilo que se deixou construir pela pena dos supracitados discípulos/organizadores/coautores). Partindo da “luz” saussuriana de que os valores linguísticos se instauram devido ao fato de se valerem da rede de diferenças, Derrida reconhece nesse jogo de diferenças, nessa característica, na dicção de Saussure, “de ser [em] o que os outros não são”²⁸, a própria possibilidade de significação, bem como, em última instância, e por mais paradoxal que possa parecer, a sua impossibilidade nos moldes saussurianos. Porquanto, para Derrida, na visão de Rajagopalan,

(...) a necessidade de se apelar incessantemente para a diferença implica um deferimento *ad aeternum* – uma diferença, com a inovação ortográfica para consagrar o encontro dos dois sentidos de diferir – ‘divergir’ e ‘protelar’ – que se unem para abortar o signo saussuriano no momento exato de sua concepção²⁹.

Uma leitura atenta possui, nesta altura, todo o direito de fazer lembrar, a favor de Saussure, que para o pensador genebrino, a união de significante com significado encerrava, de modo decisivo, o jogo das diferenças. Afinal de contas, é o próprio Ferdinand de Saussure que diz:

Mas dizer que tudo é negativo na língua só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua

²⁸ Tradução nossa. Texto-fonte: *d’être ce que les autres ne sont pas* (*Ibidem*, p. 162).

²⁹ RAJAGOPALAN, *ibidem*, p. 27.

totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem³⁰.

Não obstante, este é, pois, um *locus* privilegiado de uma das mais airosas demonstrações do *modus operandi* da interpretação da Desconstrução quando provocada a medir forças com estas e outras barreiras, conjecturadamente, intransponíveis. Pois Derrida mostra ter já adiantado esse bailado e, sob o ritmo de quem já adiantou não só essa, mas as próximas performances, bem como as próprias condições que são invocadas para estabelecê-las, rumo à esmerada desconstrução do próprio bailado, mostrando como ele mesmo o faz ao colocar em prática exatamente aquilo que se pede que se exclua. Eis o porquê do próprio termo “desconstrução”: atividade contínua e infundável que visa fazer cair as máscaras, passo a passo, a “construção” que daí vai-se despontando por detrás – ela mesma uma outra máscara. Afinal, só se pode desconstruir algo que fora anteriormente construído; eis, pois, uma tautologia. Derrida mostra no texto de Saussure que seu projeto semiológico dá-se exatamente quando o pensador genebrino resolve pôr abaixo tal atividade de desmascaramento, findando-a, a fim de que se possa deparar com a *face* – a verdade enquanto presença, como deixa claro Derrida, a preocupação magna da metafísica ocidental (outrossim eurocêntrica).

De volta a tão cara questão da união do significante com o significado, que segundo Saussure instituiria a “coisa positiva” – o centro, a partir do qual se propõe a construir toda a estrutura, Derrida faz lembrar que alegada união só se quedaria possível se se lograsse romper o próprio processo de significação e, o que é pior, a um só tempo, fingir que nem sequer houve uma des-continuação no processo. O filósofo argelino, em outras palavras, chama a atenção acerca da distância que separa a conduta e o gesto, a prática e o propósito, no texto saussuriano.

A urdidura derridiana é aqui deveras densa e intrincada, porém suscetível de ser esquadrihada a partir do isolamento de alguns de seus momentos críticos. Em um primeiro momento, chama-se a atenção para o caráter hierárquico da oposição “significante-significado” que é, via de regra, mostrada como se paritária e horizontal fosse. Derrida o faz, lembrando como a própria distinção encontra-se inserida no

³⁰ Tradução nossa. Texto-fonte: *Mais dire que tout est négatif dans la langue, cela n'est vrai que du signifié et du signifiant pris séparément : dès que l'on considère le signe dans sa totalité, on se trouve en présence d'une chose positive dans son ordre* (SAUSSURE, *ibidem*, p. 166).

contexto do fonocentrismo³¹ que norteia todo o pensamento saussuriano. Isto é, o que conduz o pensador genebrino a dar primazia à fala em detrimento da escrita, a hierarquizar, pois, a oposição binária “fala/escrita”, é a mesma que deita irreduzivelmente hierárquica também a oposição binária “significante/significado”, malgrado os possíveis contraditados e o esforço no sentido de apresentá-la como não-hierárquica. O fonocentrismo, neste exato momento, abre as portas para o logocentrismo³² – visto que afirmar a primazia da fala em relação à escrita constitui requerer a primazia do significado sobre o significante. O pensador genebrino afirma que:

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos [*sic*], aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é somente o principal desses sistemas³³.

A esse respeito, Derrida comenta que:

Esta determinação representativa, mais que relacionar-se sem dúvida essencialmente com a ideia de signo, não traduz uma escolha ou uma avaliação, não trai um pressuposto psicológico ou metafísico próprio a Saussure. Descreve, ou melhor, reflete a estrutura de um certo tipo de escritura: a escritura fonética, aquela de que nos servimos e em cujo elemento a episteme em geral (ciência e filosofia), a linguística em particular, puderam se instaurar³⁴.

³¹ Segundo o *Glossário de Derrida*: seria o “...(pré)-conceito ingênuo da metafísica, que identifica a fala com o ser-presente e a consciência pretendendo uma relação essencial e imediata com a alma. A ideia de verdade configura-se através do apagamento do significante na fala” (SANTIAGO, 1976, p. 42).

³² De acordo com o mesmo glossário: “centramento da metafísica ocidental no significado, que tem o privilégio da proximidade com o *logos*, com a determinação metafísica da verdade — *eidos* —, com o ente como presença — *ousia*” (*Ibidem*, p. 56).

³³ Tradução nossa. Texto-fonte: *La langue est un système de signes exprimant des idées, et par là, comparable à l'écriture, à l'alphabet des sourds-muets, aux rites symbolique, aux formes de politesse, aux signaux militaires, etc. Elle est seulement le plus important de ces systèmes* (SAUSSURE, *ibidem*, p. 33).

³⁴ Tradução nossa. Texto-fonte: *Cette détermination représentative, outre qu'elle communique sans doute essentiellement avec l'idée de signe, ne traduit pas un choix ou une évaluation, ne trahit pas une présupposition psychologique ou métaphysique propre à Saussure, elle décrit ou plutôt reflète la structure d'un certain type d'écriture : l'écriture phonétique, celle dont nous nous servons et dans l'élément de laquelle l'epistémè en général (science et philosophie), la linguistique en particulier, ont pu s'instaurer* (DERRIDA, 1967, p. 46).

Se, por ser uma representação de uma outra representação, a escrita precisa ser, como o quer Saussure, relegada a um segundo plano; é mister recorrer à metafísica da presença, a fim de que a fala também não tenha o mesmo destino – para que até mesmo na intimidade da fala, o significado de um significante não se revele como apenas outro significante. De acordo com Saussure, então, “trata-se de um esforço de desmascaramento que deve ser reprimido ao mesmo tempo em que é dado o apito de largada”³⁵. Trata-se, em outras palavras, no próprio rompimento do processo de significação que nasce o conceito de signo saussuriano. Aqui jaz a maior de todas as aporias que Saussure não viu e, que, justamente por não ter visto, pôde dar prosseguimento ao seu projeto semiológico.

Para terminar esta parte do presente capítulo, traz-se à tona, resumida e didaticamente, a opinião da professora Rosemary Arrojo (1993). Ela acrescenta que:

A reflexão de Nietzsche sobre o caráter “fictício” de todas as nossas “verdades” e de todos os nossos significados chega exatamente onde teria chegado a reflexão do próprio pai da linguística estrutural, Ferdinand de Saussure, se este pudesse ter levado às últimas consequências suas conclusões acerca do signo arbitrário e convencional. Ao admitir, em sua teorização sobre o signo, que o significante é “imotivado, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” [...], Saussure teria que admitir também que esse significado é, também, sempre “atribuído” e nunca imanente, o que implica dizer que esse significado é sempre “produzido” por convenções e nunca “descoberto”, e que mudará à medida que mudarem as sociedades e as convenções que as regem³⁶.

Ou seja, não há como se falar em “fidelidade”, ao menos nos termos de que se dispõe, levando-se em consideração que todo significado atribui-se numa ampla gama de variáveis e que essa atribuição, construção dá-se sempre *no* e *pelo* social. Fato é que as sociedades mudam, bem como a ampla gama de variáveis de que se compõem. Faz-se necessário, pois, volver na direção da tão cara questão, aos Estudos de Tradução, há muito: a “fidelidade”.

³⁵ *Apud* RAJAGOPALAN, 2003, p. 29.

³⁶ ARROJO, 1993, p. 17.

1.2 Fidelidade ao “original” em xeque

Como exposto, logo no início deste capítulo, a questão da “fidelidade” ao texto dito original, constitui-se no *locus magnum* de reflexão das mais diversas teorias de tradução, desde (quicá antes de) Cícero e Horácio, na Antiga Roma. Mostrou-se, além do mais, o quanto o debate engendrado por tal questão tem empobrecido a reflexão que assiste aos Estudos de Tradução, *in latu sensu*, e ao campo da Crítica de Tradução, *in stricto sensu*. Sob lupas da Desconstrução, a referida questão, poder-se-ia asseverar, já se encontra suficientemente aclarada. Entretanto, faz-se necessário, por vezes, e este é o caso, lançar luzes sobre o que pretensamente já se exhibe alumiado.

Para debutar a reflexão encerrada neste ponto do presente capítulo, lança-se mão da pergunta: “O que é, pois, fidelidade?”. Afim de a esta responder recorre-se à primeira acepção do vocábulo “fidelidade” no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009): “Característica do que é **fiel**, do que demonstra zelo, respeito por alguém ou algo; lealdade” (grifo nosso). Responde-se à pergunta? Decerto que não. Com efeito, tal acepção faz remeter, particularmente, à acepção de número cinco da primeira entrada de “fiel” ainda no mesmo dicionário: “Que denota **exatidão**, rigor; que não se afasta da **verdade**” (grifos nossos). Vê-se aí confirmado o também supradito: o que se tem teorizado no que tange à tradução calca-se em questões de presença do significado ou mensagem no/do texto dito original, restituível, com o menor número de perdas, seja pelo leitor e/ou tradutor. Trata-se de ir buscar no “original” a verdade que lá se encontra petrificada e pacificada.

Na senda estruturalista há, consoante óculos logocêntricos, a marca evidente de várias dicotomias/binarismos, dentre os quais: língua materna/língua estrangeira, fidelidade/infidelidade, sujeito/objeto e original/cópia (que, sob esta perspectiva, é sinônimo de tradução). O papel que ao tradutor cabe, neste caso, é o de transpor significados estáveis, verdadeiras verdades, dado que a leitura neste contexto é considerada única. Concebe-se a tradução como transporte, sem contaminação na passagem de um texto (dito original), de uma língua (dita materna), para outra (dita estrangeira), porquanto, caso contrário, haveria perdas e traição ao “original”. Arrojo diz que, “o que em geral se omite na tentativa de se atingir ou avaliar essa

‘fidelidade’ é exatamente o *status* do original”³⁷. Disso, queda-se inevitável perguntar: o crítico de tradução, porventura, toma em consideração, ao avaliar uma tradução, o mesmo “original” que o tradutor? Ou ainda, quanto aos significados do texto “original”, irmanar-se-iam aí o crítico e o tradutor?

De modo a responder às duas questões supracitadas, lança-se mão da pena de Rosemary Arrojo. Informa ela que a reflexão encetada por Nietzsche (que inclusive é citado por Derrida em seu ensaio supraexposto, em que esse credita àquele parte do esforço que constituiu a disrupção ou, poder-se-ia dizer, o descentramento da estruturalidade da estrutura)³⁸ mostra que o homem não é um explorador, um descobridor de “verdades” originais ou exterior ao seu **desejo**, mas, antes disso, um criador de significados e/ou (res)significados que se plasmam por meio das convenções e acordos que a ele organizam em comunidades. Esse impulso que conduz o homem na busca da “verdade”, a forjar teorias e a “fazer” ciência

(...) não passa de uma dissimulação de seu desejo de poder, consequência de seu instinto de sobrevivência e de sua insegurança enquanto habitante de um mundo que mal conhece e que precisa dominar. O homem inventa “verdades” que tenta impor como tal a seus semelhantes para se proteger de outros homens e de outras “verdades”, e para sentir que controla um mundo do qual pode apenas saber muito pouco³⁹.

Para aprofundar um pouco mais a questão sobre o desejo, acima grifado, levanta-se a discussão da psicanálise de Freud (que, por sua vez, complementa-se com a reflexão nietzschiana sobre as possíveis relações entre sujeito e objeto) cujos fundamentos, *grosso modo*, são: 1) os processos psíquicos são em sua imensa maioria inconscientes, a consciência não sendo mais do que uma fração de nossa vida psíquica total; 2) os processos psíquicos inconscientes são dominados por nossas tendências sexuais. Pois bem, o “conceito de ‘inconsciente’ vira do avesso a própria noção de sujeito”, segundo Arrojo, isto é, o homem cartesiano, cuja base era

³⁷ ARROJO, *ibidem*, p. 15.

³⁸ Texto-fonte: (...) *il faudrait sans doute citer la critique nietzschéenne de la métaphysique, des concepts d'être et de vérité auxquels sont substitués les concepts de jeu, d'interprétation et de signe (de signe sans vérité présente)* (DERRIDA, 1967, p. 412)

Tradução nossa: (...) sem dúvida seria necessário citar a crítica nietzschiana da metafísica, dos conceitos de ser e de verdade, substituídos pelos conceitos de jogo, de interpretação e de signo (de signo sem verdade presente).

³⁹ ARROJO, *ibidem*, p. 18.

o célebre “*cogito ergo sum*” e que, outrossim, definia-se pelo seu racionalismo passa a se definir pelo desejo que traz consigo, que molda seu fado e sua visão de mundo, e do qual não pode estar completamente consciente.

Ora, quer se considere

(...) o desejo de poder, ou o inconsciente, como propulsor da criação do conhecimento, das ciências e de todos os “significados” e “verdades” humanas, estaremos descartando a possibilidade de um relacionamento puramente objetivo, ou puramente subjetivo, entre homem e realidade, entre sujeito e objeto, entre leitor e texto⁴⁰.

Todo cuidado aqui é pouco, haja vista que não se está a dizer, como poderiam alguns pensar, que o mundo “real”, pertencente à “realidade”, não existe sem um sujeito que o perceba. Está-se a dizer, sim, que o sujeito não pode evadir-se do conjunto de desejos que o compõem, bem como da conjuntura: seu tempo, sua localização geográfica, sua formação, sua psicologia, sua sexualidade, sua ideologia, etc. Outrossim, queda-se como *conditio sine qua non* que o tradutor e o crítico de tradução, neste caso em especial, previnam-se contra a ingenuidade ou contra a ilusão de que aquilo que se apreende como realidade seja, com efeito, realidade. Pois, em verdade, tudo que veem, sentem, experimentam é mediado por seus sentidos, pela representação daquilo que lhes é externo, ou seja, pelas coisas que lhes estão fora. O tradutor e o crítico de tradução, enquanto sujeitos da tradução, mostram-se seres históricos, isto é, datados e localizados. Ora, em função dessa radical “realidade existencial” deve-se, desde já, rejeitar a ideia de uma apreensão da essência das coisas.

Posto tudo isso, constituir-se-ia em demasiada ingenuidade o estabelecimento (ou mesmo a pretensão a isso) de normas de leitura/interpretação/tradução que lograssem o resgate pleno dos significados “originais” de um dado texto, ou dos intentos de um dado autor. O tradutor de um texto não pode escudar os significados “originais” de um autor, dado que, a rigor, nem sequer o autor, ele mesmo, gozaria da condição de inteiramente consciente de todas as possíveis intenções e das variáveis que proporcionaram a urdidura e a divulgação de seu texto. Do mesmo modo, o tradutor e o crítico de tradução, tão-

⁴⁰ ARROJO, *ibidem*, p. 18.

somente, podem estabelecer uma relação com o texto, que se queda sempre mediado por um processo interpretativo,

(...) um processo muito mais “criativo” do que “conservador”, muito mais “produtor” do que “protetor”. Assim, o significado não se encontra para sempre depositado no texto, à espera de que um leitor adequado o decifre de maneira correta⁴¹.

Destarte, não se encontra o significado, eternamente, sedimentado no texto, na esperança de que um tradutor adequado o decodifique de forma “perfeita”. O significado de um texto tão-somente se delinea e se cria, a partir de um ato interpretativo, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos padrões éticos, morais e estéticos, nas circunstâncias históricas e na psicologia que constituem a comunidade sociocultural — a “comunidade interpretativa”, na senda de Stanley Fish — em que é lido. Quanto a isso o crítico e teórico estadunidense informa, em sua célebre obra *Is There a Text in This Class?* (1980), que se a interpretação pode ser intersubjetivamente compartilhada, isto não ocorre por haver uma estabilidade de significados inerente à textualidade (tal como sugerem as abordagens centradas no texto, como o Estruturalismo), mas por existirem estratégias de leitura disponíveis, passíveis de serem compartilhadas dentro de uma comunidade.

As conclusões acima urdidadas, empregadas nos Estudos de Tradução, acabam que por reformular os conceitos tradicionais de texto “original” e de fidelidade a esse texto. Dessa maneira, não há nenhuma tradução que seja plenamente fiel ao “original”, haja vista que o original não existe como um objeto estável. Se apenas se pode contar com interpretações de um dado texto, leituras forjadas pela localização espaço-temporal, político-ideológica e psicológico-sexual de um leitor/tradutor, toda e qualquer tradução tão-somente poderá ser fiel a essa produção. Analogamente, quando se avalia uma tradução, quando se compara o texto traduzido ao texto “original”, está-se apenas a comparar a tradução à interpretação, cosida pelo crítico de tradução, do “original” que, por seu turno, nunca poderá ser precisamente a mesma do tradutor⁴².

⁴¹ ARROJO, *ibidem*, p. 19.

⁴² ARROJO, *ibidem*, p. 20.

Uma questão, todavia, estorva: uma das queixas mais recorrentes acerca da Desconstrução, no que concerne à práxis tradutória, é que essa leva a situações em que “qualquer coisa vale” (alguns exemplos expressivos encontram-se em Eco *et al.*, 1992). Seria então pertinente a questão: “Críticos perspicazes conseguem localizar qualquer significado em qualquer texto, o que apenas comprova a sua perspicácia?”⁴³. Definitivamente, não. Ao valer-se da Desconstrução, nossa pesquisa tem como um objetivo defender o direito interpretativo que a todo tradutor assiste, pois, como já se afirmou acima, não há significados estáveis no dito original que se deixem transportar ilesamente de lá para cá. Além disso, o tradutor é um ser histórico, ou seja, datado e localizado. Ele traduz sempre a partir de um lugar, de uma comunidade interpretativa, de uma ideologia, de uma psicologia, num dado momento. O que se defende, aqui, é que se cultive na área da Crítica de Tradução, um constante e rigoroso exame das múltiplas possibilidades que se nos apresentam e um mapeamento cuidadoso das inúmeras transformações que ocorrem no ato tradutório.

A fim de exemplificar o exposto e, assim, sair do terreno marcadamente teórico e volver rumo ao da prática, pois como informa Susan Bassnett, “divorciar a teoria da prática, colocar o investigador contra o obrador, como aconteceu noutras disciplinas, seria de fato trágico”⁴⁴, traz-se à baila a tradução de um documento⁴⁵, de língua portuguesa para língua inglesa, que “surgiu” durante esta pesquisa e que, tecnicamente falando, muito *grosso modo*, poder-se-ia chamar de “técnico-científico”. Trata-se, pois, de uma questão apenas, que foi engendrada a partir daí. Eis a questão de que se fala: o tradutor traduziu “Literatura Portuguesa – Modernismo”, nome de uma disciplina de graduação, e “Literatura Brasileira – Romantismo”, *idem*, por, respectivamente, “Portuguese Literature – Modernism” e “**Portuguese** Literature – Romanticism” (grifo nosso). Pois bem, tal tradução mostra-se acentuadamente “infel” ao “original”? Espera-se aí que a tradução, por acaso, seja o mais literal possível, haja vista tratar-se de um documento que demanda uma “pegada” (para utilizar uma expressão tão ordinária na fala dos mais jovens) “técnico-científica”? A resposta para as duas é a mesma: decerto que não. Um

⁴³ PYM, 2013, p. 207.

⁴⁴ Tradução nossa. Texto-fonte: *To divorce the theory from the practice, to set the scholar against the practitioner as has happened in other disciplines, would be tragic indeed* (BASSNETT, 2002, p. 17).

⁴⁵ A fim de se preservar a “intimidade” (se é que se pode falar nestes termos) das pessoas envolvidas, suprimiram-se seus nomes.

intento subsidiário que se quer, *inter alia*, nesta pesquisa, é a utilização da Desconstrução, no que tange aos Estudos de Tradução, a serviço não só do que comumente nomeamos de textos literários e filosóficos. Cabe, sim, pô-la em movimentação em todo e qualquer texto, não importando sua “natureza” ou o rótulo que se lhe dá. Ao proceder à tradução de “Literatura Brasileira – Romantismo” por “Portuguese Literature – Romanticism”, o tradutor em questão ignorou todo o universo de língua portuguesa do Brasil e, por conseguinte, tudo aquilo que se deixa nomear de literatura brasileira, ou seja, toda uma comunidade que se revela em tempos e contextos diversos.

A Desconstrução, como já dito, serve como uma ferramenta de perfuração de um texto até as suas entranhas e, como tal, demanda um constante e rigoroso olhar crítico-reflexivo que não se deixa iludir pela ponta do iceberg, ou seja, por aquilo que aparenta ser de simples enfrentamento ou solução, quando, na verdade, é de complexidade ou envergadura consideravelmente maior, a inspirar, pois, por cuidados maiores que os apenas evidentes. Trata-se, pois, de uma parte buscar do que se queda submerso. Propõe-se a tradução: “Literature **in** Portuguese Language – Romanticism” ou “Literature **of** Portuguese Language – Romanticism”. Observe-se que se trouxe, à superfície, uma dentre inúmeras outras possibilidades. Nesta escolha, o processo, poder-se-ia dizer em termos rasos, é mais inclusivo do que exclusivo, mais crítico do que descritivo. Não obstante, insta dizer, por mais que o seja consabido, que tal escolha traz consigo bastantes implicações e, outrossim, restrições. Neste caso, libertam-se, a um só tempo, a literatura e a língua portuguesa das cercanias do “nacional” sem, contudo, divorciá-las. Paradoxalmente, o embaraço ou não de tal escolha deita-se no elemento libertador ele mesmo: o “nacional”. Poderia um leitor do documento perguntar-se: *Brazilian, Angolan, Portuguese or even East Timorese Romanticism?* Esse leitor não teria, certamente, diante de si a marca do apagamento, mas, antes, a do a(s)cender, em que é conduzido ao questionamento e ao debate. Reitera-se que essa é tão-somente uma possibilidade. Não se quer, com o que acaba de se dizer, cercear a liberdade interpretativa que assistiu ao tradutor, mas, sim, afirmar que lhe faltou (por razões que não se pode explicitar) acuidade crítico-reflexiva. Essa alegada falta de acuidade qualifica a quem quer que seja, enquanto crítico de tradução, a julgar a tradução em análise como boa ou ruim, fiel ou infiel? Não. Esta pequena amostra foi

trazida à baila para, em primeiro lugar, corroborar o que antes foi dito: é mister trazer, sim, a Desconstrução para o bailado do universo não só literário e/ou filosófico, mas também “técnico-científico” e, em segundo lugar, evidenciar que já aí se anuncia a coreografia do *double bind*, sobre o qual se discorrerá na sequência.

1.3 Tradução: acontecimento/jogo performático e *double bind*

Como supradito, *La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines* inaugura os assentamentos, *grosso modo*, da Desconstrução enquanto movimento crítico. Já, por seu turno, *Des Tours de Babel*⁴⁶ (texto em que Jacques Derrida promove uma releitura, pela tradução de seu mestre Maurice de Gandillac, do célebre *Die Aufgabe des Übersetzers*⁴⁷ de Walter Benjamin), explicitamente, dá corpo ao debate da Desconstrução no que se refere à Tradução. A esse respeito diz Bassnett: “a releitura de Walter Benjamin realizada por Jacques Derrida abriu as comportas para uma reavaliação da importância da tradução, não só como uma forma de comunicação, mas também como *continuum*”⁴⁸. É logo aí em que Derrida defende a ideia de tradução como um “acontecimento”. A fim de contextualizar o acontecimento do “acontecimento” na citada obra, faz-se necessário mencionar que o filósofo argelino concebe a tradução como um contrato de língua entre as mais diversas línguas, sendo ele, plenamente, singular. Alerta Derrida que tal contrato não se pode confundir

(...) com o que se chama em geral contrato de língua: o que garante a instituição de uma língua, a unidade de seu sistema e o contrato social que liga uma comunidade a esse respeito. Por outro lado, supõe-se em geral que para ser válido ou instituir o que quer que seja, todo contrato deve acontecer em uma só língua ou referir-se [...] a uma tradutibilidade já dada e sem sobra⁴⁹.

⁴⁶ Cabe salientar que Jacques Derrida confiou a tradução de tal obra à professora doutora Júnia Barreto. Insta dizer que essa tradução é a utilizada nesta pesquisa.

⁴⁷ Trata-se do prefácio publicado em 1923, na edição de sua tradução dos *Tableaux parisiens* de Baudelaire, em Heidelberg, Alemanha.

⁴⁸ Tradução nossa. Texto-fonte: *Jacques Derrida's rereading of Walter Benjamin opened the flood-gates to a reevaluation of the importance of translation not only as a form of communication but also as continuity* (BASSNETT, *ibidem*, p. 9).

⁴⁹ DERRIDA, 2002, p. 42, trad. de Júnia Barreto.

Para ele, muito pelo contrário,

(...) um contrato entre duas línguas estrangeiras enquanto tais empenha a tornar possível uma tradução que depois autorizará todo tipo de contratos no sentido corrente. A assinatura desse contrato singular não precisa de uma escritura documentada ou arquivada, entretanto, ela acontece como vestígio ou como traço, e esse lugar acontece mesmo se seu espaço não realça qualquer objetividade empírica ou matemática⁵⁰.

Quanto à tradução enquanto “acontecimento”, Derrida avança, *in verbis*,

(...) a tradução já é um acontecimento, e a assinatura decisiva de um contrato. Que ele seja ou não honrado não impede o engajamento de acontecer e de legar seu arquivo. Uma tradução que chega, que chega a prometer a reconciliação, a falar dela, a deseja-la ou fazer desejar, uma tal produção é um acontecimento raro e considerável⁵¹.

A tradução, sob lupas da Desconstrução, queda-se como um acontecimento **na** e **da** linguagem humana que manifesta, a um só tempo, “a existência de várias línguas e as diferenças e semelhanças entre elas”⁵². Trata-se, pois, de um intrincado jogo performático (ensejando variadas performances) que se deixa traduzir-por e, ao mesmo tempo, subverte os vários binarismos: forma/conteúdo, fiel/infiel, língua materna/língua estrangeira (língua de partida/língua de chegada), etc., que, ao longo dos séculos, têm se mostrado tão caros aos Estudos de Tradução. Por um lado, asseverar que há diversas línguas e que os significados produzem-se pela tradução, por meio e a partir das suas semelhanças e diferenças implica afirmar também a existência de várias línguas num mesmo sistema linguístico⁵³. Por outro lado, a tradução vista como acontecimento, uma transformação que evidencia a própria língua, impede, destarte, qualquer tentativa de sistematização, perturbando qualquer tentativa de apagamento da língua. Eis, pois, um intrincado jogo performático que se revela, ao mesmo tempo, multi e transtemporal, bem mais que intertemporal e que, ademais, manifesta o *double bind*: a possibilidade e a impossibilidade – a

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ DERRIDA, *Ibidem*, p. 51, trad. de Júnia Barreto.

⁵² OTTONI, 1997, p. 160.

⁵³ DERRIDA, 1982, p. 100.

necessidade e a impossibilidade – da sua realização⁵⁴. Teorias e histórias sempre se forjam na tentativa de instituir e (des)(re)velar a tradução como um processo, passível de se identificar e que se instala entre línguas distintas. É a este processo, que separa apenas uma língua de chegada e outra de partida como polos opostos e não complementares, que o *double bind* se opõe e resiste⁵⁵.

Neste palco “fronteiriço” da(s) língua(s), nesse acontecimento, nesse jogo performático, qual é o papel que assiste ao tradutor? Seria ele o ator que leva a efeito as performances aí engendradas? Sim e não. O tradutor é, sim, um ator que, **por e a partir** do jogo performático, deflagra a língua e, dessa maneira, faz do palco um *locus* privilegiado para a reflexão **sobre e da** linguagem humana e a reciprocação entre as línguas envolvidas no acontecimento; paradoxalmente esse mesmo palco, enquanto um lugar estável da língua e de suas fronteiras estanques, é pelo tradutor abalado, desconstruído. Muito mais que um ator, o tradutor é um autor (não em seu sentido clássico) que toma parte, de modo efetivo e engajado, na produção e na transformação de significados, por meio de uma

(...) contaminação entre as línguas envolvidas na tradução, no acontecimento, e que são expressas pelos tradutores promovendo uma espécie de dupla tradução. Desse modo, língua materna e língua estrangeira como complementares, e não antagônicas, revelam o *double bind* pela dupla tradução⁵⁶.

Acerca do *double bind*, Derrida assim comenta: “Por definição um *double bind* não se assume, só podemos sofrê-lo na paixão; por outro lado, um *double bind* não se analisa integralmente. [...] Mas se um *double bind* não se assume, há várias maneiras de suportá-lo”⁵⁷. E num outro momento, diz ele que se deve encarar o *double bind* como algo que deve ser suportado; é um desejo de se apropriar do original quando se traduz, contra o qual nada se pode fazer, sem o qual não haveria tradução⁵⁸.

Além do mais, a tradução, enquanto acontecimento, enquanto jogo performático, impõe barreiras para se recortar um dado período histórico e identificar “fatos” (não se pode jamais olvidar que não há fatos, mas apenas interpretações de

⁵⁴ *Ibidem*, p. 102.

⁵⁵ OTTONI, *ibidem*.

⁵⁶ OTTONI, 2000, p. 46.

⁵⁷ DERRIDA, 1996, p. 51-52.

⁵⁸ DERRIDA, 2002, p. 41, trad. de Júnia Barreto.

fatos) que produzam um saber sistemático e metódico sobre a língua. Por meio do *double bind* a tradução evidencia a complementaridade entre os polos nacional e universal (entre língua materna e língua estrangeira) envolvendo as várias línguas. Elucide-se: se há a possibilidade de se refletir sobre a concepção de tradução de um determinado período ou teoria, tal reflexão deve evidenciar as tensões subjacentes às concepções de linguagem e não partir de uma concepção de tradução que pressupõe um processo universal, transcendente, independente da linguagem, que possa ser identificado num período e a partir de uma teoria. Isto é, a tradução, ao impor a língua, abala os polos nacional e universal, e assim resiste a qualquer tentativa de determinação e sistematização histórica e teórica como formas de neutralizar, de apagar a língua⁵⁹.

Interessante notar que o *double bind*, esse “duplo vínculo” sem o qual não há tradução e, logo, interpretação e, pois, leitura, é ele também uma performance, cuja cena constitui-se, a um só tempo, do possível e do impossível, do traduzível e do intraduzível. Observe-se que a tradução enquanto acontecimento, enquanto um intrincado jogo performático, faz vir ao palco, à cena, o *double bind* que, por seu turno, é uma performance, poder-se-ia dizer, catártica, que ao promover duplamente o vínculo, desvincula-se a si mesmo e liberta a tradução, fazendo com que essa perpetue a vida, promovendo a sobrevivência do próprio acontecimento.

Por fim, a Desconstrução, insta dizê-lo, ao valer-se do ato tradutório, agrava os deslocamentos e fendas que já existem no texto, mostrando que nunca houve a plenitude, no texto dito original ou na “origem”, que a metafísica tanto reivindicou. Todo texto é tanto diáspora de significados quanto semente que dá origem a vários outros significados e, ademais, tomar um texto como origem magna de outro não é, no mínimo, confiável, visto as (algumas) marcas contingenciais trazidas à baila e debatidas neste capítulo. As perpétuas traduções de um texto, esse excesso luxurioso, quedam-se um *locus* de resistência (conforme lição do professor Paulo Ottoni), conservam e estimulam o direito (que a todo tradutor e, por conseguinte, crítico de tradução assiste, repete-se) de perguntar: “como posso entender isso?” em detrimento de “o que isso significa?” ou mesmo “o que o autor quis dizer?”. As duas únicas traduções da introdução, bem como a primeira e a segunda partes do primeiro diálogo do *Corydon*, de André Gide, para a língua portuguesa é o palco de

⁵⁹ OTTONI, 1997, p. 167.

que se vale esta pesquisa para pôr em movimentação esse intrincado jogo performático e, cabe informar, o figurino é estratégica e economicamente queer.

2. QUEER EM TRADUÇÃO

A presente pesquisa vale-se do queer, em primeiro lugar, devido a sua íntima relação com a Desconstrução derridiana; afinal, como explicitado logo no início do capítulo anterior, aquele tem nessa suas origens, junto à historiografia gay (em especial foucaultiana), à psicanálise e ao ativismo LGBT nascido na década de oitenta do século XX. Em segundo lugar, por conta do conteúdo encerrado na introdução, bem como na primeira e na segunda partes do primeiro diálogo do *Corydon*, de André Gide: uma dentre as várias faces do que, precariamente, nomeia-se de “homossexualidade”, a pederastia em seu molde clássico, isto é, helênico. Como se pode notar, não há a “homossexualidade”, mas, antes, várias. Ademais, cabe dizê-lo, é no primeiro diálogo do *Corydon*, em que Gide performatiza, explicitamente, seu “*coming-out*”, leia-se: sua “saída do armário”, pondo-se ele próprio no fronte contra os costumes deveras preconceituosos, excludentes e heteronormativistas de seu tempo e espaço. A crítica de tradução das duas únicas sobrevidas, em língua portuguesa, da obra em tela, é o elo e, ao mesmo tempo, o cerne, para o diálogo da Desconstrução, dos Estudos Queer e dos Estudos de Tradução. Insta ressaltar que um traço distintivo fundamental e identificador do trabalho desenvolvido nos Estudos de Tradução tem sido a conjugação do trabalho em diversos campos do saber: Estudos Literários, Sociologia, Antropologia, Linguística, Filosofia, Filologia, Estudos Queer, etc. Segundo Susan Bassnett (2003), muitas são as culturas que têm desenvolvido numerosos esforços para abrir o imenso campo da genealogia do pensamento sistemático sobre tradução e para investigar o modo como esta desempenhou um papel modelador na formação dos sistemas literários e na história das ideias.

2.1 Noções preliminares

Um entendimento mais acurado do que será desenvolvido nesta pesquisa demanda certa elucidação, acompanhada de uma breve discussão, acerca de alguns conceitos plasmados, reforçados e naturalizados, sociocultural, ideológica e

historicamente. São eles: sexualidade, sexo e gênero, em especial, e orientação sexual, papel social de gênero e identidade de gênero. Muitos desses, pode-se afirmar, têm como resultado imediato a categorização/rotulação dos indivíduos, de forma deveras reducionista e simplista, assim como o estabelecimento de um sistema normativo de cunho principal, mas não exclusivamente, comportamental, que dita o que é “bom” e o que é “ruim”, o que é normal e o que é anormal, o que se deve e o que não se deve fazer, etc.; legitimando, por conseguinte, diferentes formas de violência, cujos destinatários são todos aqueles forçosamente propulsores à marginalidade, o que já é em si mesmo a violência em movimentação, por não se amoldarem às normas postas.

Buscou-se reunir aqui, de maneira também breve, saberes “erigidos” por várias ciências, como: a biologia, a sociologia, a história, etc., que muito contribuíram para o estabelecimento, historicamente, dos supracitados conceitos. Assim, sem nenhuma pretensão hierarquizante ou falaciosamente didática, traz-se à baila, em primeiro lugar, o conceito de sexualidade, haja vista ser esse, ordinariamente, ensejador de equívocos e irreflexões, dada sua insidiosa e corriqueira associação a outro relevante conceito: o de sexo. Segundo Michel Foucault, em entrevista, destinada à revista canadense *Body Politic*, dada a B. Gallagher e A. Wilson, na cidade de Toronto, em junho de 1982,

A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A sexualidade é algo que nós mesmos criamos – ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações de amor e novas formas de criação⁶⁰.

Ainda na esteira do pensamento do filósofo francês:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo⁶¹ histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço

⁶⁰ FOUCAULT, 2004, p. 260.

⁶¹ Foucault define dispositivo, em sua *Microfísica do Poder* (2007), como um aglomerado heterogêneo que compreende desde discursos: morais, filosóficos, acadêmicos, dentre outros, às práticas sociais.

dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder⁶².

Considerando-se as duas supracitadas referências e sem maiores discorrimientos acerca do assunto, pelo menos por ora, queda-se patente, conquanto se tenha exposto tão-somente a visão de um pensador, que a definição de sexualidade é algo, de fato, complexo, haja vista tratar-se de um aspecto da condição humana que conjuga elementos tão diversos, como inclusive a relação sexual “propriamente dita”.

Quanto a sexo, trata-se de um vocábulo bastante polissêmico, podendo significar desde “genitália” até “lubricidade”, segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009). Além do mais, muitas são as locuções que se lhe associam, como “sexo frágil ou fraco”⁶³ para designar as “mulheres” e “fazer sexo”, ter relações sexuais. Contudo, para a presente pesquisa, é mister dar a conhecer que, a partir dos anos 70 do século passado, os cientistas sociais passaram a utilizar o vocábulo “sexo” para se reportar à divisão estritamente biológica entre machos (produtores de espermatozoides) e fêmeas (produtoras de óvulos). Esta é a definição aqui adotada, *grosso modo*, malgrado seja o vocábulo em questão, comumente usado como se sinônimo de “gênero” fosse.

Antes que se proceda ao desbravamento do conceito de gênero, é imperativo que se diga que o uso do vocábulo “gênero”, como sendo sinônimo eufemístico de sexo, é criticado pelo biólogo britânico Richard Dawkins, em sua obra *The Selfish Gene* (1976), devido ao fato de tal vocábulo ser tomado de empréstimo do conceito de gênero gramatical, que simplesmente reflete a divisão entre masculino e feminino nalgumas línguas indo-europeias, em especial. Outrossim, o linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Júnior, em sua obra póstuma *Estrutura da Língua Portuguesa* (2006), diz:

⁶² FOUCAULT, 2005, p. 100, trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

⁶³ Eis uma locução substantiva que, produto de uma construção sociocultural, ideológica e histórica, é reveladora do *status* inferior atribuído às mulheres, bem como a todos aqueles que trazem a marca do “feminino” em seus corpos, em nossa sociedade marcadamente patriarcal. É consabido que um vocábulo para ser dicionarizado deve preencher todos os requisitos indispensáveis para atestar sua “consolidação” linguística. Ademais, quando um vocábulo é dicionarizado, ele adquire legitimidade, destarte, passa a integrar o supracitado sistema normativo, legitimador de violências.

A flexão de gênero é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português. Em primeiro lugar, em virtude de uma incompreensão semântica da sua natureza. Costuma ser associada intimamente ao sexo dos seres. Ora, contra essa interpretação falam duas considerações fundamentais. Uma é que o gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer se refiram a seres animais, providos de sexo, quer designem apenas «coisas», como *casa*, *ponte*, *andaiá*, femininos, ou *palácio*, *pente*, *sofá*, masculinos. Explicar todas essas ocorrências pela metáfora, à maneira de um pansexualismo freudiano como até certo ponto tentou Leo Spitzer, embora numa focalização diacrônica (Spitzer 1941, 339s) [sic] não nos levaria muito longe⁶⁴.

O debate teórico sobre “gênero” tem sido marcado pela divergência entre, pelo menos, duas correntes: uma essencialista, que se vale de questões de ordem biológica e natural a fim de explicar comportamentos, diferenças, relações e hierarquias entre homens e mulheres; e outra, que concebe “gênero” como organização e construção social dessas relações. Entre essas duas, há um grande número de possibilidades que assumem formas diferenciadas e subvencionam tanto explicações biológicas quanto construcionistas, ora propendo a explicações ditas naturalistas, ora considerando as diferenças sexuais como alicerce para representações e significações culturais, ora introduzindo a biologia no processo de construção social. Joan W. Scott sugere o uso do vocábulo “gênero” de modo mais abrangente, no qual se incluem homens e mulheres em suas diversas conexões, precedências, hierarquias e relações de poder. Conforme Scott:

O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e gênero é uma primeira forma da dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único⁶⁵.

Ademais,

Gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero

⁶⁴ CÂMARA J., Joaquim Mattoso, 2006, p. 88.

⁶⁵ SCOTT, 1995, p. 88, trad. de Guacira L. Louro.

é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo [sic]. [...] Não podemos ver a diferença sexual a não ser como função de nosso saber sobre o corpo e este saber não é “puro”, não pode ser isolado de suas relações numa ampla gama de contextos discursivos⁶⁶.

Apresentaram-se, até aqui, breve, três conceitos fundamentais para os denominados *Gender Studies*: o de sexualidade, o de sexo e o de gênero. Não obstante, restam três outros sobre os quais se deve lançar luz, não apenas por conta de sua grande relevância teórica, mas também por se tratarem de conceitos básicos para os Estudos Queer. Posto isso, tais conceitos: o de orientação sexual, o de papel social de gênero e o de identidade de gênero serão tão-somente, introduzidos, posto que a presente pesquisa não busca um aprofundamento teórico ou debate mais longamente urdido acerca dos mesmos. Apenas a medida necessária e suficiente para promover o bailado queer.

Orientação⁶⁷ sexual denota por qual(is) o(s) sexo(s) uma pessoa se sente, preferencial ou unicamente atraída, física/estética, sexual e/ou emocional/afetivamente. Apesar dos vários quiproquós produzidos pelas taxonomias – vocábulo que já traz em seu étimo (não como “origem” desse) as marcas do normativo (do grego antigo *τάξις*: “colocação em ordem, boa ordem, disposição, ordenação” e *νόμος*: “lei, norma”) –, categorizações, classificações, rotulações, etc., no que diz respeito às questões concernentes, *in lato sensu*, à sexualidade humana, é consabido que, excetuando-se as rotulações, os demais “processos” supraexpostos são, pelo menos até agora, de considerável importância para, no mínimo, a comunicação humana.

Segundo a Associação Estadunidense de Psiquiatria⁶⁸, pessoas atraídas⁶⁹ por outras do mesmo sexo consideram-se de orientação homossexual e,

⁶⁶ SCOTT, 1994, p. 13, trad. de Mariza Corrêa.

⁶⁷ Trata-se de um vocábulo que se mostra, por si só, de cunho bastante normativista. Segundo o dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, já algumas vezes citado, na acepção de número 3 do vocábulo em tela, temos: “prescrição da maneira de organizar-se algo; instrução, regra”. É digno de nota que a locução “orientação sexual” não é, aí, sequer contemplada. “Orientação sexual”, apesar dos pesares, mostra-se um termo um pouco menos inadequado do que “opção sexual” ou “preferência sexual”, haja vista que “opção” indica que uma pessoa teria escolhido a sua forma de desejo. A psicologia moderna, embora não haja consenso a respeito do que exatamente explica a sexualidade de um indivíduo, determina que a orientação sexual não pode ser mudada com terapias (cf. sítio da Associação Australiana de Psicologia) e, ademais, não é uma escolha (cf. CLARKE *et al.*, 2010).

⁶⁸ Vide <http://www.psychiatry.org/mental-health/people/lgbt-sexual-orientation>.

⁶⁹ O vocábulo “atração” é aqui tomado como desejo em movimento(ação).

ordinariamente, chamam-se de gay (tanto homens quanto mulheres, apesar de haver uma associação mais direta a homens) ou lesbiana (tão-somente mulheres); indivíduos atraídos por pessoas do sexo oposto são considerados de orientação heterossexual. Tomando-se “orientação sexual” como um *continuum*, pode-se dizer que indivíduos atraídos tanto por homens quanto por mulheres consideram-se bissexuais. Além do mais, poder-se-ia ainda falar em assexualidade: ausência de atração sexual, tão-somente, ou pouco interesse ou desinteresse mesmo por atividade sexual⁷⁰. Pode-se considerá-la como a ausência de uma orientação sexual ou ainda uma orientação sexual *itself*. Insta distinguir-se assexualidade de “abstinência de atividade sexual” e “celibato”, que estão no plano do comportamento e, via de regra, são motivados por fatores como opinião personalíssima ou crença religiosa.

Quanto a “papéis sociais de gênero”, far-se-á aqui uma associação de papel social com papel teatral. Papel teatral nada mais é que uma personagem representada por um ator ou atriz em uma peça de teatro. Toda associação feita ao sexo biológico macho/fêmea, em uma determinada cultura, em um dado espaço, em uma dada comunidade interpretativa e num determinado tempo/espaço, é considerada papel social de gênero. O comportamento dos indivíduos é consequência das normas e valores sociais que se lhes impõem, bem como de aspectos de sua subjetividade e disposição individual: sua genética, por exemplo. Todas as sociedades conhecidas possuem ou possuíram, no caso daquelas que não mais existem, um sistema/esquema gênero/sexo, ainda que os componentes e funcionamento desse variem bastante no eixo espaço-temporal. Afinal, culturas, sociedades e línguas são dinâmicas e, logo, transformam-se.

Por fim, traz-se a lume o conceito de “identidade de gênero”, que se revela um tanto quanto complexo, visto que se refere à constituição do sentimento individual de “identidade”. De acordo com Robert Stoller:

Todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. Este núcleo não se modifica ao longo da vida psíquica de cada sujeito, mas podemos associar novos papéis a esta "massa de convicções". Este núcleo de nossa identidade de gênero se constrói em nossa socialização a partir do momento da rotulação do bebê

⁷⁰ BOGAERT, 2006.

como menina ou menino. Isto se dá no momento de nascer ou mesmo antes, com as novas tecnologias de detectar o sexo do bebê, quando se atribui um nome à criança e esta passa a ser tratada imediatamente como menino ou menina. A partir deste assinalamento de sexo, socialmente se esperarão da criança comportamentos condizentes a ele. Caso tenha havido um erro nesta rotulação inicial (em raros casos de intersexualidade ou “hermafroditismo”), será praticamente impossível mudar a identidade de gênero deste indivíduo após os três anos de idade, uma vez que ele tiver superado a fase do complexo de Édipo, momento no qual todo ser humano descobre que é único e não a extensão do corpo da mãe⁷¹.

Alguns indivíduos dão-se conta, precoce ou mesmo extemporaneamente, que sua identidade de gênero não corresponde ao seu sexo biológico, sendo esses categorizados/rotulados de transexuais ou de intersexuais⁷², em certas ocasiões. Por outro lado, há também indivíduos transgêneros, cuja identidade de gênero não se encontra em conformidade com o papel social de gênero que lhes é atribuído, independentemente se eles concordam ou não com seu sexo biológico.

Não se poderia finalizar um tópico de fôlego como este que é, “em essência”, reservado tão-somente a certos esclarecimentos, sem se falar de *drag queens* (homens), *drag kings* (mulheres) e, mais recentemente, *crossdressers*⁷³. *Drag queens* e *kings* são artistas performáticos que se travestem, portando um vestuário cômico e/ou exagerado e comportam-se de maneira bastante efusiva, de modo a divertir seu público. *Crossdressers* são indivíduos que se travestem ou usam objetos associados sociocultural e historicamente ao sexo oposto ao seu, por qualquer razão que seja. Tanto *drag queens*, *drag kings* e *crossdressers* podem ter qualquer orientação sexual, ou seja, sê-lo não implica uma adesão compulsória a nenhuma orientação sexual.

⁷¹ STOLLER, 1978 *apud* GROSSI, 1998, p. 8.

⁷² Cabe dizer que intersexualidade, enquanto transgeneridade, é uma “condição” e não uma orientação sexual.

⁷³ Segundo Phyllis Burke, em *Gender Shock: Exploding the Myths of Male and Female* (1997), no texto-fonte: *To cross-dress, whether across class or gender boundaries, means to challenge the identity that society has dictated, to declare that you are not quite what has been determined by powers outside of yourself.*

Tradução nossa: *Cross-dress*, seja através das fronteiras de classe ou gênero, significa desafiar a identidade que tem prescrito a sociedade, declarar que você não é exatamente aquilo que tem sido determinado pelos poderes que são/estão externos a você.

2.2 Queer: Contexto histórico *inter alia*

O discurso até aqui urdido, neste capítulo, pode, porventura, ter se mostrado, a um só tempo, mal-amanhado, tanto sob o aspecto teórico quanto metodológico, e fugidio, como poderia parecer a um cômico não familiarizado ao olhar do caleidoscópio queer. É imperativo dizer que este provável estranhamento foi deliberado e guarda relação com a própria noção de queer. Buscou-se, fenomenologicamente, desse modo, um despertar para certos “conceitos” básicos, bem como, de certa maneira, necessários para uma melhor compreensão dos fios e do processo de cosedura dos mesmos, na confecção do figurino queer, apesar da unívoca, como se poderá perceber adiante, precariedade de tais “conceitos”.

Insta, pois, que se elucide queer. Em termos restritamente morfológicos, poder-se-ia indagar: a que classe gramatical pertence o vocábulo? Qual seria, afinal, seu “gênesis” e sua “razão de ser” no *continuum* do tempo/espaço? Quanto às respostas, unanimidade não há como já era de se esperar. Contudo, isso não se configura, em nenhum aspecto, óbice ao bailado discursivo do presente texto. “Queer” é um vocábulo da língua inglesa que se pode traduzir por “estranho”, “excêntrico”, “peculiar”, “ridículo” ou até mesmo “monstruoso”. Todavia, tal vocábulo se constitui em uma dentre as várias formas insultuosas com que são apontados homens e mulheres “homossexuais”, (valendo-se da nomenclatura acima trazida à baila). Um aviltamento que, de acordo com o *Online Etymology Dictionary*⁷⁴, tem seu primeiro registro escrito no ano de 1922 e, conforme Judith Butler, contém a força de uma repetida vociferação, ecoando e iterando o bramido de muito grupos homófobos. Uma dada vertente dos movimentos “homossexuais” avoca, nos idos da década de 80 do século XX, tal vocábulo para si com o propósito de destacar seu caráter opositivo e contestatório. Num primeiro momento, seu alvo é, indubitavelmente, o que se convencionou nomear de “heteronormatividade” compulsória da sociedade e, subsequente e inevitavelmente, o intento normalizador e estabilizador da política identitária do movimento “homossexual” preponderante à época.

“Queer” pode ser, respondendo à primeira questão supracolocada, em termos restritamente morfológicos, um adjetivo, um substantivo, um verbo ou mesmo uma

⁷⁴ Vide:

http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=queer&searchmode=none

situação/espço de adverbialidade, mas, em qualquer caso, define-se contrariamente ao “normal” e ao normativo. Vê-se aí, por tudo o que foi exposto até o momento, que o queer guarda uma íntima relação com a Desconstrução. Afinal, o queer também visa a um descentramento da estruturalidade da estrutura. Para a professora Guacira L. Louro (2004), “queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora”⁷⁵. Além do mais, os Estudos Queer não se constituem em “um quadro de referência singular, conceitual ou sistemático, mas sim uma coleção de compromissos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual”⁷⁶, descrevendo, assim, uma gama diversa de práticas e prioridades críticas.

“Queer”, enquanto orientação ou método político, organiza-se em torno da lavra de um dado grupo de intelectuais da década de noventa do século passado, que se assenhoraram do termo para representar seu labor e sua perspectiva teórico-ideológica. Tratava-se de um corpo internamente deveras heterogêneo, mas cujos membros apresentavam apropinquações expressivas. Steven Seidman (1995) assim resume:

Os/as teóricos/as queer constituem um agrupamento diverso que mostra importantes desacordos e divergências. Não obstante, eles/elas compartilham alguns compromissos amplos – em particular, apoiam-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método [*sic*] de crítica literária e social; põe em ação, de forma decisiva, categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia descentradora ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes⁷⁷.

Posto isso, carece esclarecer que o “queer” não é fruto, tão-somente, de questões tópicas do fazer “político e teórico”, *grosso modo*, “homo”. Faz-se necessário entendê-lo no contexto mais amplo do Pós-Estruturalismo, ou em termos que se querem mais precisos, pode-se postular que, tanto teórica quanto metodologicamente, os Estudos Queer nascem do encontro do Pós-Estruturalismo francês e da Desconstrução que, por seu turno, como já foi dito, constitui-se numa

⁷⁵ LOURO, 2004, p. 38-39.

⁷⁶ SPARGO, 2006, p. 8.

⁷⁷ SEIDMAN, 1995, p. 125 *apud* LOURO, 2001, p. 546-547.

das mais importantes manifestações do movimento intelectual denominado de Pós-Estruturalismo. Observe-se que por mais paradoxal que possa parecer, o “queer” nasce a partir de um processo que se poderia, tranquilamente, nomear de “queering”. De tal encontro, coloca-se em xeque concepções, até então (ou não), clássicas de “sujeito”, “identidade”, “agência” e “identificação”. A ruptura com a concepção cartesiana de “sujeito”, cujo alicerce assentava-se no célebre “*cogito ergo sum*”, como a base de uma ontologia e epistemologia, mostra-se capital para a derrocada de todo um *modus operandi e cognoscendi*.

Da Psicanálise, já no começo do século XX, vêm as contribuições de Freud, com sua exposição acerca do “inconsciente” e da vida psíquica, e, na sequência, de Lacan, abalando toda e qualquer certeza quanto ao “processo de identificação e agência, ao afirmar que o sujeito nasce e cresce sob o olhar do outro, [...], que ele sempre se percebe e se constitui nos termos do outro”⁷⁸. Contudo, o aporte de maior vulto vem de Michel Foucault⁷⁹, com sua hercúlea *Histoire de la Sexualité*, em três tomos, sendo o primeiro, *La Volonté de Savoir* (1976), o mais relevante para o posterior desenvolvimento dos Estudos Queer, bem como de Jacques Derrida, de quem virá a movimentação desconstrutora incorporada pelos teóricos e teóricas queer. Derrida sustenta que a lógica ocidental efetua-se, fundada na tradição, por meio de binarismos: há uma eleição e fixação de um sujeito, entidade ou mesmo ideia como fundante e primordial, estabelecendo-se, destarte e deste *locus*, o posto a ser assumido e representado pelo outro, ou seja, o seu oposto subordinado. Exemplo já trazido à baila é a relação entre significante e significado. Grosso modo, toma-se como superior, robusto e daí, poder-se-ia depreender, legítimo, o elemento fundante ou primordial e como ífero, débil e ilegítimo o seu oposto subordinado. Eclode, pois, daí, o conceito derridiano de “suplementaridade”. Derrida obra a ideia de uma movimentação contínua, que se preste à desconstrução para, maquinadamente, reverter, descontrolar e sublevar esses binômios, o que engendraria o abalamento de tal lógica.

⁷⁸ Apud LOURO, 2001, p. 547.

⁷⁹ Michel Foucault e Jacques Derrida, é consabido, divergiram ao longo da vida sobre várias questões acadêmicas, sendo a leitura que cada um deles promoveu acerca de Descartes a principal. Entretanto, tais divergências não se constituíram em óbice para o desenvolvimento dos Estudos Queer.

Foucault, em sua *opus supracitatus*⁸⁰, mostra que a *scientia sexualis* [sic] ocidental dedicou-se a encontrar a “verdade” sobre a sexualidade e, para isso, num primeiro momento, adotou-se a confissão como método-chave para deslindá-la. Do ato confessional religioso, “passando pelas práticas médicas, judiciais, pedagógicas e familiares até a ciência contemporânea da psicanálise”⁸¹, pode-se “traçar uma história de homens e mulheres, meninos e meninas escrutinando seus desejos, emoções e pensamentos, passados e presentes, e relatando-os a alguém”⁸². Mostra desses ecos seria a própria “confissão” de André Gide, no primeiro diálogo de seu *Corydon*. Isto é, a própria forma literária por ele elencada, o diálogo dito socrático, funcionaria como um palco confessional.

É a partir do século XVIII que a sexualidade passa a ser encarada como algo que devesse, ao invés de ser julgado, ser regrado e monitorado. E é o século XIX o berço da moral, concernente à sexualidade, que retumba em alto som até os dias de hoje. Outrossim, argumenta Foucault, a construção da “homossexualidade”, diferentemente do que calorosamente propunha um grande número de historiadores que lhe eram coetâneos, é produto dos oitocentos (em sendo mais incisivo, dir-se-ia a parte final do período), de uma moral vitoriana e de um sistema de produção capitalista em transformação, em cujo centro encontrava-se a figura da família nuclear burguesa, “bem estruturada” e “saudável”. O pensador francês diz que a “homossexualidade”, assim como a sexualidade em geral, deveria ser enxergada como “uma categoria de saber construída” em detrimento de uma “identidade descoberta”.

A partir dos preceitos foucaultianos, argumenta o professor Richard Miskolci (2007) que

(...) a sexualidade é um dispositivo histórico do poder que se desenvolveu nas sociedades ocidentais modernas desde fins do século XVIII e se baseou na inserção do sexo em sistemas de utilidade e regulação social. A sexualidade, como dispositivo, opera por meio de um conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais, daí sua compreensão exigir procedimentos que articulem elementos tão diversos de regulação da vida social quanto discursos, instituições, formas

⁸⁰ O emprego do gênero gramatical feminino é aí intencional. Tradicionalmente, traduzem-se as palavras de gênero neutro latinas pelo masculino em língua portuguesa.

⁸¹ SPARGO, 2006, p. 14.

⁸² *Ibidem*.

arquitetônicas, enunciados científicos, proposições morais e filosóficas⁸³.

Considerando-se o acima apresentado, cabe elucidar que se pretendeu aqui localizar o percurso intelectual trilhado na constituição e consolidação dos Estudos Queer. O percurso eleito assume as feições de um atalho, haja vista que, como é consabido, a todos e todas impõem-se-nos, de uma maneira ou de outra, escolhas e limites. O espaço/tempo, traduzido em palavras, linhas ou páginas, dispensadas a uma ou outra dada coisa integrante do objeto elencado, impõe limites vários e, estes, culminam em escolhas. Nada traumático. Pelo contrário, vê-se, aí e assim, uma (dentre várias possíveis) peça importante no jogo de construção e, conseqüentemente, desconstrução de saberes.

Muitos são os pesquisadores e as pesquisadoras, como Eve K. Sedgwick, Gayle Rubin, Michael Warner, Sarah Ahmed e a célebre Judith Butler, que se filiaram ao discurso crítico-teórico erigido por, principal mas não exclusivamente, Michel Foucault e Jaques Derrida. Os supracitados pesquisadores e pesquisadoras procederam a análises sociais que destacam a fundamental importância dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo homossexual/heterossexual para a organização da vida social, atribuindo, por conseguinte, maior relevo aos aspectos críticos direcionados a um mecanismo do “conhecimento” e da “diferença”. Queer, consoante Seidman, pode-se entender como o estudo

(...) daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, culturas e instituições sociais⁸⁴.

A perquisição acerca do modo hodierno como se lida, na literatura, com a “homossexualidade” foi arquitetada por Sedgwick, em *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire* (1985), obra que não se queda atada a um debate sobre “gênero”, etiquetado pelo onipresente heterossexismo que opõe homens a mulheres, nem a uma perspectiva dos Estudos LGBT. De acordo com

⁸³ MISKOLCI, 2007, p. 3.

⁸⁴ SEIDMAN, 1996, p. 13 *apud* MISKOLCI, 2009, p. 154.

Sedgwick, a autoridade exercida sobre as mulheres associa-se à rejeição das relações amorosas entre homens, de forma que a misoginia (do grego antigo *μῖσος* “ódio” e *γυνή* “mulher”) e a homofobia⁸⁵ (do pseudoprefixo homo- e *φόβος* “medo”, “aversão”) são interdependentes. Ademais, Sedgwick, ao estudar os triângulos amorosos nos romances ingleses do século XIX, mostra que o binarismo homo/heterossexualidade emergiu não como uma oposição excludente, mas, antes, como necessariamente relacionada. Ela afirma que certas formas de dominação homosocial, em especial, a do presente, dependem da rejeição de laços eróticos entre homens e na projeção deles em uma figura estigmatizada, monstruosa: o homossexual. Esta pesquisa vai mais adiante e ousa dizer que não se trata, simplesmente, da figura do homossexual, mas, sim, do homossexual afeminado, isto é, aquele que traz plasmadas em seu corpo as marcas do que se toma por “feminino”, “de mulher”.

Cabe trazer à baila a contribuição de Hans Mayer, na obra *Außenseiter* (1975), traduzida⁸⁶ para o português brasileiro em 1985 sob o título *Os Marginalizados*. Aí, Mayer assevera que a obra *Les Faux-monnayeurs*⁸⁷, primeiro⁸⁸ romance de André Gide e publicado na *Nouvelle Revue Française* um ano após *Corydon*, permite delinear o que Mayer chama de “tipologia da literatura homossexual”. Para o literato alemão, a obra em tela apresenta “um cosmos fechado: mundo masculino delimitado, ginófobo, sem pátria social, parasitário”⁸⁹. Em *Les Faux-monnayeurs* as personagens, os pontos de vista narrativos e as intrigas secundárias são numerosos, mas tudo gira em torno de uma “história central” no interior da qual jaz um triângulo de “homens”: os jovens estudantes Bernard e Olivier e o escritor, mais velho que esses, Édouard. Trata-se de um mundo jovem masculino, em que senilidade e feminilidade não têm vez. As “mulheres” são aí, expressamente, um estorvo. Exemplificando: Laura é vítima, a amante que estorva

⁸⁵ Segundo Louis-George Tin (*Dictionnaire de l'homophobie*. Paris: PUF, 2003), o termo aparece pela primeira vez já nos anos 60, mas, oficialmente, foi empregado pelo psicólogo K. T. Smith, em 1971, em artigo intitulado *Homophobia: A tentative personality profile* (Psychological report, nº 29, 1971).

⁸⁶ Tradução de Carlos Almeida Pereira.

⁸⁷ Gide aí promove, não no que diz respeito aos aspectos de sexualidade, gênero e desejo, mas na forma literária, muito *grosso modo*, o “queer”. Ele põe em ação o “queer”, no sentido de “*troubling*”, ao romper com a longa tradição literária do romance linear; por meio da personagem Édouard, Gide apresenta os limites da pretensão do romance de reproduzir o “mundo real”. Ademais, cabe dizê-lo, esta obra figura na lista do “*Grand prix des Meilleurs romans du demi-siècle*” e é considerada precursora do *Nouveau Roman*.

⁸⁸ Na dedicatória da obra, lê-se: “*A R. M. du G. je dédie mon premier roman en témoignage d'une amitié profonde*”.

⁸⁹ MAYER, 1985, p. 248.

em um mundo que desconhece o passado. Vista do alto, lady Griffith parece ter uma íntima relação com a dinastia das garbosas e aristocráticas mulheres de “indecência” da literatura europeia dos setecentos. Na visão de Mayer, essa junto com o conde de Passavant, que é seu enamorado, permoformizam,

(...) segundo a intenção [*sic*] de Gide, a moeda falsa da moral, da arte e da erótica. Sua última carta a Passavant, Gide faz que seja interrompida quando foi atingido o objetivo para o leitor: evocar a caricatura de um amor que definha entre um homem e uma mulher. O fato de ela ser morta por Vincent na África sem que se desperte qualquer comoção faz parte do complexo de ódio e desprezo⁹⁰.

Tanto *Corydon* como *Les Faux-monnayeurs* (obra em que o escritor francês ilustra suas “teorias”, desenvolvidas anteriormente no *Corydon*, acerca da **pedagideação**, ou seja, daquele *modus* com que o autor lida com uma das faces da “homossexualidade” masculina: a pederastia), mostram-se deveras misóginos em sentido amplo, pois adversa-se, explicitamente, também os indivíduos, em sua dicção, “*invertis*” (literalmente: “invertidos”), isto é, efeminados. Duas são as menções. Na primeira, trata-se do discurso do interlocutor-“heterossexual”-visitante de Corydon:

Meus olhos buscavam em vão, no cômodo no qual ele me introduziu, essas marcas de efeminação que os especialistas encontram em tudo que diz respeito aos invertidos, e com as quais pretendem nunca se terem enganado⁹¹.

Ao passo que na segunda, é o próprio Corydon a enunciar:

Os médicos que, ordinariamente, tratam desses assuntos tão-somente ocupam-se dos uranistas vergonhosos; dignos de pena, queixosos, invertidos, doentes⁹².

⁹⁰ MAYER, *ibidem*, p. 250.

⁹¹ Tradução nossa. Texto-fonte: *Mes yeux cherchaient en vain, dans la pièce où il m'introduisit, ces marques d'efféminement que les spécialistes retrouvent à tout ce qui touche les invertis, et à quoi ils prétendent ne s'être jamais trompés* (GIDE, 1924, p. 16)

⁹² Tradução nossa. Texto-fonte: *Les médecins qui d'ordinaire traitent de ces matières n'ont affaire qu'à des uranistes honteux ; qu'à des piteux, qu'à des plaintifs, qu'à des invertis, des malades* (*Ibidem*, p. 30).

De posse da lição tanto de Mayer quanto de Sedgwick, uma questão surge: não seriam a misoginia e a homofobia não só interdependentes, mas, antes, esta seria tão-somente uma performance daquela? Há aí um profícuo *locus* de discussão que não é, exatamente, o desta pesquisa.

O entendimento de que a ordem social contemporânea não se queda diferente de uma ordem sexual tem também em Sedgwick uma pioneira. Sua estrutura encontra-se na díade, no binarismo homo/heterossexualidade, no qual dá-se primazia à “heterossexualidade” mediante um dispositivo que a naturaliza e, concomitantemente, torna-a compulsória; daí falar-se em “heterossexualidade compulsória”⁹³. Em síntese, a ordem social, não só do presente, esteia-se no que Michael Warner (1991) denomina de “heteronormatividade”. Segundo ele e Lauren Berlant:

Por heteronormatividade entendemos aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias); é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral⁹⁴.

Sendo a heteronormatividade um conjunto de prescrições que se justificam em práticas sociais de controle e regulação, ela se manifesta naqueles e naquelas cuja marginalidade, quiçá monstruosidade, é construída por e a partir dela. Exemplo clássico é a maneira como certas “culturas sexuais” hegemônicas definem a si mesmas: *vide* o binômio discursivo: gay passivo/ativo, que, situado num vácuo representativo, usurpa a fala binária de seu carníface, a fim de circunscrever papéis/posições/posicionamentos sexuais. Vê-se em tal representação discursiva, quer venha daqui ou dacolá, uma emulação de natureza falocêntrica, em cujo cerne habita a figura da penetração sexual, sem a qual não se pode falar em relação sexual legítima e que, a um só tempo, esvazia e descaracteriza, por exemplo, as relações sexuais estabelecidas por “lesbianas”, e confere poder e primazia ao sujeito ativo da movimentação. Para ilustrar o que se acaba de discutir, trazem-se à baila as

⁹³ Expressão cunhada pela poeta, feminista e ensaísta estadunidense Adrienne Rich, em ensaio intitulado *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence* (1980).

⁹⁴ BERLANT & WARNER, 2002, p. 230 *apud* MISKOLCI, 2007, p. 5.

quatro primeiras acepções dos vocábulos: ativo e passivo, do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), dado que se revelam, em si e nos exemplos que trazem, muito mais eloquentes do que muito discurso, quer seja crítico-analítico ou panfletário-militante. Ei-las *in verbis*:

Ativo (*Datação: séc. XV*)

□ Adjetivo

- 1 que exerce ação; que age
Ex.: *foi um homem a. até a morte*
- 2 que tem a faculdade de agir
Ex.: *espírito a.*
- 3 que atua de modo rápido, dinâmico; ágil, diligente, vivo
Ex.: *o comando da tropa precisa de homens a.*
- 4 que participa ou influencia; atuante, participante
Ex.: *os ecologistas têm papel a. na política ambiental*

Passivo (*Datação: séc. XV*)

□ Adjetivo

- 1 que sofre ou é objeto de uma ação ou impressão
- 2 sem iniciativa; indiferente, apático
Ex.: *temperamento p.*
- 3 Rubrica: filosofia.
carente de liberdade ou livre-arbítrio
- 4 Rubrica: gramática, linguística.
que sofre a ação do verbo (diz-se de sujeito de frase, na voz passiva ou cujos predicados exigem sujeito paciente)

A heteronormatividade, logo, não guarda relação apenas com os sujeitos ditos superiores e legítimos, como se exemplificou acima, mas se constitui em hibridismo engendrado na contemporaneidade para o dispositivo histórico da sexualidade, que torna manifesto o seu propósito: guiar todos e todas por veredas que levam ao “tesouro” da “heterossexualidade” ou que esses e essas organizem suas vidas e

saberes, apoiando-se no modelo eleito como, pretensiosamente, “natural”, “superior” e “lógico/racional”.

Apesar das várias críticas feministas tecidas a Michel Foucault, devido a sua preocupação quase que exclusiva com a “homossexualidade masculina”, não importando a explicação que a isso se deu ou ainda se dá, a obra do filósofo francês foi (e ainda o é) indiscutivelmente profícua para que os trabalhos acerca da sexualidade humana realizassem-se de forma autônoma e não-subsidiária à análise de gênero. Nada obstante, compuseram, no pensamento contemporâneo, as íntimas ligações entre essas duas “categorias” – sexualidade e gênero, um campo de posteriores estudos e intervenções. No arrimo desta discussão, não se poderia olvidar Judith Butler e sua obra seminal para os Estudos Queer – *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (1990) e seu conceito de “performatividade de gênero”. Não é nada difícil perceber que a autora se nutre das ideias de Michel Foucault para o desenvolvimento de sua teoria feminista de gênero, com o intuito de “expor e explorar modelos naturalizados e normativos de gênero e heterossexualidade”⁹⁵. Butler avoca o argumento de Foucault de que a sexualidade se produz no campo discursivo e o amplia para incluir o gênero, “categoria” esta que ocupa uma posição privilegiada na análise dos desejos e relações sexuais na investigação da intelectual.

Consoante Butler (1990), gênero é um efeito performativo experienciado pelo indivíduo como uma identidade natural, negando, portanto, a hipótese de que a “categoria” “identidade de gênero” possa servir de base a uma política gay, feminista ou o que quer que o valha. Toda tentativa de “desenvolver qualquer identidade como um fundamento irá inevitavelmente, ainda que inadvertidamente, sustentar as estruturas normativas binárias das atuais relações de sexo, gênero e libido”⁹⁶. Ademais, cabe trazer ao debate a figura do “corpo” que, partindo de Foucault, é lido por Butler como não-naturalmente “sexuado”, porém assim se torna por via de processos culturais que fazem uso da produção da sexualidade a fim de sustentar, ampliar e perpetuar relações de poder específicas. A filósofa estadunidense, a partir e através da análise de Foucault, em uma direção que não se poderia chamar de oposta, concebe o corpo como uma “prática significativa”.

⁹⁵ SPARGO, 2006, p. 48.

⁹⁶ SPARGO, *ibidem*, p. 49.

Para ela, o “efeito de gênero” é desenvolvido como “temporalidade social” por meio da repetição estilizada de atos corporais, gestos e movimentos particulares⁹⁷. Ou seja, as pessoas não se comportam de dada maneira por conta de sua “identidade de gênero”; elas adquirem tal “identidade” através desses padrões comportamentais, padrões que sustentam normas de “gênero”. Essa repetição é, a um só tempo, reencenação e reexperimentação de uma série de significados já estabelecidos no plano social, bem como a forma humana e ritualizada de sua legitimação⁹⁸.

2.3 *Corydon* queer?

O que se produziu até os dias de hoje acerca do encontro da Desconstrução, dos Estudos Queer e dos Estudos de Tradução? Ou menos: dos Estudos Queer e dos Estudos de Tradução? Há um relativo grande número de obras e pesquisadores/pesquisadoras⁹⁹ que se ocuparam/ocupam da intersecção dos Estudos Feministas/*Gender Studies* e dos Estudos de Tradução, podendo-se falar, de certa maneira, de uma tradição em via de consolidação. No entanto, malgrado os Estudos Queer terem debutado na academia por volta do final da década de oitenta e início da de noventa do século XX, trazendo consigo “(...) ideias de contingência, gênero performativo, com significado similarmente contingente, e uso linguístico”¹⁰⁰, poucos são os trabalhos acadêmicos sobre o “queer” em tradução, em nível internacional. A este respeito, Cristiano A. Mazzei, em sua “dissertação” de mestrado, cujo título é *Queering Translation Studies* (2007), diz:

A teoria e prática da tradução tem se tornado, cada vez mais, um produtivo campo a ser explorado por diversas e diferentes disciplinas acadêmicas, incluindo Antropologia e Etnografia, com a tradução sendo frequentemente utilizada como metáfora para representação. Na corrente pós-colonial dos Estudos de Tradução, os acadêmicos constantemente nos lembram da deturpação de povos e culturas em posições minoritárias e

⁹⁷ BUTLER, 1990.

⁹⁸ *Ibidem*.

⁹⁹ Lori Chamberlain, 1988; Luise von Flotow, 1991; Rosemary Arrojo, 1994; Sherry Simon, 1996; Sabine Messner e Michaela Wolf, 2001; José Santaemilia, 2005, etc.

¹⁰⁰ Tradução nossa. Texto-fonte: (...) *ideas of contingency, performative gender with similarly contingent meaning and language use* (FLOTOW, 2011, p. 122).

marginalizadas. Com exceção de Keith Harvey, que tem obrado pesquisa acerca de questões de tradução emergindo do *camp style* homossexual e da formação identitária gay (1998, 2000, 2003), da tradução interlingual¹⁰¹ de diferentes e marginalizadas sexualidades¹⁰².

Posteriores à pesquisa de Mazzei, há ainda, em língua francesa, o artigo intitulado *Notre Dame du Queer ou du mauvais genre en traduction* (1998), de Nadia Louar e, em língua inglesa, *Inverting the text: A proposed queer translation praxis* (2010), de William M. Burton, *'This is My Girlfriend, Linda' – Translating Queer Relationships in Film: a Case Study of the Subtitles for Gia and a Proposal for Developing the Field of Queer Translation Studies* (2010), de Elizabeth Sara Lewis, e *Queering Translation: Transcultural Communication and the Site of the You* (2011), de Roland Weißegger. Ora, a presente pesquisa não tem como pretensão obrar um novo “*fiat lux*”, o que faria arruinar o palco tanto desconstrutor quanto queer. Esta, logo, vale-se de todos esses “elementos”, urdidos até o momento na confecção do “queer” em tradução. Além do mais, é mister dizer que, assim como na Desconstrução, não há como se falar em tradução sem se considerar as múltiplas línguas envolvidas neste intrincado jogo performático; o mesmo vale para o “queer”, mais especificamente para o “queer” em tradução.

Como supradito, “queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora”¹⁰³. Ora, insta esclarecer que essa “diferença” que rejeita toda e qualquer assimilação ou tolerância deixa-se representar (pela semelhança) e,

¹⁰¹ Termo cunhado por Roman Jakobson (1995, p. 65). Não obstante, na senda desconstrucionista, como já se elucidou no capítulo anterior, a tradução queda-se um acontecimento, um intrincado jogo performático, na e da linguagem humana que manifesta, a um só tempo, várias línguas e as diferenças e semelhanças entre elas. Ou seja, não há que se falar em **inter-**, mas, sim, em **multi-** e **trans-**. A tradução não se configura em transporte que se quer sem contaminação entre dois polos estanques: uma língua dita materna e outra estrangeira. Ademais, o “queer” só é possível *por, a partir de e em* desconstrução. Destarte, a pesquisa de Mazzei calca-se num conceito de tradução equivocado, pelo menos sob lupas da Desconstrução e, por conseguinte (neste caso específico), queer. Nada obstante, a pesquisa em consideração é digna de nota, porquanto debuta, pelo menos no que concerne a textos acadêmicos de maior vulto (dissertações e teses), a reflexão acerca do “queer” em tradução. Esta pesquisa é, em dada maneira, tributária daquela.

¹⁰² Tradução nossa. Texto-fonte: *The theory and practice of translation has increasingly become a productive field to be explored by several different academic disciplines, including anthropology and ethnography, with translation often being used as metaphor for representation. In postcolonial translation studies scholars constantly remind us of the misrepresentation of peoples and cultures in minority and marginalized positions. With the exception of Keith Harvey, who has done research on translation issues arising from homosexual camp style and gay identity formation (1998, 2000, 2003), very little has been written issues arising from interlingual translation of different and marginalized sexualities* (MAZZEI, 2007, p. 1).

¹⁰³ LOURO, 2004, p. 38-39.

outrossim, traduzir. Ao se falar em “assimilação” e “tolerância”, vê-se claramente daí emergir um desejo de um não-desejo ou mesmo repulsa, bem como uma performance política, conquanto se insista que não é bem isso. É *conditio sine qua non* entender/perceber/traduzir o “queer” em tradução como uma não-categoria categorizável e como uma não-identidade identificável. Afinal, discursos produzem tanto aquilo que eles descrevem como o que não descrevem ou ainda aquilo que eles querem não descrever. Nossa pesquisa obra, como já elucidado, a ideia de tradução enquanto um intrincado jogo performático (ensejando variadas performances), que se deixa traduzir-por e, ao mesmo tempo, subverte tantos vários binarismos que têm se mostrado tão caros aos Estudos de Tradução ao longo dos séculos. Ademais, esse intrincado jogo performático opera/põe em moviment(ação) diversas “identidades”. O que se entende por “identidade”, nesta pesquisa, coaduna-se com o que diz Weißegger (2011): “o resultado, bem como a fonte de duas dimensões: identidade pessoal e coletiva”¹⁰⁴. Faz-se necessário salientar que essas duas dimensões são inter-relacionadas. Isto é, “nossas identidades” são fortemente influenciadas ou, em termos últimos, forjadas pelas “identidades coletivas” que nos são acessíveis e, também, com as quais nos são possíveis identificar; ao mesmo tempo, “identidades pessoais” podem influenciar as diversas “identidades coletivas”. Harvey (2000) assevera que “a questão central da formação identitária – ‘Quem sou eu?’ – é remodelada como ‘(A)onde eu pertença?’”¹⁰⁵.

A questão da visibilidade de grupos marginalizados, dentre os quais figuram culturas e sexualidades transviadas, bem como a própria figura do tradutor, delineia-se consideravelmente nos Estudos de Tradução¹⁰⁶. Todavia, tais exames, via de regra, pressupõem a existência de “identidades” marginalizadas-homogêneas-estancas que, então, demandam um pouco mais do que tão-somente a luz do sol – leia-se visibilidade – para prosperar e florescer. Assim,

(...) elas negam/ofuscam que essas identidades/sujeitos, prosperando ou não, podem muito bem já não estarem plantadas, esperando prontamente o tempo certo para emergir, mas, antes, emerge tão-somente através da própria emergência: a identidade de alguém não é um dado pré-social,

¹⁰⁴ Tradução nossa. Texto-fonte: *the outcome as well as the source of two dimensions: personal identity and collective identity* (WEIßEGGER, 2011, p. 165).

¹⁰⁵ Tradução nossa. Texto-fonte: *the central question to identity formation – ‘Who am I?’ – is recast as ‘Where do I belong?’* (HARVEY, 2000, p. 146)

¹⁰⁶ Vide: Keenaghan, 1998 e Venuti, 1994.

mas, antes, algo que uma pessoa adquire/está adquirindo no e através do social¹⁰⁷.

Calcamos-nos na ideia de que não há nenhuma “essência” pré-social e/ou pré-discursiva quanto a nenhum sujeito ou identidade, mas, pelo contrário, esse sujeito constrói-se no plano discursivo e interacional. Logo, a tradução, esse intrincado jogo performático, é um *locus idealis* para deflagrar a “construtividade” de identidades/realidades, ou seja, para fazê-las “sair do armário”. Nessa deflagração, o tradutor e o crítico de tradução, como já dito, encenam e ao fazê-lo criam, escrevem, circunscrevem, tomando parte de modo efetivo e engajado, na produção e transformação de significados.

Volve-se, então, ao primeiro diálogo do *Corydon*, a fim de responder à pergunta que intitula a presente parte desta pesquisa: *Corydon* queer? Pois bem, o primeiro diálogo consiste de três partes e uma introdução na qual se apresentam ao leitor a personagem que dá título ao livro, *Corydon*, e seu interlocutor, um narrador-personagem. É digno de nota que a versão de 1911 de tal introdução difere consideravelmente. Pois bem, *Corydon* é trazido à baila por seu interlocutor-“heterossexual” que decide fazer-lhe uma visita. Há dez anos seu interlocutor não tinha com *Corydon* e o descreve, inicialmente, à época da última vez em que tiveram, nos seguintes: “(...) um rapaz ardoso, doce e altivo ao mesmo tempo, generoso, prestativo, cujo olhar logo conduzia à estima”¹⁰⁸. Na sequência o interlocutor faz vir à tona suas interpretações/traduições acerca do local do qual e no qual encontram-se ele e *Corydon*, isto é, um ou o cômodo do apartamento deste (trata-se certamente do cômodo no qual trabalha *Corydon*, pois segundo o interlocutor: “Sobre sua mesa de trabalho, o retrato de um velho de longa barba branca, [...], o estadunidense Walt Whitman”¹⁰⁹). Ao fazê-lo, ele acaba que por circunscrever *Corydon*, quiçá inconscientemente mesmo. Vê-se aí o local, enquanto materialidade, e o sujeito que nele performatiza, serem circunscritos a partir do olhar e crivo do interlocutor enquanto sujeito histórico. *Corydon* é pessoa valorosa,

¹⁰⁷ Tradução nossa. Texto-fonte: (...) *they deny/obfuscate that these identities/subjects, whether thriving or not, may very well not already be planted, waiting readily for the right time to emerge, but much rather emerge only through emerging itself: someone's identity is not a pre-social given, but much rather something oq acquires / is being acquired in and through society* (WEIßEGGER, *ibidem*).

¹⁰⁸ Tradução nossa. Texto-fonte: (...) *un garçon plein de flamme, doux et fier à la fois, généreux, serviable, dont le regard déjà forçait l'estime* (GIDE, 1924, p. 15).

¹⁰⁹ Tradução nossa. Texto-fonte: *Sur sa table de travail, le portrait d'un vieillard à grande barbe blanche, [...], l'Américain Walt Whitman* (*Ibidem*, p. 16).

malgrado a “(...) deplorável reputação que seus costumes começavam a lhe imputar”¹¹⁰. Quando o interlocutor penetra o cômodo (o verbo não é, bem provável, aqui empregado despreziosamente), poder-se-ia dizer, sente-se aliviado com sua não-percepção de marcas/marcações explícitas de efeminação, que ele tanto temia, nem em Corydon: “É verdade que Corydon não causa nenhum embaraço por sua postura, que permanece correta, até com uma certa afetação de austeridade”¹¹¹, tampouco no local: “Meus olhos buscavam em vão, no cômodo no qual ele me introduziu, essas marcas de efeminação que os especialistas encontram em tudo que diz respeito aos invertidos, e com as quais pretendem nunca se terem enganado”¹¹². Vê-se que o estorvo não se queda exatamente o que se poderia, rasamente, nomear de “homossexualidade”. O incômodo, na realidade, o medo: “(...) a lamentável impressão que eu **temia**”¹¹³, que aqui deixa-se traduzir em termos de “homofobia”, faz provar a assertiva de Sedgwick, em que é translido, de que certas formas de dominação homosocial, em especial, a do presente, dependem da rejeição de laços eróticos entre homens e na projeção deles em uma figura estigmatizada, monstruosa: o homossexual, mais precisamente aquele que não cansado de seu vício sexual deplorável (desejo indesejado), acresce marcas de feminilidade a isso. Ora, não é o caso de tal “homofobia” ser tão-somente uma performance de “misoginia”? É bem provável. Por fim, faz-se necessário dar a conhecer que a tradução cumpre um papel essencial na urdidura do diálogo “propriamente” dito, pois traz à baila a figura de Walt Whitman, o exemplo de Corydon, e de Bazalgette, seu inimigo. O interlocutor, ademais, se vale da biografia de Whitman que, por sua vez, é obrada por Bazalgette para encetar o diálogo, o palco de que lança mão Gide, o próprio palco confessional, em que as palavras bailam:

Sobre sua mesa de trabalho, o retrato de um velho de longa barba branca, que logo reconheci ser o do estadunidense Walt Whitman, pois esse figura na capa de uma tradução que o senhor Bazalgette acaba de publicar de sua obra, bem como uma biografia desse poeta, volumoso estudo do qual tinha

¹¹⁰ Tradução nossa. Texto-fonte: (...) *déplorable réputation que ses mœurs commençaient de lui valoir (Ibidem)*.

¹¹¹ Tradução nossa. Texto-fonte: *Il est vrai que Corydon ne la donne pas non plus par sa mise, qui reste correcte, avec même une certaine affectation d'austérité (Ibidem)*.

¹¹² Vide nota nº 36.

¹¹³ Tradução nossa. Texto-fonte: (...) *la fâcheuse impression que je craignais (Ibidem)*.

tomado conhecimento recentemente e que me serviu de pretexto para dar início à conversação¹¹⁴.

Na primeira seção, Corydon expõe os conceitos-chave do “bem-estar” e da “naturalidade”, do que ele chama, primeiro, de “homossexualidade”. Ao fazê-lo, ele se vale da desconstrução, por meio de uma tradução, do discurso, *in lato sensu*, de Bazalgette, acerca de Whitman. Para ele o pensamento de Bazalgette traduz-se num silogismo que se pode retorquir. Ei-lo *in verbis*: “A homossexualidade, diz ele em princípio, é uma inclinação contra a natureza. Ora, Whitman gozava de perfeita saúde; era, propriamente falando, o representante mais perfeito, que nos ofereceu a literatura, do homem natural...”¹¹⁵.

Vê-se claramente que esse intento “naturalizador” de Corydon lança mão da desconstrução da ideia de “contra-natureza” para fazer ruir todo o palco discursivo/tradutório “heteronormativista” de seu tempo e espaço. Ao detalhar a situação atual, por volta de 1908, ele brevemente descreve as pressões sociais, a hipocrisia e a covardia que essas engendram, e, assim, põe-se no fronte contra esse estado de coisas. A forma elencada é a escritura de um livro, cujo título é “Defesa da Pederastia”¹¹⁶. Corydon deixa aí claro que o que ele realmente intenta não é buscar mártires para a “causa homossexual”: “É verdade que faltam mártires à causa”¹¹⁷, mas, antes, por causa própria. Faz ele a “defesa” de apenas uma face dentre as (i)númeras (im)possíveis, que ao longo do tempo convencionou-se chamar de “pederastia”. Ele reclama mesmo por mártires para a “pederastia”, em seu molde clássico, isto é, grego, haja vista que ele próprio não o pode ser. Segundo ele, faz-necessário que as pessoas se movam e somem para mudar esse estado de coisas. Esse mártir assim se define: “Alguém que fosse em direção ao ataque; que, sem charlatanice, sem bravata, suportasse a reprovação, o insulto; ou melhor, alguém cujo valor, probidade e retidão fossem tão reconhecidos que a reprovação, antes,

¹¹⁴ Tradução nossa. Texto-fonte: *Sur sa table de travail, le portrait d'un vieillard à grande barbe blanche, que je reconnus aussitôt pour celui de l'Américain Walt Whitman, car il figure en tête d'une traduction que M. Bazalgette venait de publier également une biographie de ce poète, volumineuse étude dont j'avais récemment pris connaissance, et qui me servit de prétexte pour engager l'entretien* (Gide, *ibidem*, p. 16).

¹¹⁵ Tradução nossa. Texto-fonte: *L'homosexualité, pose-t-il en principe, est un penchant contre nature. Or, Whitman était de parfaite santé ; c'était, à proprement parler, le représentant le plus parfait que nous ait offert la littérature, de l'homme naturel...* (GIDE, *ibidem*, p. 17).

¹¹⁶ Tradução nossa. Texto-fonte: *Défense de la Pédérastie*.

¹¹⁷ Tradução nossa. Texto-fonte: *Il est vrai que la cause manque de martyrs* (GIDE, *ibidem*, p. 20)

hesitasse”¹¹⁸. Ou seja, Corydon põe-se ele mesmo na condição de assinalar e desenhar a “identidade” de seu “mártir”.

Não seria necessário ir além do que até aqui foi urdido para se responder à pergunta e perceber que *Corydon* é, a um só tempo, queer e não-queer. Queer porque promove a performance do tipo “*troubling*”, que lhe é tão característica, visto que Corydon, dando a cara ao tapa, traz à baila, tão explicitamente, algo que a sua época era quase que um interdito, pelo menos no que se refere à cena pública (em pouquíssimas palavras: desde que não no espaço público, à luz do dia, diante dos olhos de todos. Ademais, desde que não estorvem com suas performances e marcas femininas/feminis desprezíveis). Não-queer porque vale-se da estrutura binária homo/heterossexual, em que a figura do “homossexual” efeminado queda-se como, de fato, o oposto subordinado da performance dita “heterossexual”. Ele constrói sua “naturalidade” utilizando-se dessa identidade “homossexual” feminina/feminil quase que como um trampolim, sobre o qual se pisa fortemente para validar seu discurso e, assim, naturalizá-lo. E quando vale-se de tal estrutura binária volve-se a coisa contra a qual diz pular. Não seria necessário ir mais adiante no primeiro diálogo do Corydon para se perceber que a pergunta está mais do que respondida.

Por fim, não são necessárias tantas luzes para se perceber a ideia de que a “homossexualidade”, não importando sua performance, enquanto algo “contra a natureza” e/ou doença não se sustenta. Nem o mais preciso e refinado dos teólogos cristãos, para se chegar a “instâncias” últimas, logra obrar tal ideia. Afinal, da Bíblia e de seus mandamentos, que são todos “juízos universais normativos”, não se pode deduzir nenhum “juízo de realidade” com relação a nenhum fato concreto, ou melhor, interpretação de fato. Na Bíblia não se fala que “homossexualidade” é contra a natureza, tampouco doença. Diz, sim, que é pecado. Ora, mas pecado é algo inerente à própria “natureza” humana, desde a queda de Adão e Eva. Leia-se: a própria queda pôs em xeque a natureza, volvendo a Terra da condição de Paraíso para deste local do qual se fala agora.

Uma vez respondida a pergunta, segue um resumo do restante do primeiro diálogo. A segunda seção trata-se da própria confissão de Corydon. Segundo ele,

¹¹⁸ Tradução nossa. Texto-fonte: *Quelqu'un qui irait au-devant de l'attaque ; qui, sans forfanterie, sans bravade, supporterait la réprobation, l'insulte ; ou mieux, qui serait de valeur, de probité, de droiture si reconnues que la réprobation hésiterait d'abord (Ibidem, p. 21).*

volupté é diferente de *désir*; sua experiência com o jovem Alexis ensinou-lhe acerca de sua própria pederastia; ele alega que não tem nenhuma “inclinação” hereditária. Portanto, o argumento desenvolve-se, em primeiro lugar, quanto à noção de naturalidade e, em segundo lugar, quanto à uma conscientização de uma necessária distinção entre fisiologia (o que é natural) e moral (o que é conduta permissível). Na terceira seção, Corydon conta como, em seu livro, ele tratará da questão da pederastia de diferentes aspectos, lidando com disciplinas como: Medicina, História Natural, Moral, Sociologia e História (Corydon não adere estritamente a este programa). Tecendo algumas outras observações introdutórias, ele sublinha a normalidade da conduta “homossexual”. Todavia, dentre a miríade de “tipos” homossexuais, ele não se preocupará com os efeminados. Ademais, o amor, diz ele, está no amor pela beleza – e sua própria beleza queda-se sem nenhuma importância em sua argumentação. Ele retorna à Natureza: um trabalho de arte é a única coisa verdadeiramente desnatural, e, logo, a “homossexualidade”, quando não submetida ao escrutínio de um moralista, deve ser objeto do historiador natural. Essa observação, insta fazê-la na distinção entre o que é “normal” e o que é “permissível”. Que atos sexuais têm um aspecto moral, isso é indiscutível: autodomínio e castidade não são coisas que aos homossexuais lhes são desconhecidas; muitas perversões são praticadas por casais casados principalmente. Corydon percebe este paradoxo: que a fecundação é uma das coisas menos “naturais” na Natureza, podendo ser considerada quase que acidental em sua infinita liberalidade sexual. O ato da procriação é raro: ele é suficiente por poder ocorrer uma vez a cada dez meses.

Urdiram-se até aqui os fios necessários e suficientes para a confecção do tecido crítico-tradutório das duas únicas sobrevividas, em termos derridianos, do primeiro diálogo do *Corydon*, de André Gide. A Desconstrução oferece-se, como já dito, como uma ferramenta perfuradora dos textos envolvidos no intrincado jogo performático, revelando, destarte, a estruturalidade da estrutura. Em outras palavras: parte-se do menor dos elementos estruturais: o fonético, rumando ao complexo plano do social. Do queer virá todo o aparato crítico concernente às questões de sexo, gênero, desejo e identidade. Nesse sentido a presente pesquisa queda-se inédita no que diz respeito ao universo lusófono. Ademais, faz-se necessário salientar que não se obrará uma crítica anacrônica como muitos podem pensar, visto

que os Estudos Queer datam do final da década de 80 do século XX, ao passo que *Corydon* é da primeira metade desse século; a sobrevida desse texto promovida por Oriente Silveira é de 1969 e a de Hamílcar de Garcia é de 1971. Por fim, espera-se que o “queer” se consolide enquanto área de conhecimento que pode se manifestar **na** e **pela** tradução, confirmando o traço distintivo fundamental e identificador do trabalho desenvolvido nos Estudos de Tradução: a conjugação do trabalho em diversos campos do saber. É chegada a hora. O palco está armando e o figurino queer, confeccionado. Avante ao intrincado jogo performático e suas várias performances.

3. CRÍTICA DE TRADUÇÃO: CORYDON E SUAS SOBREVIDAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A crítica de tradução que segue leva em consideração a introdução, a primeira e a segunda partes das duas únicas traduções do *Corydon*, de André Gide, para o português: a primeira de 1969, da lavra de Oriente Silveira, sob o título de *Tratado de Homossexualismo – Corydon*, publicada pela Gráfica Record Editora; a segunda de 1971, de Hamílcar de Garcia, sob o título de *Córidon*, publicada pela Civilização Brasileira, que teve uma segunda edição publicada em 1985, pela Editora Nova Fronteira. É digno de nota que não há nenhuma tradução da obra em questão em Portugal. Cabe assinalar ainda que elencamos a primeira edição (1971) da tradução de Hamílcar de Garcia, pois a segunda se constitui tão-somente em uma revisão ortográfica da primeira, malgrado terem sido publicadas por editoras distintas.

A obra de Gide compõe-se de quatro diálogos “socráticos” em que esse faz, *grosso modo*, uma defesa de uma das várias possíveis performances da “homossexualidade”: a pederastia. O texto fora publicado entre 1911 e 1920, e o livro completo teve sua primeira edição, em língua francesa, em 1924, edição por nós adotada. A escolha da introdução e das duas primeiras partes do primeiro diálogo deve-se ao conteúdo encerrado nessas. Esmiuçando-se o dito: na primeira seção, Corydon expõe os conceitos-chave do bem-estar e naturalidade da “**homossexualidade**”. Ao detalhar a situação atual de cerca de 1908, ele brevemente descreve as pressões sociais, a hipocrisia e a covardia que essas engendram. Faz-se necessário, diz ele, que as pessoas se movam e somem para mudar esse estado de coisas. Todavia, insta trazer a lume que detrás de tal chamamento à mudança, deita um discurso tanto misógino quanto homofóbico. Já a segunda seção trata-se da própria confissão de Corydon ou, em outras palavras, sua **saída do armário**.

Corydon é, seguramente, uma defesa da pederastia e, em última instância, uma obra de engajamento em que Gide, ao sair do armário, põe-se no fronte contra os costumes deveras preconceituosos e excludentes de seu tempo e espaço,

constituindo-se numa obra de importância não só literária, mas também política. Gide, literalmente, inflamou, ao publicar *Corydon*.

Quanto à metodologia aqui adotada para o empreendimento, cabe dizer que desconsideramos todas as notas de rodapé, fossem de Gide fossem dos tradutores, pois havia nelas uma outra dissertação. Preferimos a orientação de página no formato paisagem, devido a uma questão de economia e de melhor visualização por parte do leitor. Afinal, está-se a falar em três textos: o “fonte” e as duas traduções. Esses foram colocados lado a lado, em uma tabela, na seguinte ordem: tradução de Garcia, tradução de Silveira e “texto-fonte”. Ademais, a cada página de textos segue a(s) página(s) com as devidas notas, nas quais realizaremos o estudo.

Por fim, como já dito, nossa reflexão de tradução que é, tanto na motivação quanto na prática, anti-homofóbica, bem como desestabilizadora e historicizadora de normas de gênero, sexo e sexualidade funda-se no que chamamos de “saída do armário”, pois faz desvelar o discurso heteronormativista utilizado na urdidura de *Corydon*, por meio das suas duas únicas traduções para o português brasileiro. Além disso, tentaremos levar a efeito a tese de Eve K. Sedgwick, que se filiou ao discurso crítico-teórico erigido por, principal mas não exclusivamente, Michel Foucault e Jacques Derrida, de que a autoridade exercida sobre as mulheres associa-se à rejeição das relações amorosas entre homens, de forma que a misoginia e a homofobia são interdependentes. Ademais, Sedgwick, ao estudar os triângulos amorosos nos romances ingleses do século XIX, mostra que o binarismo homo/heterossexualidade emergiu não como uma oposição excludente, mas, antes, como necessariamente relacionada. Ela afirma que certas formas de dominação homosocial, em especial, a do presente, dependem da rejeição de laços eróticos entre homens e na projeção deles em uma figura estigmatizada, monstruosa: o homossexual.

Considerar-se-á o *Corydon* em sua (pretensa) totalidade, isto é, não se fará uma reflexão de tradução calcada numa divisão estanque entre “texto-fonte” e tradução, pois isso colocaria a presente em contradição, em incompatibilidade lógica com o dito nos capítulos anteriores. Destarte, deitaram-se algumas notas de crítica literária ao longo do estudo, haja vista serem necessárias para uma melhor compreensão do conteúdo encerrado na obra, escolha da introdução e das duas primeiras partes do primeiro diálogo. Além do mais, tal divisão estanque entre “texto-

fonte” e tradução nada mais é que a reprodução do padrão binário, tão característico dos Estudos de Tradução, que põe em lados opostos, por exemplo, forma/conteúdo e língua materna/língua estrangeira. Saliente-se: é preciso desconstruir a ideia de que há uma verdade no “texto-fonte”, à espera de um leitor/tradutor adequado para decifrá-lo de maneira “correta”. O *Corydon* constrói-se não só no “texto-fonte”, não só em língua francesa, mas, outrossim, por meio de suas duas únicas sobrevidas, em língua portuguesa do Brasil.

A Desconstrução, enquanto uma das mais importantes manifestações do movimento intelectual denominado de Pós-Estruturalismo, servirá de ferramenta perfurativa, até as suas entranhas, dos textos envolvidos, fazendo vir à tona a estruturalidade da estrutura, considerando-se aspectos que vão do fonológico às intrincadas teias do social. Quanto ao queer, este não se constituirá, para o estudo, em um “quadro de referência singular, conceitual ou sistemático, mas sim numa coleção de compromissos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual”¹, rompendo com a estrutura cartesiana de sujeito, cujo alicerce assentava-se no célebre “*cogito ergo sum*”, como a base de uma ontologia e uma epistemologia.

¹ SPARGO, 2006, p. 8.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p data-bbox="448 223 616 263" style="text-align: center;">CÓRIDON¹</p> <p data-bbox="369 391 694 422" style="text-align: center;">PRIMEIRO DIÁLOGO</p> <p data-bbox="224 502 840 1141">No ano de 190...³ um processo escandaloso reabriu uma vez mais⁵ a inflamada questão do uranismo⁶. Nos salões e nos cafés, durante oito dias, não se falou de outra coisa. Cansado de ouvir os ignorantes, os teimosos e os tolos lançarem ao acaso exclamações ou teorias sôbre êsse assunto, eu desejava esclarecer meu julgamento e, dando sômente à razão⁸, não ao sentimento isolado, o direito de condenar ou de absolver, resolvi entrevistar Córídon.</p>	<p data-bbox="884 223 1444 311" style="text-align: center;">TRATADO DE HOMOSSEXUALISMO CORYDON²</p> <p data-bbox="996 391 1332 422" style="text-align: center;">PRIMEIRO DIÁLOGO</p> <p data-bbox="862 502 1467 1141">Em 1900⁴ um escandaloso processo tornou a pôr em foco, ainda uma vez⁵, a irritante questão do uranismo⁶. Durante oito dias nos salões e nos cafés, não se falou noutra coisa. Entediado de ouvir a êsse respeito vociferar⁷ ou teorizar os ignorantes, obstinados e os tolos quis esclarecer meu julgamento, tão sômente reconhecendo a razão⁸ e nunca os sentimentos, o direito de condenar ou de absolver, resolvi entrevistar Corydon.</p>	<p data-bbox="1680 223 1859 255" style="text-align: center;">CORYDON</p> <p data-bbox="1601 391 1937 422" style="text-align: center;">PREMIER DIALOGUE</p> <p data-bbox="1478 502 2060 1204">L'an 190. un scandaleux procès remit sur le tapis une fois encore l'irritante question de l'uranisme. Dans les salons et les cafés, huit jours durant, on ne parla plus de rien d'autre. Las d'entendre à ce sujet s'exclamer ou théoriser au hasard les ignorants, les butés et les sots, je souhaitai d'éclairer mon jugement et, ne reconnaissant qu'à la raison, non point au seul tempérament, le droit de condamner ou d'absoudre, je résolu d'aller interviewer Corydon.</p>

1 Neste caso, obrou-se uma tradução, dir-se-ia, fonética. Ou seja, em que se reproduz a pronúncia do nome próprio, Corydon, tal como esse era pronunciado em língua latina clássica. A questão da acentuação, nessa língua, depende da quantidade do núcleo silábico. A penúltima sílaba é a que comanda a acentuação da palavra; se esta for longa (–), o acento recairá sobre ela, se breve (˘), como no caso de Corydon, o acento recuará para a sílaba anterior. Assim sendo, Corydon é, em língua portuguesa, de tonicidade silábica proparoxítona e, por conseguinte, acentua-se graficamente. Já tal nome próprio em língua francesa, em que é pensado e escrito por Gide, a tonicidade silábica é oxítona, como o é mais ordinariamente nessa língua.

2 Há aqui a inserção de um título pretensamente explicativo: “Tratado de Homossexualismo”, ao passo que “Corydon” volve-se em subtítulo, traduzido literalmente. É possível que tal inclusão tenha pretendido conferir “seriedade” à temática da obra, bem como advertir o público para o qual se endereçava, como se pode observar, por exemplo, num excerto de uma das orelhas do livro de Oriente Silveira:

O *Corydon* [...] é um livro sério e que deve ainda ser discutido, pensado e repensado, pois é bastante válido. Não foi e nem é um trabalho endereçado ao escândalo. Deve ser lido por tantos e por todos indiscriminadamente, para melhor conhecimento de um problema absorvente e sempre em pauta, de que tanto se fala e muito se ignora.

O tradutor foi deveras perspicaz ao conferir à obra o status de tratado. Nisso, assistiu-lhe razão. Contudo, parece-nos que lhe faltou certa acuidade crítico-tradutória quanto ao uso da locução adjetiva “de homossexualismo”, mesmo que metonimicamente, haja vista que, em primeiro lugar, *Corydon* é, antes, um tratado de pederastia (em seu modelo grego). Sublinhe-se que “pederastia” é tão-somente uma das várias faces da problemática categoria/rótulo “homossexualidade”. Em segundo lugar, ao longo de todo o texto-fonte, figura o termo *homosexualité* (são quatro as menções), traduzido literalmente por

“homossexualidade”. Não há nenhuma ocorrência da palavra *homosexualisme*. Daí o termo “homossexualismo” ser digno de nota, no que tange ao título.

O debate em torno dessas duas nomeações é extenso, mas, já há algum tempo se tem adotado aquela em detrimento dessa, devido ao fato de o sufixo –ismo relacionar-se, ordinariamente, a patologias. É sabido que a “homossexualidade” não é considerada uma doença, no Brasil, desde 1985. Todavia, é mister levar em consideração que a tradução em tela data de 1969, ou seja, empreendeu-se num outro contexto político-ideológico, sexual, socioeconômico, cultural, etc., que é bem diferente do atual. Concluindo-se: cremos interessante e relevante a tradução levada a cabo neste caso específico.

3 Hamílcar de Garcia procedeu aqui a uma tradução quase que literal, talvez querendo eximir-se de todo e qualquer posicionamento.

4 Já a de Silveira, pelo contrário, promoveu um assinalamento temporal que, neste caso, deixa-se ler/interpretar/traduzir como o espaço-tempo no qual se dá o diálogo entre Corydon e seu interlocutor.

5 Vemos aqui a coreografia do *double bind*, em que o *encore* põe em cena, em língua portuguesa, tanto a ideia de “uma vez mais” quanto a de “ainda uma vez”, encerrando ambas uma adverbialidade de tempo.

6 Termo cunhado, no final do século XIX, pelo ativista alemão Karl Heinrich Ulrich, numa série intitulada *Forschungen über das Räthsel der mann männlichen Liebe* (1864-65), para designar pessoas pertencentes ao “terceiro sexo”, isto é, pessoas de **psique feminina** em um **corpo masculino** e sexualmente atraídas por pessoas de seu sexo biológico. Vemos neste vocábulo, empregado por Gide e literalmente traduzido por Silveira e Garcia, a primeira manifestação da misoginia de que se vale Gide para sustentar

sua tese acerca do amor pederasta. Note-se que a misoginia parte aqui do corpo masculino, no qual se encontra o elemento desestabilizador, fraco, estranho, monstruoso: a psique dita feminina.

7 O tradutor deu primazia ao caráter colérico dessas vozes em detrimento do exclamatório, ao traduzir *s'exclamer* por "vociferar". Cremos ter sido essa uma tradução relevante, pois, dos ignorantes, obstinados e tolos espera-se, mais facilmente, o bramido, o berro.

8 Vê-se aqui o porquê de se poder considerar o *Corydon* como um tratado, no sentido de produto de discussão, estudo e exposição, pois claramente anuncia-se o reconhecimento tão-somente da razão, ignorando-se os sentimentos.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Ele não protestava, disseram-me, contra certas tendências desnaturadas⁹ de que era acusado; desejei tirar tudo a limpo e saber o que tinha a dizer para desculpá-las¹⁰.</p> <p>Havia dez anos que eu não revia Córdon. Era então um rapaz cheio de entusiasmo, a um tempo¹¹ delicado¹² e altivo, generoso, atencioso, cujo olhar já forçava à estima. Seus estudos de medicina tinham sido dos mais brilhantes e seus primeiros trabalhos lhe valeram o aplauso dos profissionais. Ao sair do ginásio, onde tínhamos sido condiscípulos, já de muito que uma estreita¹³ amizade nos ligava.</p>	<p>Ele não protestava de maneira alguma, tinham-me dito, contra certas inclinações depravadas⁹ de que o acusavam; resolvi certificar-me e saber o que ele teria a dizer para justificá-las¹⁰.</p> <p>Fazia dez anos que eu não via Corydon. Era ele naquela época um rapaz ardoso, de coração nobre¹², prestimoso, cujo olhar desde o início convidava à estima. Seus estudos de medicina foram dos mais brilhantes e os primeiros trabalhos suscitaram os aplausos das pessoas de sua classe. Há muito nos unia uma estreita¹³ amizade, desde os tempos do liceu, onde fomos condiscípulos.</p>	<p>Il ne protestait point, m'avait-on dit, contre certains penchants dénaturés dont on l'accuse ; j'en voulus avoir le cœur net et savoir ce qu'il trouvait à dire pour les excuser.</p> <p>Je n'avais pas revu Corydon depuis dix ans. C'était alors un garçon plein de flamme, doux et fier à la fois, généreux, serviable, dont le regard déjà forçait l'estime. Ses études de médecine avaient été des plus brillantes et ses premiers travaux remporté l'applaudissement des gens de métier. Au sortir du lycée où nous avons été condisciples, longtemps une assez étroite amitié nous unit.</p>

9 Em Garcia, temos a tradução literal de *penchants dénaturés* por “tendências desnaturadas”, isto é, ações e estados que se colocam fora dos ou mesmo contra os padrões de “normalidade”, tanto do enunciador, o interlocutor de Corydon neste caso, quanto da comunidade a qual esse pertence. No que concerne à tradução de Oliveira: “inclinações depravadas”, vemos claramente um posicionamento de **ordem moral** tomado pelo tradutor, ao circunscrever aquilo que contraria a disposição natural, *dénaturé*, no campo da devassidão, degeneração, degradação. Ora, como já exposto anteriormente, a heteronormatividade além de ser “percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral” (BERLANT & WARNER, 2002, p. 230 *apud* MISKOLCI, 2007, p. 5). Aqueles e aquelas que se encontram fora da ordem social heteronormativista são alocados à abjeção (BUTLER, 1999) e tem a existência e materialidade de seus corpos ameaçados socialmente, suas vidas são frágeis e precárias, pois são considerados menos humanos, aberrações de uma humanidade pretensamente saudável e perfeita. Faz-se necessário, por fim, salientar que ambos os tradutores desconsideraram a ideia de “pendor”, em língua portuguesa enquanto capacidade natural para algo.

10 Tanto “desculpar” quanto “justificar” corroboram o discurso heteronormativista em tela. Cabe, nesta lógica, a Corydon e, não, aos seus acusadores (personificados na figura de seu interlocutor), o ônus da prova.

11 No texto-fonte vemos dois adjetivos: *doux* e *fier*, criando entre si, de certa maneira, uma relação semântica de antagonismo. Daí a utilização da locução adverbial *à la fois*, com função temporal, bem como adversativa. Corydon, segundo seu interlocutor, gozava de ambos os predicados simultaneamente, algo digno de admiração. Na tradução de Silveira, esta marca de adverbialidade foi desconsiderada. Ademais, ao que parece, *doux* e *fier* combinam-se, culminando na locução adjetiva “de coração nobre”. Por fim, faz-se necessário ressaltar que Silveira também desconsiderou o adjetivo *généreux*.

12 Considerando-se o exposto nas notas de número 9 e 11, vemos que o “delicado”, no sentido de meigo, sutil, brando, etc., empregado na tradução de Garcia antecipou, haja vista estar o interlocutor descrevendo Corydon à época em que esses se viram pela última vez, uma marca característica das “tendências desnaturadas” de Corydon. Garcia, assim, faz provar nosso entendimento de que *doux* e *fier* constituem-se num par discursivo de oposição. Isto é, era Corydon delicado, **mas também** altivo. Um exemplo que muito bem ilustra a questão é a recorrente frase em nossos dias: “Ele é gay, mas é discreto!”.

13 Em ambas as traduções, desconsiderou-se o advérbio de intensidade *assez*, que se mostra deveras importante, pois modifica o adjetivo que qualifica a amizade que mantinham Corydon e seu interlocutor: *étroite*.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Depois os anos de viagem nos separaram, e quando voltei a instalar-me em Paris, a deplorável reputação que os seus costumes começavam a dar-lhe me impediu de freqüentá-lo¹⁴.</p> <p>Ao entrar¹⁵ no seu apartamento, não tive, confesso, a penosa¹⁶ impressão que receava. É verdade que Córion não a causa por sua aparência¹⁷, que permanece correta, até com certa afetação de austeridade. Meus olhos procuravam em vão, na sala em que êle me introduziu, êsses sinais de efeminação¹⁸ que os especialistas encontram em tudo quanto concerne aos invertidos¹⁹, e com os quais pretendem nunca se terem enganado.</p>	<p>Depois, períodos de viagens nos separaram e logo que voltei a morar em Paris, impediu-me de procurá-lo¹⁴ a deplorável reputação que os seus costumes começavam a lhe granjear.</p> <p>Ao penetrar em seu apartamento, não tive em absoluto, eu o confesso, a impressão incômoda¹⁶ que temia. Na verdade Corydon não causa o menor mal-estar pela sua maneira de vestir¹⁷, que é correta, pautando-se uma certa afetação de austeridade. Meus olhos procuraram em vão, na peça onde êle me introduziu, êsses modos feminis¹⁸ que os entendidos atribuem a tudo aquilo que diz respeito aos invertidos¹⁹ e no que tais pessoas sempre se julgam infalíveis.</p>	<p>Puis des années de voyage nous séparèrent, et lorsque je revins m'installer à Paris, la déplorable réputation que ses mœurs commençaient de lui valoir me retint de le fréquenter.</p> <p>En pénétrant dans son appartement, je m'eus point, je l'avoue, la fâcheuse impression que je craignais. Il est vrai que Corydon ne la donne pas non plus par sa mise, qui reste correcte, avec même une certaine affectation d'austérité. Mes yeux cherchaient en vain, dans la pièce où il m'introduisit, ces marques d'efféminement que les spécialistes retrouvent à tout ce qui touche les invertis, et à quoi ils prétendent ne s'être jamais trompés.</p>

14 Apesar da assaz “estreita amizade” que o interlocutor tinha com Corydon, durante o período do colégio, seus censuráveis costumes, ou seja, seu modo de pensar e agir característico dos degenerados, devassos, degradados, faziam com que o interlocutor evitasse ir ver o amigo, passados os anos. Vemos aqui Corydon propelado à marginalidade, pelo discurso produzido não por ele, mas sobre ele.

15 Garcia elencou o verbo “entrar” em detrimento de “penetrar”. É notório que, tanto em língua francesa quanto em língua portuguesa, o verbo “penetrar” guarda uma íntima relação com a própria ideia de relação sexual. É bem provável que Gide o tenha utilizado de modo deliberado, criando, inclusive, uma relação com um outro verbo no período seguinte: *introduire*, como se pode ver na sequência. Bem, vemos em tal representação discursiva uma certa emulação de natureza falocêntrica, em cujo cerne habita a figura da penetração sexual.

16 Ao traduzir *fâcheuse impression* por “penosa impressão”, Garcia delineou o interlocutor enquanto uma pessoa que teme sentir **pena** do amigo que não vê há dez anos e do qual guarda agradáveis lembranças. Percebemos com isso uma forte vinculação afetiva. Já na tradução “impressão incômoda”, de Silveira, o interlocutor que se deixou esboçar parece ser alguém que teme se sentir embaraçado, constrangido ou mesmo perturbado com o que iria presenciar. Há uma clara preocupação consigo mesmo, bem mais que com relação ao seu amigo.

17 Garcia trabalhou em termos de “aparência”, o que demonstra uma percepção mais ampla daquilo que se deixava construir pelo olhar do interlocutor. Silveira prefere “maneira de vestir”, o que remete mais incisivamente a um código social de conduta do qual faz parte o vestuário, o vestir-se. Em ambos os casos, o interlocutor malogra perceber em Corydon traços de subversão quanto a papel social de gênero. Quer consideremos “aparência” quer consideremos “maneira de vestir”, o adjetivo que se lhe associa é: “correta”.

18 Uma vez findado o exame da “aparência” ou “maneira de vestir” de Corydon, o interlocutor passa a escrutinar o cômodo no qual havia penetrado ou, em outras palavras, fora introduzido. Interessante notar que com *pénétrer*, o interlocutor é sujeito da oração e, com *introduire*, ele sofre a ação. Ele, de imediato, começa a buscar *marques d’efféminement*: “sinais de efeminação”, segundo Garcia, ou “modos feminis”, de acordo com Silveira. Ora, cremos que Silveira não logrou em sua escolha, haja vista que “modo” relaciona-se bem mais a comportamento e, não, a objetos, à disposição de móveis, cores, etc.

19 Em ambas as traduções, vemos reverberar o padrão binário de que se vale Gide para urdir seu discurso. O interlocutor procurava marcas do que chamamos de feminino, marcas tão características dos “invertidos”. Ora, vemos o interlocutor associar diretamente a “deplorável reputação” de Corydon a possíveis marcas de “efeminação”, quer fossem no seu corpo ou no cômodo em que se encontrava. O “feminino” é aqui tomado como elemento estabelecedor da monstruosidade, da perversidade, da marginalidade. Eis mais um eco da misoginia gideana.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Contudo, podia-se observar sôbre a sua escrivaninha de mogno uma grande fotografia de um quadro de Miguel Ângelo: o da formação do homem – onde se vê, obediente²⁰ ao dedo criador, a criatura Adão, nua, estendida sôbre o barro plástico, voltar para Deus o seu olhar deslumbrado de reconhecimento. Córison professa um certo gosto pela obra de arte, por trás da qual êle se teria podido abrigar, se eu chegasse a admirar-me da escolha daquele tema especial.</p>	<p>Todavia, podia-se notar, acima de uma mesa de acaju, uma enorme fotografia: a da formação do homem, segundo Miguel Ângelo, onde se vê, submisso²⁰ ao dedo criador, a figura de Adão, nu, estendido sôbre o barro formador, dirigir a Deus um olhar deslumbrado de reconhecimento. Corydon deixa-se impregnar de um certo gôsto por obra de arte, por trás da qual êle poderia abrigar-se, caso eu ficasse admirado com a escolha dêsse tema sui-generis.</p>	<p>Toutefois on pouvait remarquer, au-dessus, de son bureau d'acajou, une grande photographie d'après Michel-Ange : celle de la formation de l'homme – où l'on voit, obéissant au doigt créateur, la créature Adam, nue, étendue sur le limon plastique, tourner vers Dieu son regard ébloui de reconnaissance. Corydon professe un certain goût pour l'œuvre d'art, derrière lequel il eût pu s'abriter si j'avais été m'étonner du choix de ce sujet spécial.</p>

20 Em [...] *où l'on voit, obéissant au doigt créateur*, conquanto “obediente” e “submisso” sejam, digamos, sinônimos, Silveira logrou mais ao trazer à baila a ideia de “submisso”, enquanto *submissus*, *-a*, *-um* (adjetivo latino da segunda declinação): “posto debaixo”. Em todo caso, a obediência ou submissão dá-se em relação a um elemento fálico: “o dedo criador”.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Sôbre a mesa de trabalho, o retrato de um velho de longas barbas brancas, que logo reconheci ser o do americano Walt Whitman²¹, porque figura no frontispício de uma tradução que M. Bazalgette acaba de oferecer de sua obra. M. Bazalgette vem também de publicar²² uma biografia dêsse poeta, volumoso estudo do qual eu tinha há pouco tomado conhecimento, e que me serviu de pretexto para iniciar a conversação.</p>	<p>Sôbre a mesa de trabalho, o retrato de um ancião de grandes barbas brancas, que de imediato reconheci tratar-se do americano Walt Whitman²¹, porque sua figura está na capa de uma tradução que o sr. Bazalgette acaba de fazer da obra dêsse poeta. O sr. Bazalgette acaba de publicar também uma biografia de Whitman, denso²³ estudo que me havia chegado ao conhecimento recentemente, e que me serviu de pretexto para começar a conversação.</p>	<p>Sur sa table de travail, le portrait d'un vieillard à grande barbe blanche, que je reconnus aussitôt pour celui de l'Américain Walt Whitman, car il figure en tête d'une traduction que M. Bazalgette venait de publier également une biographie de ce poète, volumineuse étude dont j'avais récemment pris connaissance, et qui me servit de prétexte pour engager l'entretien.</p>

21 Faz-se necessário comentar brevemente a importância da figura do poeta estadunidense Walt Whitman para *Corydon*. Os biógrafos do poeta não são unânimes quanto a sua orientação sexual, mas para *Corydon* parece não haver dúvida quanto a isso: ele era homossexual/pederasta. Um retrato do poeta, sobre a mesa de trabalho de *Corydon*, bem como uma biografia dele, obra de M. Bazalgette, que o interlocutor tinha há pouco lido, é o pretexto que esse buscava para encetar a conversação. A biografia em tela foi publicada, em 1908, sob o título: *Whitmann, l'homme et l'œuvre* e, em 1909, Léon Balzagetle oferece sua tradução de *Leaves of Grass (Feuilles d'herbes)*, obra de maior importância de Whitman.

22 Garcia realiza uma tradução bastante próxima do “*passé récent*”: “*M. Bazalgette venait de publier également*” por “M. Bazalgette vem também de publicar”. Como se pode ver, o verbo *venir* não está no tempo presente do modo indicativo, condição *sine qua non* de formação do citado tempo verbal em língua francesa, mas no imperfeito ou, em língua portuguesa, no pretérito perfeito. Ora, tal tradução poderia soar estranha a muitos e muitas, mas a tomamos como perfeitamente plausível. Trata-se de uma tradução, dir-se-ia, galicista. Problema? Para nós, nenhum.

23 Ao traduzir *volumineuse* por “denso”, Silveira atribui ao estudo, realizado por M. Bazalgette, um caráter de profundidade intelectual e intensidade de conteúdo. Ao que parece, o tradutor fez questão de atribuir seriedade ao discurso de que parte o interlocutor de *Corydon*.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p style="text-align: center;"> </p> <p>– Após a leitura do livro de Bazalgette, comecei, parece²⁴ que êsse retrato não tem grande razão²⁵ de figurar na sua mesa.</p> <p>A minha frase era impertinente; Córdon fingiu não compreendê-la; eu insisti.</p> <p>– Em primeiro lugar, respondeu êle, a obra de Whitman continua sendo admirável, seja qual fôr a interpretação que cada um se compraza em dar aos seus costumes²⁷...</p> <p>– Confesse, no entanto²⁸, que a sua admiração por Whitman diminuiu um pouco depois que M. Bazalgette demonstrou que ele não tinha os costumes que você se sentia feliz em atribuir-lhe.</p>	<p style="text-align: center;"> </p> <p>– Concluída a leitura da obra de Bazalgette, aventurei-me, é evidente²⁴ que êste retrato não tem mais razão²⁵ de manter-se sôbre sua mesa.</p> <p>Minha frase era impertinente; Corydon dissimulou²⁶, fingindo não compreendê-la; eu insisti.</p> <p>– O essencial, respondeu êle, é que a obra de Whitman permanece igualmente admirável, seja qual fôr a interpretação, que queira cada um dar a seus costumes²⁷...</p> <p>– Confesse, portanto²⁸, que sua admiração por Whitman, diminuiu um pouco desde o momento em que Bazalgette demonstrou que êle não tinha os costumes que você se regozijava²⁹ de lhe atribuir.</p>	<p style="text-align: center;"> </p> <p>– Après lecture du livre de Bazalgette, commençai-je, il appert que ce portrait n'a pas grand'raison de figurer sur votre table.</p> <p>Ma phrase était impertinente ; Corydon feignit de ne la point comprendre ; j'insistai.</p> <p>– D'abord, répondit-il, l'œuvre de Whitman reste également admirable, quelle que soit l'interprétation qu'il plaise à chacun de donner à ses mœurs...</p> <p>– Avouez pourtant que votre admiration pour Whitman a quelque peu faibli depuis que Bazalgette a démontré qu'il n'avait pas les mœurs que vous étiez heureux de lui prêter.</p>

24 Mais uma vez vemos Silveira dar mostras de seu engajamento e, de certa maneira, filiação ao discurso do interlocutor de Corydon. Ele traduziu a expressão *il appert*, forma conjugada do verbo defectivo do antigo verbo *apparoir*, por “é evidente”, ao passo que Garcia modaliza a expressão traduzindo-a por “parece”.

25 Ao se dizer “isso não tem mais razão” significa admitir que houvesse razão antes. Ou seja, uma vez que, pela pena de M. Bazalgette, a “verdade” acerca da orientação sexual de Whitman é trazida à luz, não faz mais sentido, segundo o interlocutor, que Corydon mantenha o retrato de alguém que não mais o representa. A tradução nos leva a essa interpretação. Ademais, é como se Whitman tivesse tão-somente sua “razão de ser”, sua importância em virtude de sua orientação sexual, o que será na sequência desconstruído por Corydon.

26 Não satisfeito com o texto do *Corydon*, Silveira fez questão de acrescentar uma performance à personagem: “Corydon dissimulou”, ou seja, escondeu os próprios sentimentos, mostrando-se, assim, envolvido com o que havia sido dito, com a alfinetada do interlocutor.

27 Corydon admite que não há uma “verdade” acerca dos “costumes” de Whitman, mas antes interpretações desses costumes. Além do mais, não importando a interpretação dada, Corydon insiste na grandeza da obra de Whitman. Vemos aqui um nítido chamamento da parte de Corydon à separação do que é “vida” e do que é “obra”.

28 Silveira deixou claramente sua face aqui cair. Traduziu ele *pourtant*, advérbio de oposição, por uma conjunção coordenativa: “portanto”. Pois bem, “portanto” introduz uma oração coordenada que contém a conclusão de um raciocínio ou exposição de motivos anteriores. Silveira promoveu uma ruptura do discurso do interlocutor a fim de criar uma relação lógica com o

anteriormente dito, colocando, destarte, Corydon contra a parede. O “confesse” tem a força de um “admita, não há escapatória, eis a verdade”.

29 Vemos nesta escolha lexical um quê de pilheria para com Corydon, na qual o verbo “gozar” encontra-se explícito. É como se dissesse: “Viu? Não era nada do que você pensava ser!”.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Seu amigo Bazalgette não demonstrou coisa alguma; todo o raciocínio dêle parte de um silogismo ao qual se pode muito bem retorquir:</p> <p>A homossexualidade, diz êle em princípio, é uma tendência contra a natureza³⁰.</p> <p>– Ora, Whitman tinha uma saúde perfeita; era, na verdade, o representante mais perfeito que a literatura já nos ofereceu do homem natural³¹.</p> <p>– Logo Whitman não era pederasta. Eis o que a mim me parece peremptório.</p> <p>– Mas a obra está aí, por mais que M. Bazalgette tenha traduzido³² por “afeição” ou “amizade” a palavra <i>love</i> e <i>sweet</i> por “puro”, quando o poeta se dirige ao “camarada”³³...</p>	<p>– Seu amigo Bazalgette nada demonstrou; todo seu raciocínio está contido num silogismo, que se pode também retorquir:</p> <p>A homossexualidade, estabelece êle, é uma inclinação contra a natureza³⁰.</p> <p>Ora, Whitman encontrava-se em perfeita saúde; era pròpriamente dito, o representante mais perfeito que nos deu a literatura, do homem natural³¹...</p> <p>– Portanto, Whitman não era pederasta. Eis o que me parece peremptório.</p> <p>– Mas a obra lá está, onde o sr. Bazalgette por mais que tentasse não conseguiria traduzir³² por “afeição” ou “amizade” a palavra “love” e “sweet” por “puro”, na ocasião em que o poeta se dirige ao “camarada”³³...</p>	<p>– Votre ami Bazalgette n’a rien démontré du tout ; tout son raisonnement tient dans un syllogisme qu’on peut aussi bien rétorquer :</p> <p>L’homosexualité, pose-t-il en principe, est un penchant contre nature.</p> <p>Or, Whitman était de parfaite santé ; c’était, à proprement parler, le représentant le plus parfait que nous ait offert la littérature, de l’homme naturel...</p> <p>– Donc Whitman n’était pas pédéraste. Voici qui me paraît péremptoire.</p> <p>– Mais l’œuvre est là, où M. Bazalgette aura beau traduire par « affection » ou « amitié » le mot <i>love</i> et <i>sweet</i> par « pur » dès qu’il s’adresse au « camarade »...</p>

30 O argumento biologicista de que a “homossexualidade” é algo contra a natureza é produto de um “discurso médico” dos oitocentos, de uma moral vitoriana e de um sistema de produção capitalista em transformação, em cujo centro encontrava-se a figura da família nuclear burguesa, “bem estruturada” e “saudável”. Daí ela ter sido tratada como uma doença por muitas décadas.

31 O raciocínio aqui pode parecer deveras simples: A “homossexualidade” é uma doença. Whitman era saudável. Então, Whitman não era homossexual. Todavia, o que quer Corydon é a desconstrução dessa lógica: Whitman era saudável, era um homem natural e também era homossexual, ou melhor, pederasta. Logo, a pederastia não é uma doença. É em torno dessa lógica que Corydon construirá, *grosso modo*, seu argumento ao longo do diálogo.

32 Vemos Corydon denunciar o intento heterossexualizador de M. Bazalgette, por conta de sua tradução da obra de Whitman. Em outras palavras, M. Bazalgette faz com que Whitman “fique no armário”. “De fato, André Gide se indignou com a tradução de *Feuilles d’herbes* feita por Léon Bazalgette, que apagou toda alusão homossexual à vida de Whitman” (ELSOKATI, 2012, p. 98).

33 Há, em ambas, a tradução literal de *camarade* por “camarada” e, ademais, entre aspas. Vemos aí o heteronormativismo em ação, ditando o que não deve ser dito. Por certo que a expressão eufemística tem sua razão de ser. Comparamos essa a uma tão ordinária até os dias de hoje, no universo da língua portuguesa do Brasil; trata-se de uma expressão de cunho muito sexista: mulheres dizem “fulano é meu **marido**”, ao passo que homens dizem “fulana é minha **mulher**”. De um lado, há uma relação jurídica, do outro, uma relação de posse.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Nem por isso tôdas as peças apaixonadas, sensuais, ternas e frementes deixam de ser da mesma ordem: dessa ordem que você chama de “contra a natureza”.</p> <p>– Que eu não chamo sequer de “ordem”... Mas vejamos o seu silogismo.</p> <p>– É o seguinte: Whitman pode ser considerado o tipo do homem normal.</p> <p>Ora, Whitman era pederasta.</p> <p>– Logo a pederastia é uma tendência natural. Pois bem! Resta apenas provar que Whitman era pederasta. Se o caso é petição de princípio, prefiro o silogismo de Bazalgette; fere menos o senso comum.</p>	<p>Só ficarão seus trechos apaixonados, sensuais, ternos, palpantes, que no livro são do mesmo teor: desta ordem que você chama “contra a natureza”.</p> <p>– O que não considero “ordem” em absoluto... Mas vejamos seu silogismo?</p> <p>– Ei-lo: Whitman pode ser escolhido como o tipo de homem normal</p> <p>Ora, Whitman era pederasta.</p> <p>– Portanto, a pederastia é uma inclinação normal. Bravo! Só falta provar que Whitman era pederasta. Aos raciocínios sem base lógica³⁴, eu prefiro o silogismo de Bazalgette; êle fere menos o senso comum.</p>	<p>Il n’en restera pas moins que toutes les pièces passionnées, sensuelles, tendres, frémissantes, du volume sont du même ordre : de cet ordre que vous appelez « contre nature ».</p> <p>– De ce que je n’appelle pas « ordre » du tout... Mais voyons votre syllogisme ?</p> <p>– Le voici : Whitman peut être pris comme type de l’homme normal.</p> <p>Or Whitman était pédéraste.</p> <p>– Donc la pédérastie est un penchant normal. Bravo ! Il reste seulement à prouver que Whitman était pédéraste. Pétition de principes pour pétition de principes, je préfère le syllogisme de Bazalgette ; il heurte moins le sens commun.</p>

34 Trata-se de uma falácia do tipo *petitio principii* (“pedir a premissa”), que ocorre quando a premissa (ou premissas) são tão pouco verossimilhantes quanto à conclusão, ou seja, quando a premissa da argumentação contém nela própria a conclusão a que deve chegar, embora de uma forma disfarçada e implícita. Com isso o interlocutor tenta desconstruir o argumento de Corydon e, além dos mais, reitera sua filiação ao de M. Bazalgette.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Não é o senso comum, é a verdade³⁵ que importa não ferir. Estou escrevendo um artigo sôbre Whitman, uma resposta à argumentação de Bazalgette.</p> <p>– Essas questões de costumes ocupam-no muito?</p> <p>– De certo modo, confesso-o. Também preparo um trabalho de relativa importância sôbre o assunto³⁶.</p> <p>– Então os trabalhos de Moll³⁷, Krafft-Ebing³⁷, Raffalovich³⁷, etc. não lhe bastam!</p> <p>– Não puderam satisfazer-me, e eu gostaria de falar dêsse assunto de um modo diferente.</p>	<p>– Não se trata de senso comum, é a verdade³⁵ que importa não contundir. Preparo um artigo sobre Whitman, que é uma resposta à argumentação de Bazalgette.</p> <p>– Êsses temas de costumes o ocupam muito?</p> <p>– Razoavelmente, devo confessar; preparo também um trabalho de regular importância sôbre êsse assunto³⁶.</p> <p>– Os trabalhos do srs. Moll³⁷, Krafft-Ebing³⁷, Raffalovich³⁷ etc. não lhes são por conseguinte suficientes!</p> <p>– Êles não conseguiram satisfazer-me; gostaria de falar em tal assunto de modo diferente.</p>	<p>– Ce n'est pas le sens commun, c'est la vérité qu'il importe de ne pas heurter. Je prépare un article sur Whitman, une réponse à l'argumentation de Bazalgette.</p> <p>– Ces questions de mœurs vous occupent beaucoup ?</p> <p>– Passablement, je l'avoue ; je prépare également un assez important travail sur ce sujet.</p> <p>– Les travaux de MM. Moll, Krafft-Ebing, Raffalovich, etc. ne vous suffisent donc pas !</p> <p>– Ils n'ont pas su me satisfaire ; je voudrais parler de cela différemment.</p>

35 Corydon reage ao interlocutor, atribuindo a si a posse da “verdade”. A fim de dar a conhecer tal “verdade”, ele diz que já está preparando um artigo para contraditar o que disse M. Bazalgette.

36 Corydon mostra-se quase que como um especialista no “assunto”, em sua própria dicção. Vemos, mais uma vez, o porquê de acertada a decisão de Silveira ao conferir a obra o status de “tratado”. Afinal, um tratado só pode ser escrito por um especialista.

37 Corydon mostra-se insatisfeito com os trabalhos realizados acerca do “assunto”. São trabalhos que estavam em voga à época da escritura do Corydon e que, segundo Pollard (1991, p. 88), são de natureza médico-legal (algo deveras característico do final do século XIX e início do XX, como já o demonstrou Foucault). São eles: 1) Krafft-Ebing: “buscou estabelecer a distinção entre formas adquiridas e inatas dos comportamentos homossexuais” (POLLARD, *ibidem*, p. 89). Ademais, “ao analisar a psicologia do homossexual [*sic*], ele observou que tal pessoa tem uma fobia do sexo oposto e é, na maioria das vezes, uma pessoa de disposição tímida” (POLLARD, *ibidem*); 2) Moll: ele trata do “assunto” de maneira mais profunda, valendo-se dos escritos de Krafft-Ebing; 3) Raffalovich detém-se numa vertente mais histórica ao lidar com o “assunto”. “O apelo positivo para o papel histórico da inversão atualiza o assunto com uma tentativa de fornecer uma apologia para os uranistas” (POLLARD, *ibidem*, p. 92).

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Sempre pensei que procurássemos falar o mínimo possível dessas coisas, e que às vezes elas só existem porque um autor inábil as divulga. Além de serem deselegantes de dizer, pois não faltarão velhacos para tomar como exemplo precisamente aquilo que se pretendia censurar.</p> <p>– Não pretendo censurar³⁸.</p> <p>– Dizem por aí que você se apresenta como tolerante.</p> <p>– Estou vendo que não me entende. E que seria preciso dizer-lhe o título de minha obra³⁹.</p> <p>– Diga-o.</p> <p>– O que escrevo é uma <i>Defesa da Pederastia</i>.</p> <p>– Por que não <i>Elogio</i>⁴⁰, já que está nisso?</p>	<p>– Sempre pensei que nos sentimos bem ao falarmos o menos possível dessas coisas e que êlas vêm com freqüência à baila, porque sempre há uma pessoa inábil que as divulga. Além do mais, como é desairoso citá-las, não faltam uns perniciosos tratantes que tomam como exemplo precisamente aquilo que se pretendia condenar.</p> <p>– Eu não pretendo condenar³⁸.</p> <p>– Há rumôres de que você toma atitudes de tolerante.</p> <p>– Você não me compreende em absoluto. Sinto que é necessário dizer-lhe o título do meu trabalho³⁹.</p> <p>– Prossiga.</p> <p>– O que escrevo é uma <i>Defesa da Pederastia</i>.</p> <p>– Por que não <i>Elogio</i>⁴⁰, já que você está empenhado nisso?</p>	<p>– J’ai toujours pensé qu’on se trouvait bien à parler le moins possible de ces choses et que souvent elles n’existent que parce qu’un maladroit les divulgue. Outre qu’elles sont inélégantes à dire, quelques mauvais garnements seront là pour prendre en exemple précisément ce que l’on prétendait blâmer.</p> <p>– Je ne prétends pas blâmer.</p> <p>– Le bruit court que vous posez pour tolérant.</p> <p>– Vous ne m’entendez point. Je vois qu’il faut vous dire le titre de mon ouvrage.</p> <p>– Allez-y.</p> <p>– C’est une Défense de la Pédérastie que j’écris.</p> <p>– Pourquoi pas Eloge, pendant que vous y êtes ?</p>

38 Já podemos perceber claramente o engajamento de Silveira no que se refere ao discurso tecido pelo interlocutor de Corydon. Aqui, pela simples (ou não) escolha lexical: ele transforma *blâmer* em “condenar”. *Blâmer* é aqui por nós lido como “censurar”, no sentido de “fazer uma repreensão disciplinar”, em sua ordem moral. “Condenar” encerra um julgamento e posterior sentenciamento, em que se reconhece a culpa de alguém. Não cremos ser este o caso.

39 Corydon anuncia com o título de sua obra seu desejo, sua causa, bem como os contornos de sua escrita. Escrita que se reverte da forma e do conteúdo de tratado. Além do mais, deixa claro que se preocupará com tão-somente a “homossexualidade”, em seu molde helênico clássico, em sua performance pederástica: o que nomeamos de pedagideação.

40 Corydon é interpelado por seu interlocutor em que esse questiona o porquê de não ser *Elogio*, no sentido de louvor ou mesmo panfletagem, haja vista que Corydon encontra-se engajado no “assunto”.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Semelhante título forçaria o meu pensamento. Já receio⁴¹ que na palavra <i>Defesa</i> alguns possam ver uma espécie de provocação.</p> <p>– E ousaria publicá-lo⁴²?</p> <p>– Não. Não ousaria – disse êle num tom mais grave.</p> <p>– Com efeito, são todos os mesmos, recomecei após um breve silêncio. – Fanfarreiam a portas fechadas⁴³ e entre os seus pares, mas na rua e diante do público a coragem se evapora. No fundo, sentem⁴⁴ perfeitamente a legitimidade da reprovação que lhes pesa; protestam com eloqüência em voz baixa; mas cedem em voz alta.</p> <p>– É verdade que a causa não tem⁴⁵ mártires.</p>	<p>– Êste título modificaria minha idéia; desde já temo⁴¹ que a palavra <i>Defesa</i>, para alguns enfeixe um quê de provocação.</p> <p>– E vai ousar publicar tal coisa⁴²?</p> <p>– Não; não ousarei, disse êle em tom mais grave.</p> <p>– Decididamente, vocês são todos iguais, redargui depois de um curto silêncio; vocês bazofiam em recinto fechado⁴³ e entre gente do mesmo naipe; mas na rua, diante do público a coragem se lhe evapora. Têm perfeitamente em si, a consciência⁴⁴ da legitimidade da reprovação que os arrasa; em voz baixa, protestam de maneira eloqüente; em voz alta, porém, recuam.</p> <p>– Não há dúvidas que a causa precisa⁴⁵ de mártires.</p>	<p>– Ce titre forcerait ma pensée ; déjà je crains que dans le mot <i>Défense</i>, certains ne voient une sorte de provocation.</p> <p>– Et vous osez publier cela ?</p> <p>– Non ; je n’oserai pas, fit-il sur un ton plus grave.</p> <p>– Décidément vous êtes tous les mêmes, repris-je après un court silence ; vous crânez en chambre et parmi vos pairs ; mais en plein air et devant public votre courage s’évapore. Vous sentez parfaitement, au fond, la légitimité de la réprobation qui vous accable ; vous protestez éloquemment à voix basse ; mais à voix haute vous flanchez.</p> <p>– Il est vrai que la cause manque de martyrs.</p>

41 Corydon teme mesmo a reação que pode engendrar a palavra “defesa”. Esse medo advém do tempo e espaço a partir do qual fala Corydon. Sabe ele que a “homossexualidade”, qualquer que seja sua performance, era tratada na sociedade francesa como um interdito, apesar de essa não ser criminalizada como ocorria em outros países, como a Alemanha. Todavia, a questão central aqui concerne às esferas pública e privada. A sociedade à qual pertencia Gide não tinha problemas com a “homossexualidade” desde que isso se restringisse ao espaço privado. Já em público o panorama era diferente. Colocar-se sob o julgamento de outrem à luz do dia era temerário, o que demonstra uma homofobia latente.

42 Vemos claramente o posicionamento de cada um dos tradutores com o que segue: no trecho “*Et vous osez publier cela ?*”, Silveira transformou o “*cela*”, a forma de reforço do pronome demonstrativo neutro, em “tal coisa”, em que há um tom de menoscabo. Já Garcia preferiu um pronome pessoal do caso oblíquo “-lo”, que cumpre função anafórica.

43 Vemos o interlocutor chamar a atenção de Corydon para o fato de que os “homossexuais”, todos, não têm coragem de sair do armário e de mostrar a cara ao público à luz do dia. Para ele, é-lhe muito mais cômodo (ou não) a “zona de conforto” em que se configura o “armário”. Contentam-se em “bazofiar” (Silveira) ou “fanfarrear-se” (Garcia) tão-somente na esfera privada.

44 Ora, de fato os homossexuais não têm só “consciência” (Silveira) de sua “monstruosidade”, de sua “marginalidade”, mas a “sentem” (Garcia) e vivem-na em seu dia-a-dia. A heteronormatividade é posta e encerra um código de conduta social que interdiz certos comportamentos, gestos, palavras, etc. Aqueles e aquelas que a ela não se amoldam sofrem as devidas sanções, quedando-se assim alvo de homofobia, em suas variadas formas de efetivação, culminando em violência de todo tipo.

45 Ora, de certo que o verbo *manquer* exprime uma ausência, que foi criada por Garcia com a tradução “não tem”. Contudo, Silveira foi adiante e volveu a marca de “ausência” na de “necessidade”, como podemos ver em sua tradução “precisa de”. Silveira,

outra vez, deu mostras de sua pena mais “engajada”. É mister dizer que, por mais óbvio que possa parecer, a ausência de “algo” não implica, necessariamente, a necessidade desse “algo”. Ao traduzir *Il est vrai que la cause manque de martyrs* por “Não há dúvidas que a causa precisa de mártires”, Silveira revela que seu engajamento não é tão-somente em relação ao discurso do interlocutor, mas ao de Corydon também, pelo menos neste excerto.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Não empregue palavras grandiosas⁴⁶.</p> <p>– Emprego as palavras necessárias. Tivemos Wilde, Krupp, Macdonald, Eulenberg⁴⁷...</p> <p>– Se isso não lhe basta...</p> <p>– Oh! Vítimas! Tantas vítimas quanto se queira! Mártires, não. Todos negaram; todos negarão.</p> <p>– Mas, por Deus do céu! Diante da opinião, dos jornais, dos tribunais, cada um se envergonha e se retrata.– E infelizmente também se mata!⁴⁸ Sim, tem razão, é dar ganho de causa à opinião o fato de estabelecer a sua inocência sobre a condenação da sua existência. Estranho! Tem-se a coragem das opiniões; dos costumes, não.</p>	<p>– Não use, portanto, têrmos extravagantes⁴⁶.</p> <p>– Uso os têrmos que forem necessários. Nós tivemos Wilde, Krupp, Macdonald, Eulenburg⁴⁷...</p> <p>– Se isto não lhe fôr suficiente.</p> <p>– Oh! vítimas, vítimas, tantas quantas se queiram! Mártires, nenhum! Todos negaram; todos negarão.</p> <p>– Ah! Evidente, diante da opinião pública, de jornais ou dos tribunais, todos se envergonham e se retratam.</p> <p>– Perdem-se, coitados!⁴⁸ De fato você tem razão: é dar ganho de causa ao julgamento do público e não demonstrar sua inocência, no que concerne à reprovação de sua vida. Estranho! Tem-se a coragem das opiniões, mas a coragem aos costumes, nunca.</p>	<p>– N’employez donc pas de grands mots.</p> <p>– J’emploie les mots qu’il faut. Nous avons eu Wilde, Krupp, Macdonald, Eulenburg...</p> <p>– Si cela ne vous suffit pas.</p> <p>– Oh ! des victimes ! des victimes tant qu’on en veut ! des martyrs, point. Tous ont nié ; tous nieront.</p> <p>– Eh ! parbleu, devant l’opinion, les journaux ou les tribunaux, chacun prend honte et se rétracte.</p> <p>– Ou se tue, hélas ! Oui, vous avez raison : c’est donner gain de cause à l’opinion que d’établir son innocence sur le désaveu de sa vie. Etrange ! On a le courage de ses opinion ; de ses mœurs, point.</p>

46 Garcia contenta-se com uma tradução literal de *grands mots* (palavras grandiosas), ao passo que Silveira trabalha em termos de “palavras extravagantes”. Ora, na tradução de Silveira, vemos uma dupla censura. A primeira é quanto às palavras ditas e a segunda é quanto à natureza dessas palavras “extravagantes”, no sentido de empoleiradas, excêntricas, afetadas e quiçá feminis.

47 Corydon traz um rol de seus “representantes”: 1) Oscar Wilde foi levado a julgamento e condenado a dois anos de trabalhos forçados na prisão de Reading, por prática de “indecência grave”. A acusação se baseava numa emenda ao Código Penal Vitoriano que visava a proteger moças de ataques sexuais e prostituição. Mas, por causa dos seus termos vagos, a emenda acabou abrangendo “atos indecentes” em geral, nos quais se incluíam de modo privilegiado as relações entre pessoas do mesmo sexo, ainda que adultas e consensuais; 2) Friedrich Alfred Krupp suicidou-se em 1902 após a denúncia do jornal alemão *Vorwärts!* de que ele era pederasta. É preciso dar a conhecer que de maio de 1871 a março de 1994, vigorou na Alemanha um código penal que considerava atos homossexuais como crime; 3) O general Macdonald suicidou-se em 1903 em Paris devido aos rumores de suas práticas pederásticas (ELSOKATI, 2012, p. 43); 4) Já Eulenburg também foi levado ao tribunal. Seu caso ganhou grande repercussão, Caso Eulenburg, constituindo-se na polêmica envolvendo membros proeminentes do gabinete de Guilherme II da Alemanha e pessoas próximas a ele em uma série de processos em corte marcial e cinco processos civis por conduta homossexual. Apesar de as “práticas homossexuais” não serem consideradas crime na França desde o Código Napoleônico, Corydon temia publicar suas ideias, sua tese, seu manifesto, sua confissão por conta da reprovação pública que, muito possivelmente, ele sofreria.

48 *Ou se tue, hélas !* é traduzido por Silveira nestes termos: “Perdem-se, coitados!”. Com o uso da terceira pessoa do plural, Silveira põe Corydon fora do grupo de que se fala e, para completar, com o uso do adjetivo “coitados” em posição vocativa, traz à baila a ideia de pena, mas se esquece o tradutor do fato de que muitas pessoas pertencentes ao grupo lidam com o “assunto” de forma trágica, ou seja, suicidando-se. Cremos que a tradução de Garcia, que é quase literal, foi mais feliz, pois não comprometeu o

entendimento do enunciado; mas podemos dizer que a de Silveira promoveu um pouco mais a inquietação, em que o leitor é chamado à reflexão e ao debate.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Aceita-se de bom grado sofrer⁴⁹; mas não o ser desonrado⁵⁰.</p> <p>– E não está fazendo com êles, ao recuar diante da publicação do seu livro?</p> <p>Hesitou alguns instantes, e depois:</p> <p>– Talvez eu não recue⁵².</p> <p>– Acuado diante dos tribunais por um Queensberry ou um Harden, já sabe contudo qual será⁵⁴ a sua atitude.</p> <p>– Ah! Sem dúvida, de um modo bem semelhante ao dos que me precederam, perderei a cabeça e negarei. Só a vida sabe se a lama que alguns nos atiram não conspurca outros que nos são caros. O escândalo acabrunharia minha mãe; eu nunca me perdoaria.</p>	<p>Aceita-se em princípio o sofrimento⁴⁹, mas não a desonra⁵⁰.</p> <p>– Você não será como êle⁵¹, ao recuar na publicação do seu trabalho?</p> <p>Êle hesitou alguns instantes, em seguida:</p> <p>– Espicaçado⁵³ diante dos tribunais por um Quennsberry ou Harden, você antevê então qual seria⁵⁴ sua atitude.</p> <p>– Infelizmente, sim! É possível que da mesma forma que aquêles que me precederam, eu perderia o contrôle e negaria. Nunca se está tão só na vida, que a lama que alguém nos joga, não respingue por sua vez nas pessoas que nos são caros. O escândalo consternaria minha mãe; fato que não poderia a mim próprio perdoar.</p>	<p>On accepte bien de souffrir ; mais pas d'être déshonoré.</p> <p>– N'êtes-vous pas comme eux, en reculant devant la publication de votre livre ?</p> <p>Il hésita quelques instants, puis :</p> <p>– Peut-être que je ne reculerai pas.</p> <p>– Acculé devant les tribunaux par un Queensberry ou un Harden, vous prévoyez pourtant quelle serait votre attitude.</p> <p>– Hélas ! Sans doute que tout pareil à ceux qui m'y ont précédé, je perdrais contenance et nierais. On n'est jamais si seul dans la vie, que la boue que certains nous jettent n'éclabousse à la fois quelques autres qui nous sont chers. Le scandale désolerait ma mère ; je ne me le pardonnerais pas.</p>

49 Sofrimento, no sentido de dor moral, em que se sofre calado. Tal sofrimento é, sem dúvida, uma violência promovida pelo código comportamental da heteronormatividade. Muitos vão às últimas consequências por não aguentarem tamanha violência e, promovem eles mesmos uma outra violência, o suicídio.

50 Desonra guarda uma íntima relação com vergonha, que é, outrossim, uma outra forma de violência que, quando alcança o espaço público, a depender do tempo e espaço em que se encontra o alvo dessa, pode levar até ao cárcere, como ocorreu com Wilde.

51 Cremos que a falta da marca de plural, o –s, se trata de um erro de impressão ou mesmo editoração.

52 Não entendemos o porquê da supressão da declaração, eivada de dúvida (*peut-être*), de Corydon: *Peut-être que je ne reculerais pas*, por parte de Silveira. Acaso quis ele silenciar essa possível reação positiva da parte de Corydon?

53 Tal escolha lexical revela uma certa afetação de estilo por parte de Silveira. É como se esse quisesse imprimir cores de maior dramaticidade à cena.

54 O emprego do futuro do presente por Garcia soa como um aviso do tipo “se fizer isso sofrerá tal coisa”. Diferente da estratégia de Silveira que, ao traduzir literalmente *serait*, pelo futuro do pretérito em língua portuguesa, mantém a questão no plano da possibilidade.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Minha irmã mais moça vive com ela e ainda não casou. Talvez fôsse difícil encontrar alguém que me aceitasse como cunhado.</p> <p>– Claro! Compreendo-o muito bem. Está confessando que êsses costumes desonram até os que apenas os toleram⁵⁵.</p> <p>– Não é uma confissão; é uma constatação. Por isso é que desejo mártires⁵⁶ para essa causa.</p> <p>– Refere-se com essa palavra a...</p> <p>– ...alguém que se adiantasse ao ataque⁵⁷; que, sem bravatas⁵⁸, suportasse a reprovação, o insulto; ou melhor, cujo valor, probidade, inteireza fôssem tão reconhecidos que a reprovação hesitasse primeiro⁵⁹...</p>	<p>A jovem irmã que tenho, vive com ela e ainda não casou. Sinto que seria uma hipótese remota encontrar alguém que me aceitasse por cunhado.</p> <p>– Ah! Pois então! compreendo-o perfeitamente; você confessa portanto que êsses costumes desonram até mesmo aquêle que apenas os tolera⁵⁵.</p> <p>– Não se trata de uma confissão; é antes uma constatação. Eis aí porque procuro mártires⁵⁶ para a causa.</p> <p>– Entende pela palavra... ?</p> <p>– Alguém que se antepusesse ao ataque⁵⁷; que, sem charlatanice nem bravatas, suportasse a reprovação, o insulto; ou melhor, que fosse de valor, de probidade e de lealdade insofismável, diante do que qualquer reprovação hesitaria de início em⁵⁹...</p>	<p>Ma jeune sœur vit avec elle et n'est pas encore mariée. Peut-être se trouverait-il malaisément quelqu'un qui m'accepterait pour beau-frère.</p> <p>– Eh ! parbleu ! je vous saisis bien ; vous avouez donc que ces mœurs déshonorent même celui qui ne fait que les tolérer.</p> <p>– Ce n'est pas un aveu ; c'est une constatation. Voilà bien pourquoi je souhaite à cette cause des martyrs.</p> <p>– Vous entendez par le mot... ?</p> <p>– Quelqu'un qui irait au-devant de l'attaque ; qui, sans forfanterie, sans bravade, supporterait la réprobation, l'insulte ; ou mieux, qui serait de valeur, de probité, de droiture si reconnues que la réprobation hésiterait d'abord...</p>

55 O interlocutor trouxe à baila a figura da tolerância, no sentido de tendência a admitir, nos outros, maneiras de pensar, de agir e de sentir diferentes ou mesmo diametralmente opostas às adotadas por si mesmo. A tolerância aqui opõe-se à aceitação, no sentido de concordância, aquiescência. Assim, Corydon, no que diz respeito aos seus “costumes” e desejo (que trariam desonra, segundo o interlocutor), teria no máximo tolerância por parte daquelas pessoas que lhe eram caras, quiçá nem isso.

56 Por conta da quase certa desonra que os “costumes” de Corydon trariam para si e para sua família com sua saída do armário, ele volta à questão do “mártir”. Não é que ele não o possa ser. Ele simplesmente não o quer.

57 Vemos Corydon colocar-se na condição de assinalar e desenhar a “identidade” desse mártir que ele tanto deseja para a “causa homossexual”. Na verdade, o que ele quer mesmo é um mártir para sua própria causa, a causa pedagógica.

58 Garcia decide não traduzir *forfanterie*, talvez por considerar a palavra como sinônima de *bravade*.

59 Corydon clama por um mártir que se amolde ao padrão heteronormativista e heterossexista, contra o qual parece lutar. Não pode ser uma pessoa performática, lânguida, feminil, dado que seja sem “fanfarrice” e sem “bravata”. Corydon quer um mártir “heterossexual”, na forma, e “pederasta”, no conteúdo, *grosso modo* falando.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Precisamente êsse homem é que não será encontrado.</p> <p>– Deixe-me desejar que o seja.</p> <p>– Vejamos! Cá entre nós, acredita que êle possa ser muito útil? Qual a mudança de opinião que esperam? Concordo que se sentem um tanto coibidos. Mas se sentissem um pouco mais, seria muito melhor, acredite-me; êsses costumes abomináveis simplesmente deixariam de existir, e jamais tornariam a produzir-se. (Notei que êle dava de ombros; o que não me impediu de insistir): Julga que demasiadas torpezas⁶⁰ já não se manifestam à luz do dia? Estou cansado de dizer que os homossexuais encontram aqui e ali numerosas⁶¹ facilidades.</p>	<p>– Precisamente, um homem dêsse quilate não será encontrado.</p> <p>– Deixe-me desejar o contrário.</p> <p>– Vejamos então! Aqui entre nós, crê então que êle seja útil? Que mudança de opinião, espera você? Reconheço que vocês se sentem um tanto contrafeitos. Se estivessem um pouco mais além, seria um bom avanço, creiam-me; êsses abomináveis costumes deixariam naturalmente de existir, e para não mais tornarem a se reproduzir.</p> <p>(Percebi que êle dava de ombros; o que não me impediu de insistir):</p> <p>– Acha então que não são poucas as ignomínias⁶⁰ que se exibem em plena luz do dia? Estou convencido de que os homossexuais gozam, daqui ou dali, de certas⁶¹ facilidades.</p>	<p>– Précisément cet homme-là, vous ne le trouverez pas.</p> <p>– Laissez-moi souhaiter qu'il se trouve.</p> <p>– Voyons ! Entre nous, vous le croyez donc bien utile ? Quel changement d'opinion attendez-vous ? J'accorde que vous êtes un peu contraints. Si vous l'étiez un peu davantage, il n'en vaudrait que mieux, croyez-moi ; ces abominables mœurs cesseraient tout naturellement d'exister, pour n'arriver plus à se produire. (Je remarquai qu'il haussait les épaules ; ce qui ne m'empêcha pas d'insister) : Prétendez-vous qu'assez de turpitudes ne s'étalent déjà pas au grand jour ? Je me suis laissé dire que les homosexuels trouvent de-ci de-là de honteuses facilités.</p>

60 Mais uma vez a questão binária público/privado vem à baila. Para o interlocutor muitas já são as indecências, ou seja, pessoas que trazem plasmadas em seus corpos marcas do que ele chama de “torpezas”, segundo Garcia, que se exibem à luz do dia, diante dos olhos de todos. Vejam o termo empregado para caracterizar os homossexuais, enquanto sujeitos marginais.

61 Tanto Silveira quanto Garcia amenizam o teor das ditas “facilidades” de que gozam os homossexuais. Para Garcia são “certas facilidades” e para Silveira, “numerosas facilidades”. Ora, o interlocutor de Corydon trabalha em termos de “*honteuses facilités*” (“vergonhosas facilidades”, literalmente), o que, de certa maneira, coaduna-se com seu discurso sobre o qual tratou-se na nota anterior.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Que se contentem com as que se escondem⁶², a complacência de seus semelhantes⁶³; não reivindique para êles a aprovação ou sequer a indulgência das pessoas honestas⁶⁴.</p> <p>– E apesar de tudo é a estima dessas pessoas que eu não posso dispensar.</p> <p>– Que fazer então? Mude os seus costumes⁶⁵.</p> <p>– Acontece que não posso⁶⁶ mudá-los. Esse o dilema para o qual Krupp, Macdonald e tantos outros não viram outra solução a não ser um tiro de revólver.</p> <p>– Felizmente você é menos trágico.</p> <p>– Não estou certo; mas gostaria de escrever meu livro⁶⁷.</p>	<p>Que se contentem das que ainda mantêm em segredo⁶², do assentimento dos seus iguais⁶³; não se amofine em absoluto por causa dêles no que diz respeito à aprovação, nem mesmo à indulgência das pessoas de bem⁶⁴.</p> <p>– Mas é justamente da estima dêles que não me posso privar.</p> <p>– Que fazer? Mude seus costumes⁶⁵.</p> <p>– Acontece que não os posso⁶⁶ modificar. Eis aí o dilema, do qual Krupp, Macdonald e tantos outros não acharam solução melhor que o suicídio.</p> <p>– Felizmente você é menos trágico.</p> <p>– Não vou afirmar o contrário; não obstante tenho o propósito de escrever meu livro⁶⁷.</p>	<p>Qu'ils se contentent de celles qui se cachent, des complaisances de leurs pareils; ne briguez point pour eux l'approbation, ni même l'indulgence, des honnêtes gens.</p> <p>– C'est pourtant de l'estime de ceux-ci que je ne puis pas me passer.</p> <p>– Qu'y faire? Changez vos mœurs.</p> <p>– C'est que je ne puis pas les changer. Voilà le dilemme auquel Krupp, Macdonald et tant d'autres ne virent d'autre solution que le coup de revolver.</p> <p>– Heureusement vous êtes moins tragique.</p> <p>– Je n'en jurerais point; mais je voudrais écrire mon livre.</p>

62 O interlocutor revela um desejo seu de que tais coisas mantenham-se no armário; para elas o segredo, o silêncio, a discrição.

63 Vemos aqui uma clara distinção feita pelo interlocutor: nós, os heterossexuais, isto é, os normais, e vocês, os homossexuais, os desviantes, os desavergonhados.

64 O interlocutor aconselha Corydon a não sair do armário em nome dessa causa. Que ele não busque a “aprovação” nem a “indulgência” (Silveira e Garcia) das pessoas honestas. Pois bem, por simples lógica dedutiva, podemos dizer que o interlocutor está a dizer que os homossexuais são, *inter alia*, desonestos, na leitura de Garcia, e pessoas do mau, na de Silveira.

65 Mais um conselho que visa guiar Corydon rumo ao tesouro da heterossexualidade: “Mude seus costumes”. Desde o começo do texto, o interlocutor trabalha tão-somente em termos de “costumes”; ora, ele desconsidera completamente que há aí também questões de desejo e afetividade. Daí a categoria “orientação sexual” ser deveras problemática. As pessoas não são pura e simplesmente levadas a se relacionarem umas com as outras em razão de sexo.

66 Vemos Corydon anunciar que não pode modificar seus costumes e isso se deve ao fato de que tais costumes nascem de seu desejo, esse impulso de vida que se converte numa tensão em direção a um fim considerado pela pessoa que deseja como fonte de satisfação. Não se trata, pois, de Corydon não querer; não é do plano da vontade.

67 Corydon, conquanto não tenha a coragem de sair do armário publicamente, vê na escritura de seu livro uma válvula de escape para a aflição que lhe consome.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Confesse que há um pouco de orgulho⁶⁸ no seu caso.</p> <p>– Absolutamente nenhum.</p> <p>– Você cultiva a sua extravagância⁶⁹, e, para que ela não o envergonhe ainda mais, felicita-se por não se sentir como os outros⁷⁰.</p> <p>Êle tornou a encolher os ombros e deu alguns passos pela sala sem dizer nada; depois, parecendo por fim dominar a impaciência que as minhas observações lhe causavam, recomeçou:</p>	<p>– Confesse que há uma parcela de amor-próprio⁶⁸ em causa.</p> <p>– Nem um pouco.</p> <p>– Você cultiva seus requintes⁶⁹, e para não se sentir envergonhado, se compraz de não se considerar igual aos demais⁷⁰.</p> <p>Deu novamente de ombros e andou pela sala sem nada dizer; depois, parecendo controlar enfim a impaciência que meus últimos argumentos lhe causavam:</p>	<p>– Avouez qu’il entre passablement d’orgueil dans votre cas.</p> <p>– Pas le moindre.</p> <p>– Vous cultivez votre bizarrerie, et, pour n’en être plus honteux, vous vous félicitez de ne vous sentir pas pareil aux autres.</p> <p>Il haussa de nouveau les épaules et fit quelques pas dans la pièce sans rien dire ; puis, semblant maîtriser enfin l’impatience que mes derniers propos lui causaient :</p>

68 Talvez a tradução de *orgueil* por “ vaidade ” fosse mais apropriada ao caso em questão. Garcia traduziu literalmente por “ orgulho ” e Silveira, “ amor-próprio ”. Não se está a dizer que a escolha de cada um dos tradutores tenha sido errada, mas que outras opções poderiam ser mais adequadas.

69 Faltou acuidade crítico-tradutória tanto para Garcia quanto para Silveira; afinal, *bizarrierie*, neste caso, soaria melhor como “ bizarrice ” ou mesmo “ esquisitice ”, dado que para o interlocutor é no campo do bizarro em que se inscreve o tema do livro de Corydon, bem como as práticas homossexuais, que são consideradas não naturais.

70 O interlocutor põe Corydon contra a parede ao dizer que esse não se sente como seus iguais. Isto é, Corydon, como já dito anteriormente, obrará uma *Defesa da Pederastia* e, não, uma *Defesa da Homossexualidade*. Vemos desde já que para Corydon a pederastia goza, hierarquicamente, de um status privilegiado em relação à “ homossexualidade ”. E de certa forma faz todo sentido quando o interlocutor fala de “ orgulho ” da parte de Corydon, pois seu desejo o coloca como pertencente a uma casta superior.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p style="text-align: center;">II</p> <p>– Antigamente⁷¹ você era meu amigo, disse êle, tornando a sentar-se perto de mim. – Lembro-me que sabíamos compreender-nos. É-lhe indispensável hoje patentear a sua ironia⁷² a cada frase que eu digo? Não poderia, está claro que não digo aprovar-me⁷³, mas escutar-me de boa fé? Como de boa fé lhe falarei, se sentir que assim me escuta.</p> <p>– Desculpe-me, disse-lhe eu, desarmado pelo tom das suas palavras. – É verdade que estou afastado de você.</p>	<p style="text-align: center;">II</p> <p>– Não faz muito tempo⁷¹, você era meu amigo, disse Corydon, assentando-se outra vez perto de mim. Lembro-me de que sabíamos nos compreender. No momento presente, será que é indispensável você envolver cada frase que diga, com sua ironia⁷²? Não pretendo que me aplauda⁷³, mas ao menos, que me escute com espírito de justiça, como de igual sentimento me dirijo a você... e como continuarei falando, caso me dê atenção.</p> <p>– Desculpe, disse-lhe, constrangido pelo tom de suas palavras. É verdade que estou em condições desiguais em relação a você.</p>	<p style="text-align: center;">II</p> <p>– Naguère vous étiez mon ami, dit-il en se rasseyant près de moi. Il me souvient que nous savions nous nous comprendre. Vous est-il bien indispensable aujourd'hui, à chaque phrase que je dis, de mettre au vent votre ironie ? Ne sauriez-vous, je ne dis certes pas m'approuver, mais m'écouter de bonne foi ? comme de bonne foi je vous parle... du moins comme je parlerai, si je sens que vous m'écoutez.</p> <p>– Excusez-moi, lui dis-je désarmé par le ton de ses paroles. Il est vrai que je suis en retard avec vous.</p>

71 Vemos aqui a coreografia do *double bind*, em que o *naguère* põe em cena, em língua portuguesa, tanto a ideia de “antigamente, outrora” quanto a de “não faz muito tempo”, encerrando ambas uma adverbialidade de tempo. Todavia ambas encerram ideias opostas e não podem ser usadas ao mesmo tempo.

72 Corydon chama à atenção a constante ironia presente no discurso até aqui urdido pelo seu interlocutor. Malgrado a amizade de ambos, o assunto suscita um quê de ironia, sarcasmo ou mesmo pilhéria.

73 Silveira faz uso de uma ironia ao traduzir *approuver* por “aplaudir”, ao passo que Garcia procede a uma tradução literal “aprovar”. Ora, para que haja aplausos se faz necessária uma prévia aprovação.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Sim, éramos assaz íntimos, no tempo em que a sua conduta nada cedia às suas tendências⁷⁴.</p> <p>– Depois, deixou de ver-me; digamos melhor: rompeu comigo.</p> <p>– Não nos expliquemos a êsse respeito⁷⁵; mas falemos como o teríamos feito àquele tempo, atalhei, estendendo-lhe a mão. – Tenho tempo para escutá-lo. Quando nos freqüentávamos, você ainda era estudante. Naquela época, você já tinha se definido⁷⁶? Fale! É uma confissão que espero⁷⁷.</p> <p>⁷⁸ [...]</p>	<p>Sim, nós éramos bastante íntimos no tempo em que sua conduta nada demonstrava de suas preferências⁷⁴.</p> <p>– Pois deixou de me ver; ou melhor: em seguida, você rompeu comigo.</p> <p>– Não suscitemos explicações a respeito da tal fato⁷⁵, mas falemos como fazíamos há uns tempos, retorqui ao lhe estender a mão. Disponho de tempo para ouvi-lo. Quando nos freqüentávamos, você era ainda estudante. Naquela época, tinha então uma visão formada de você próprio⁷⁶? Fale! É confissão que espero de você⁷⁷.</p> <p>– Êle começou, deitando em mim um olhar que significava o renascer da confiança:</p>	<p>Oui, nous étions assez intimes, du temps que votre conduite encore n'accordait rien à vos penchants.</p> <p>– Puis, vous avez cessé de me voir ; disons mieux : vous avez rompu.</p> <p>– Ne nous expliquons pas là-dessus ; mais causons comme nous eussions fait naguère, repris-je en lui tendant la main. J'ai du temps pour vous écouter. Lorsque nous nous fréquentions, vous étiez encore étudiant. A ce moment, aviez-vous déjà vu clair en vous-même ? Parlez ! C'est une confession que j'attends.</p> <p>Il commença, tournant vers moi un regard où renaissait la confiance :</p>

74 Há aqui duas questões fundamentais: 1) O interlocutor era “íntimo” de Corydon até quando isso lhe foi conveniente. A partir do momento em que tal “intimidade” começou a macular a imagem moral do interlocutor, as coisas mudaram de figura; 2) Garcia mantém uma uniformidade ao traduzir *penchants* por “tendências”, já Silveira, mais uma vez, põe em cena o seu engajamento ideológico-tradutório; sua tradução: “preferências”. Ao trabalhar em termos de “preferência”, Silveira não reconhece a categoria “orientação sexual” (que como já se asseverou é deveras precária). Assim, inferimos que para ele a questão é do plano da “escolha sexual”. É como se Corydon, entre homo ou heterossexualidade, tivesse “escolhido” a homossexualidade e, em termos mais precisos, a pederastia.

75 Vemos o interlocutor sair pela tangente: “O interlocutor era “íntimo” de Corydon até quando isso lhe foi conveniente, a partir do momento em que tal “intimidade” pudesse começar a macular a imagem moral do interlocutor, as coisas mudaram de figura”.

76 Ora, consideramos que nem Garcia nem Silveira lograram uma tradução relevante de: *A ce moment, aviez-vous déjà vu clair en vous-même ?*. Quanto a Silveira o problema deita-se do adjetivo “formada” (“Naquela época, tinha então uma visão formada de você próprio?”). Já na de Garcia o ponto problemático é quanto à locução verbal “tinha se definido” (“Naquela época, você já tinha se definido?”). Pois bem, não há que se falar em identidades estanques; Daí a categoria orientação sexual revelar-se deveras precária, porque funciona quase que como uma camisa de força identitária no que concerne o desejo sexual e as afetividades. O próprio Corydon não se vê como “homossexual”, mas antes “pederasta”.

77 O interlocutor de Corydon projeta nele a resposta que ele já sabe, mas que quer ouvir de sua boca. Daí ele esperar uma confissão.

78 Garcia suprime todo um parágrafo. Justamente o parágrafo em que Corydon sinaliza o renascer da confiança entre ele e seu interlocutor.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Durante os meus anos como interno nos hospitais, a consciência que adquiri de minha... anomalia⁷⁹ mergulhou-me numa inquietação mortal. É absurdo sustentar, como ainda fazem alguns, que só se chega à pederastia pela libertinagem⁸⁰, e que nisso há o gosto de um enfarado. Eu não podia me considerar um degenerado, nem um enfêrmo⁸². Trabalhador, muito casto⁸³, vivia com a idéia fixa de casar, ao concluir os anos de prática nos hospitais, com uma môça⁸⁴, que depois morreu, e que eu então amava acima de tudo no mundo.</p> <p>Eu a amava demasiado para saber com clareza que não a desejava⁸⁵.</p>	<p>No decurso dos anos que passei como interno nos hospitais, a consciência que adquiri de minha... anomalia⁷⁹ me envolveu em uma inquietude insuportável. É absurdo sustentar, como ainda fazem alguns, que não se chega à pederastia por outro caminho senão o da libertinagem⁸⁰, e que ao atingí-lo tem-se o gosto macerado do vício⁸¹. Além disso, não podia me aceitar igual a um degenerado, nem na classe dos doentes⁸². Gostando do trabalho, muito casto⁸³, me acompanhava a idéia fixa de desposar, ao completar os anos de estágio no hospital, uma jovem⁸⁴, que depois morreu, e que amava naquela época mais do que tudo no mundo.</p> <p>Amava-a demais para que pudesse perceber nitidamente que não a desejava⁸⁵.</p>	<p>Durant mes années d'internat dans les hôpitaux, la conscience que j'acquis de mon... anomalie me plongea dans une inquiétude mortelle. Il est absurde de soutenir, ainsi que font encore certains, que l'on ne parvient à la pédérastie que par la débauche et que c'est là goût de blasé. Je ne pouvais non plus me reconnaître pour dégénéré, ni malade. Laborieux, très chaste, je vivais avec la fixe idée d'épouser, au sortir de mes années d'hôpital, une jeune fille, qui depuis est morte, que j'aimais alors par-dessus tout au monde.</p> <p>Je l'aimais trop pour me rendre nettement compte que je ne la désirais pas.</p>

79 Reconhecimento de Corydon de sua anormalidade e isso tomando como parâmetro os padrões heteronormativistas de seu tempo e espaço. Faz-se necessário lembrar que Corydon era médico.

80 Corydon percebe em si, ou melhor, em seu desejo, que a libertinagem, no sentido de conduta de pessoa que se entrega imoderadamente a prazeres sexuais, não é condição *sine qua non* da pederastia. É a partir daí que sua saída do armário começa a ganhar contornos mais nítidos.

81 Silveira traz à baila a figura do “vício”, que não consta no texto-fonte. Para o tradutor, em sua leitura, a libertinagem necessariamente conduz ao que ele chama de “vício”.

82 Corydon nega todo o “pacote indenitário” atribuído aos “homossexuais”, ou melhor, “pederastas”. Ora, ele não se via nem como “degenerado”, nem como um “doente”.

83 Vemos o advérbio de intensidade “muito” reforçar a ideia da “virgindade” de Corydon.

84 Vemos que a citada “moça” cumpre um papel meramente secundário no discurso de Corydon. Ela surge, em primeiro lugar, para trazer à baila a intenção heteronormativista por parte de Corydon, pelo matrimônio; e, em segundo lugar, como veremos adiante, por conta do irmão dela, que cumprirá um papel-chave na história. A morte precoce da “moça” só endossa seu caráter de segunda categoria.

85 Corydon está a distinguir “amor” de “desejo”? Teria ele pela “moça” o que os antigos gregos chamavam de *φιλία*? Cremos que uma tradução mais adequada seria “Gostava dela por demais...”.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Sei que certas pessoas dificilmente admitem que uma coisa possa existir sem a outra; eu próprio o ignorava. Contudo, nenhuma outra mulher jamais ocupava os meus sonhos, nem despertava em mim qualquer desejo⁸⁶. E ainda menos me tentavam as m^oças atrás das quais eu via os meus camaradas correrem. Mas como, então, eu não supunha que pudesse desejar outros sêres⁸⁷, nem mesmo que outros sêres pudessem ser desejados de uma forma autêntica⁸⁸, eu me persuadia do mérito de minha abstinência, exaltava-me de chegar virgem ao casamento, e me glorificava com uma pureza que não podia julgar enganosa⁸⁹.</p>	<p>Sei perfeitamente que certas pessoas admitem com relutância que uma coisa possa se desligar da outra; de minha parte, ignorava-o por completo. Entretanto, nenhuma outra mulher ocupava, em hipótese alguma, meus sonhos, nem despertava em mim qualquer desejo⁸⁶. Ainda menos me perturbavam as jovens atrás das quais via quase todos meus camaradas correrem. Mas como então quase não desconfiava que pudesse desejar outros sêres⁸⁷, nem tão pouco que outros sêres pudessem ser autênticamente⁸⁸ desejados; persuadia-me o mérito de minha abstinência e me exaltava a idéia de chegar virgem ao casamento, e me glorificava por uma pureza que não podia julgar enganadora⁸⁹.</p>	<p>Je sais bien que certains esprits admettent malaisément que l'un puisse aller sans l'autre ; je l'ignorais moi-même absolument. Cependant aucune autre femme ni n'habitait jamais mes rêves, ni n'éveillait en moi quelque désir. Encore moins me tentaient les filles après qui je voyais presque tous mes camarades courir. Mais comme, alors, je ne soupçonnais guère que je pusse désirer d'autres êtres, ni même que d'autres êtres pussent être authentiquement désirés, je me persuadais du mérite de mon abstinence, m'exaltais à l'idée d'arriver vierge au mariage, et me glorifiais d'une pureté que je ne pouvais croire trompeuse.</p>

86 Fica claro que Corydon era incapaz de desejar mulheres, segundo ele próprio, mas conseguiu amar de todo coração a figura de sua “esposa”. Tudo isso para ele quedava-se um grande dilema. Os afetos dão-se em diferentes graus de complexidade e nem todo afeto implica desejo sexual. Daí, quando falamos em “homossexualidade”, estamos nos restringindo tão-somente aos aspectos sexuais das relações; relações essas que podem não conter afeto algum. Já ao falarmos em “relações homoafetivas”, o problema tampouco diminui, haja vista que o relacionamento afetivo entre um pai e um filho é, ao menos em tese, homoafetivo.

87 Que outros seres? Homens, efebos, animais, cadáveres, etc.? Ora, Corydon se vale de uma performance discursiva para não dizer explicitamente o que tacitamente já o fora dito desde, praticamente, o início: homens, ou melhor, efebos.

88 “Autêntico” aqui é lido como legítimo. Achava Corydon que outros “seres” não pudessem ser por ele legitimamente desejados. Ledo engano!

89 Corydon havia se colocado numa redoma, na qual cultivava valores como “abstinência”, “virgindade” e “pureza”. Porém, sua redoma era de vidro e, logo, seu desejo a faria ruir.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Foi aos poucos que cheguei a compreender-me; tive enfim que confessar a mim mesmo que aquelas blandícies tão gabadas, às quais eu me desvanecia em resistir, não me ofereciam a menor atração⁹¹.</p> <p>O que eu tinha tomado por virtude não passava, portanto, de indiferença⁹¹. Isso, um jovem de certos princípios não poderia reconhecer sem um terrível dissabor. Só o trabalho conseguia afastar a minha melancolia; ela descoloria, escurecia a minha vida; depressa me convencia de que não servia para o casamento e, nada podendo confessar à minha noiva sôbre as causas da minha tristeza⁹³, minha atitude junto a ela se tornou cada vez mais equívoca e embaraçada.</p>	<p>A compreensão dos fatos chegou lentamente; tive que compenetrar-me enfim de que essas tentações⁹⁰ que levavam à jactância, às quais gabava de resistir, não tinham para mim o mínimo atrativo⁹¹.</p> <p>O que tomara por virtude não era outra coisa senão a indiferença⁹¹. Eis o que um jovem espírito, de sentimentos elevados, não saberia reconhecer sem um dissabor horrível. Sòmente o trabalho vencia minha tristeza; ela descoloria, ensombrecia minha vida; de imediato percebi que não era destinado⁹² para o casamento, e não podendo deixar transparecer à minha noiva a causa dessa tristeza⁹³, o comportamento que tive⁹⁴ de manter ao seu lado, tornou-se cada vez mais embaraçoso e difícil.</p>	<p>Ce n'est que lentement que je parvins à me comprendre ; je dus m'avouer enfin que ces blandices tant vantées, auxquelles je me flattais de résister, n'étaient pour moi d'aucun attrait.</p> <p>Ce que j'avais tenu pour vertu n'était donc rien qu'indifférence ! Voici ce qu'une jeune âme un peu noble ne saurait reconnaître sans un déboire affreux. Seul le travail venait à bout de ma mélancolie ; elle décolorait, assombrissait ma vie ; je me persuadais vite que j'étais impropre au mariage et, ne pouvant rien avouer à ma fiancée des causes de ma tristesse, mon attitude auprès d'elle devint de plus en plus équivoque et embarrassée.</p>

90 Silveira traduz *blandices* por “tentações”. “Blandícias” não guarda relação nenhuma com “tentação”. Talvez tenha ele querido imprimir um tom mais dramático ao discurso de Corydon.

91 Corydon dá-se conta de sua redoma, em que “aquelas blandícias tão gabadas”, na pena de Garcia, não mais lhe apeteçam. Vemos pouco a pouco um despertar de Corydon para si mesmo. O que julgava virtude volve-se em indiferença, em apatia. Era como se ele fosse muito mais espectador do que ator de sua própria vida.

92 Silveira traduz *impropre* por “destinado”. Nossa interpretação é que sua escolha não foi adequada, pois cremos não se tratar de um fado, logo, “fadado”. Parece-nos que *impropre*, no caso em questão, relaciona-se muito mais a “inadequado”, em seu sentido moral.

93 Corydon põe a questão no plano do “não poder”, mas na realidade trata-se de “não querer”. Ademais, sua tristeza, oriunda da constatação de seu desejo e, outrossim, não-desejo, coloca-o no armário.

94 Ora a inserção da oração subordinada adjetiva, “...que tive de manter...”, é-nos reveladora da pena de Silveira. Sabemos que Corydon vive em um contexto em que reina a heteronormatividade, mas quando o tradutor acrescenta tal oração, ele faz reforçar os contornos heteronormativos quanto ao comportamento de Corydon naquela situação de inquietude e tristeza.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Contudo, algumas experiências que eu então quis fazer no bordel mostraram-me, de modo inequívoco, que eu não era impotente; mas ao mesmo tempo, acabaram de convencer-me.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Convencer de quê? – Meu caso me parecia dos mais estranhos (como é que eu então poderia suspeitar que êle é freqüente?). Eu me via capaz de volúpia; julgava-me incapaz, falando propriamente, de desejo. Nascido de pais muito sãos⁹⁸, eu próprio era sólido⁹⁹ e bem construído; meu aspecto não denotava a minha desgraça; nenhum dos meus amigos desconfiava dela; e eu preferia ser esquartejado¹⁰¹ a revelar qualquer coisa a alguém. 	<p>Contudo, algumas experiências que realizei em bordéis vieram provar⁹⁵ minha virilidade⁹⁶; mas, ao mesmo tempo, acabaram de convencer-me.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Convencer de quê? – Meu caso parecia dos mais estranhos (podia então imaginar que êle fôsse freqüente?). Acreditava-me capaz de voluptuosidades; mas⁹⁷ achava-me incapaz de desejo, para lhe dizer a verdade. Nascido de pais sadios⁹⁸, era de compleição sólida⁹⁹, e saudável¹⁰⁰; esta aparência não transfundia minha miséria; nenhum de meus amigos desconfiava; porque preferia ser sacrificado¹⁰¹, a ter que revelar alguma coisa a alguém. 	<p>Pourtant, les quelques expériences que je voulus alors tenter au bordel me prouvèrent bien que je n'étais pas impuissant ; mais, du même coup, achevèrent de me convaincre.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Vous convaincre de quoi ? – Mon cas me paraissait des plus étranges (car pouvais-je me douter alors qu'il est fréquent ?). Je me voyais capable de volupté ; je me croyais incapable, à proprement parler, de désir. Né de parents très sains, j'étais solide et bien bâti moi-même ; mon aspect ne racontait pas ma misère ; aucun de mes amis ne s'en doutait ; je me serais fait écarteler plutôt que d'en révéler rien à personne.

95 Silveira suprimiu o advérbio de modo *bien*, que relaciona-se ao verbo *prouver*. Garcia não passou despercebido quanto a isso, tendo traduzido *...me prouvèrent bien...* por “...mostraram-me, de modo inequívoco...”.

96 Silveira traduziu *...me prouvèrent bien que je n'étais pas impuissant* por “...vieram provar minha virilidade”. Ora, em nossa cultura, há muito, a ideia de “virilidade” relaciona-se a um conjunto de atributos e características **físicas** e **sexuais** relacionados ao que chamamos de homem. Em primeiro lugar, não há uma relação lógica entre ser “potente”, sexualmente falando, e virilidade. A própria ideia de “potente” é deveras sexista e, além do mais, falocêntrica, pois implica a penetração tão-somente de um pênis, seja numa boca, vagina ou ânus, descartando-se tantas outras possibilidades. Em segundo lugar, os sujeitos afeminados, homossexuais ou não, podem ser “potentes” em seus intercursos sexuais sem, todavia, serem viris.

Vemos, tanto no texto-fonte quanto no de Silveira, que certos conceitos, como o de sexo, sexualidade e gênero, *inter alia*, causam enormes confusões, que em última instância, servem de alicerce à misoginia e à homofobia, por exemplo. Daí uma parte do segundo capítulo desta pesquisa ter sido dedicado a certas “noções preliminares”.

97 Muito interessante a inserção da conjunção adversativa “mas” por Silveira, haja vista que ela cria o elo que põe, em lados opostos, a ideia de Corydon de **volúpia** e **desejo**. Corydon, por meio da experiência que teve em um bordel, provou de um grande prazer sexual (volúpia), junto a uma prostituta, penetrando-a, sem, todavia, desejar-la. Tal ideia leva-nos a crer que Corydon relaciona desejo diretamente à afetividade, a amor.

98 Ora, a lógica apresentada por Corydon é a seguinte: nascer de pais “sãos”/“sadios” implica ser “são”/“sadio”. Vemos que Corydon ele próprio traz à baila uma associação entre “homossexualidade” e doença, pelo menos por ora.

99 Vemos que o adjetivo “sólido” queda-se claramente como o antônimo de mole, tenro ou mesmo lânguido. Em outras palavras, Corydon afirma ser “são”/“sadio”, dado que nasceu de pais “sãos”/“sadios” e, ademais, não trazia em seu corpo marcas de efeminação que pudessem, de pronto, revelar sua “homossexualidade”, que em sua dicção era uma “miséria” (Silveira), “desgraça” (Garcia).

100 Silveira traduz *bien bâti* por “saudável”, circunscrevendo a “homossexualidade” de Corydon como uma doença. Ora, como já foi dito a “homossexualidade” foi considerada como tal até 17 de maio de 1990, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Todavia, Garcia procede a uma tradução mais literal: “bem construído”, fazendo, destarte, uma associação a uma característica marcadamente física, isto é, corporal.

101 Garcia procede a uma traduz literal de *écarteler* por “esquartejado”, pois a imagem produzida pelo esquartejamento confere uma maior dramaticidade à cena. É mister lembrar que o esquartejamento era uma prática de tortura, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009) “que consistia em amarrar os braços e as pernas do condenado a quatro cavalos e chicoteá-los para que puxassem e arrancassem os membros do infeliz”. Já Silveira põe a questão no plano do sacrifício que, neste caso, liga-se muito mais à ideia de suicídio.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Mas essa comédia de bom humor¹⁰² e disposição, que, para afastar qualquer suspeita, eu me julgava obrigado a representar, se me tornava intolerável. Assim que me via só, deixava-me desmoronar¹⁰³.</p> <p>A gravidade, o acento convicto da sua voz atraíam o meu interêsse.</p> <p>– Quanta imaginação em tudo isso!</p> <p>Disse-lhe eu com candura. – Você estava simplesmente apaixonado; portanto, nada de temores. Logo após o casamento, o desejo normal¹⁰⁴ se seguiria ao amor.</p> <p>– Isso se diz, bem o sei...¹⁰⁵ Mas quanta razão eu tinha em ser céptico!</p> <p>– No momento, você parece pouco inclinado à hipocondria. Como se curou dêsse mal?¹⁰⁷</p>	<p>Mas esta comédia grotesca¹⁰² e de desenvoltura, que para afastar tôda suspeita, me via forçado a levar avante, tornou-se intolerável. Assim que me encontrava só, entregava-me ao desânimo¹⁰³.</p> <p>A gravidade, o acento convicto de sua voz reforçava meu interêsse.</p> <p>– Quanta imaginação em tudo isso!</p> <p>disse-lhe de maneira conciliadora. Simplesmente você se encontrava apaixonado; e portanto, cheio de temores. Logo depois do casamento, o desejo, inteiramente normal¹⁰⁴, seria seguido do amor.</p> <p>– Isto se diz, eu sei...¹⁰⁵ Como tinha razão de tornar-me¹⁰⁶ céptico!</p> <p>– Você parece no momento pouco inclinado à hipocondria. De que modo curou êsse mal?¹⁰⁷</p>	<p>Mais cette comédie de bonne humeur et de gaillardise, que, pour écarter tout soupçon, je me croyais forcé de jouer, me devenait intolérable. Sitôt seul je me laissais sombrer.</p> <p>La gravité, l'accent convaincu de sa voix forçaient mon intérêt.</p> <p>– Que d'imagination dans tout cela ! lui dis-je doucement. Simplement vous étiez amoureux ; partant, plein de craintes. Sitôt après le mariage, le désir tout normal aurait suivi l'amour.</p> <p>– Cela se dit, je sais... Combien j'avais raison d'être sceptique !</p> <p>– Vous semblez à présent peu enclin à l'hypocondrie. Comment vous êtes-vous guéri de ce mal ?</p>

102 Cremos que a tradução literal de *comédie de bonne humeur* por “comédia de bom humor”, obra de Garcia, foi bem menos relevante que a de Silveira: “comédia grotesca”. Pois bem, Corydon tinha que, segundo o próprio, desempenhar o papel de uma pessoa que nada tinha a ver consigo, a contragosto. Ora, tal ideia relaciona-se muito mais ao “grotesco” do que ao “bom humor”. Neste caso o grotesco é tomado no sentido de representação de caráter exagerado, em que se tratam temas dramáticos com alto teor farsesco.

103 Vemos aqui a violência de que padecia Corydon, vítima dos padrões heteronormativistas e homofóbicos de seu tempo e espaço.

104 O interlocutor de Corydon, seguindo sua lógica heteronormativista, tenta consolar o amigo dizendo-lhe que o “desejo normal” (Garcia) ou o “desejo inteiramente, normal” (Silveira) viria logo após o casamento e, na sequência, o amor.

105 Corydon aqui dá uma nova mostra do heteronormativismo (cristão) de seu tempo e espaço. Corydon e sua noiva casar-se-iam “puros”, ou seja, “virgens”, malgrado o texto trazer à baila tão-somente a “virgindade” de Corydon; a consumação do casamento dar-se-ia com o intercuro sexual que, segundo experiência relatada por Corydon, não lhe seria nenhum estorvo, haja vista ter constatado ele ser capaz de volúpia; com o passar do tempo, ainda segundo referida lógica, brotaria o desejo que culminaria no amor. Tal lógica heteronormativista (cristã) levou e, não duvidamos, continua a levar muitos sujeitos, que no armário se encontram, ao altar.

106 O verbo *être*, bem como o verbo *to be* em língua inglesa, dependem do contexto em que são empregados para sabermos se necessário é traduzi-los por “ser” ou “estar”. Tal questão é um lugar-comum em termos de tradução! Todavia, Silveira obrou uma tradução que foge ao lugar-comum quando traduz o referido verbo da língua francesa por “tornar-se”. Ora, a muitas vezes repetida

lógica heteronormativista e homofóbica instruiu Corydon acerca do tratado na nota anterior; em poucas palavras: após o casamento viria o desejo que, por seu turno, levaria ao amor. Por conseguinte, todas suas experiências e questionamentos **tornaram-no** cético quanto a tal lógica. Não se queda razoável, cremos, dizer que ele já o era.

107 O que pode parecer uma “mudança de assunto” desarrazoada trata-se na verdade de uma questão fundamental. Vejamos: em seu discurso, como já tratamos anteriormente, Corydon dizia ser saudável e não trazia em seu corpo marcas que pudessem circunscrevê-lo como homossexual (muito menos como homossexual afeminado) ou, de modo mais assertivo, pederasta; seu interlocutor traz à tona que Corydon era hipocondríaco. É sabido que a hipocondria queda-se uma psicopatologia que, consoante o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), é uma “focalização compulsiva do pensamento e das preocupações sobre o próprio estado de saúde, frequentemente acompanhada de sintomas que não podem ser atribuídos a nenhuma doença orgânica”. Logo, o contexto heteronormativista e homofóbico no qual foi criado Corydon incutiam nele, no plano do inconsciente, a ideia de que ele era um doente. Mais uma vez vemos o heteronormativismo e a homofobia como a própria violência, em um de seus vários *modi operandi*.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Àquela época eu lia muito. No curso das minhas leituras topei com uma frase que me serviu de advertência salutar. É do padre Galliani: “O importante, escrevia êle a Mme d’Epinay, o importante não é curar-se, mas viver bem com os seus males.”</p> <p>– Como não o diz aos seus doentes!¹⁰⁸</p> <p>– Digo-o aos que não podem ser curados. Essas palavras sem dúvida lhe parecem muito simples; extraí delas uma filosofia. Restava-me apenas saber que eu não era um caso monstruoso¹⁰⁹, um caso único, para reconquistar a minha segurança, escapar à minha própria aversão.</p>	<p>– Nesse tempo lia muito. No curso dessas leituras deparei com uma frase que me serviu de advertência salutar. Ela é do abade Galiani: “O importante, escrevia êle à Madame d’Epinay, – o importante, não é curar-se, mas antes, viver com seus males.”</p> <p>– Por que você não diz esta frase aos seus clientes?¹⁰⁸</p> <p>– Digo para aquêles que não se podem curar. Estas palavras lhe parecem sem dúvida bastante simples; pois delas tirei minha filosofia. Faltava apenas o conhecimento de que não era um caso de aberração¹⁰⁹, um caso único, para reconquistar minha segurança e escapar à própria aversão.</p>	<p>– A cette époque je lisais beaucoup. Au cours de mes lectures je me heurtai à une phrase qui me fut d’un avertissement salutaire. Elle est de l’abbé Galiani : « L’important, écrivait-il à M^{me} d’Epinay, – l’important n’est pas de guérir, mais bien de vivre avec mes maux. »</p> <p>– Que ne dites-vous cela à vos malades ?</p> <p>– Je le dis à ceux qui ne peuvent guérir. Ces paroles vous paraissent sans doute bien simples ; j’en tirai ma philosophie. Il ne me restait plus qu’à connaître que je n’étais pas un cas monstrueux, un cas unique, pour reconquérir mon assurance, échapper à ma propre aversion.</p>

108 Garcia volve uma frase interrogativa em uma exclamativa, mostrando, assim, um caráter emotivo-repreensivo do interlocutor de Corydon. Ademais, traduz *vos malades* por “seus doentes”, o que julgamos não ter sido uma tradução relevante. Quanto a Silveira, esse mantém o caráter interrogativo da frase no texto-fonte, mas mostrou-se igualmente infeliz em sua tradução: “seus clientes”. Propomos a tradução “seus pacientes”.

109 As palavras de Galliani são um bálsamo para Corydon que, a partir daí, começa a libertar-se e dá a primeira mostra de sua saída do armário, esse armário que o aprisionava e no qual vivia em aflição, dúvida e dor. Só faltava que ele tivesse provado de que ele não se tratava de um “caso monstruoso” (Garcia), sendo monstruoso aqui tomado no sentido de “contrário à natureza”, ou “um caso de aberração” (Silveira), aberração em seu sentido de “anormal, desviante quanto ao padrão heteronormativista”.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Você me disse como reconheceu o seu desinterêsse pelas mulheres, mas não como se revelou a sua tendência...</p> <p>– É uma história assaz penosa¹¹¹ e que não gosto de contar. No entanto, creio que você me ouve com consideração, e talvez a minha narração possa ajudá-lo a falar menos superficialmente¹¹³ dessas coisas.</p> <p>Assegurei-lhe, se não a minha simpatia, pelo menos a minha atenção deferente¹¹⁴.</p>	<p>– Você me contou, de modo satisfatório, a sua descoberta da indiferença pelas mulheres, mas em absoluto de que forma se revelou sua predileção...¹¹⁰</p> <p>– Trata-se de uma história dolorosa¹¹¹ e que não me agrada contar. Por conseguinte, creio que você me compreendeu bem, e estou convencido¹¹² de que minha história servirá de base para que não fale de modo leviano¹¹³ dessas coisas.</p> <p>Deixei-o convencido senão da simpatia, pelo menos de uma atenção diferente¹¹⁴.</p>	<p>– Vous me dites bien comment vous reconnûtes votre peu de goût pour les femmes, mais non point comment se révéla votre penchant...</p> <p>– C'est une histoire assez pénible et que je n'aime point à raconter. Pourtant je crois que vous m'écoutez bien, et peut-être mon récit vous aidera-t-il à parler moins légèrement de ces choses.</p> <p>Je l'assurai, sinon de ma sympathie, du moins de mon attention déférente :</p>

110 Silveira traduz *penchants* de maneira desuniforme, o que não diz muita coisa. Traduz, na maioria das vezes, por “inclinação”; por “preferências”, uma única vez e agora por “predileção”. Em todos os casos, ele põe a questão no plano da escolha, quando na verdade se trata de algo referente tanto ao desejo quanto ao afeto. Não que o ser humano seja refém de seus desejos e afetos, pois, afinal, sempre haverá um componente que podemos nomear de “escolha”. Não obstante, não é o caso. Já se falou no segundo capítulo que a ideia, que se queda “contemporânea” na forma, mas cartesiana na “essência”, de orientação sexual, apesar de deveras precária, queda-se um avanço em relação à ideia de “opção sexual”. Não é à toa que a psicologia moderna determina que a orientação sexual não pode ser mudada com terapias (cf. sítio da Associação Australiana de Psicologia) e, ademais, não é uma escolha (cf. CLARKE et al., 2010).

111 Silveira desconsidera, diferentemente de Garcia, o advérbio de intensidade *assez*, que se mostra deveras importante pois modifica o adjetivo “penosa” que qualifica a história que contará Corydon a seu interlocutor: a de sua relação com o jovem Aléxis.

112 Não resta dúvida quanto ao engajamento de Silveira no que diz respeito, no mínimo, à personagem Corydon. Tem-se no texto-fonte: *...et peut-être mon récit...*, que é por ele traduzido por “...e estou convencido de que minha história...”. Pois bem, o tradutor saca Corydon do plano da incerteza, quanto aos resultados da história que irá contar, e o põe no da certeza, da convicção.

113 Não são necessárias tantas luzes para se perceber que “falar menos superficialmente” de algo difere, contundentemente, de “não falar de modo leviano” de alguma coisa. Vemos que Silveira, por conta da desconsideração do advérbio de intensidade *moins* promove um pequeno câmbio no entendimento não só desta parte específica, mas no do todo. Corydon, em contando sua história, espera menos superficialidade da parte de seu interlocutor acerca “dessas coisas” (Garcia e Silveira) e, não, que a superficialidade cesse. Ademais, chama-nos a atenção o porquê de Corydon não nomear, nessa altura do diálogo, essas tais “coisas”.

114 Creemos se tratar de um problema de edição e/ou revisão. Creemos descabido mesmo considerar que Silveira traduziria *déférente* por “diferente”, malgrado todo e qualquer engajamento de sua parte.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Você já sabe que eu estava noivo, começou êle; eu amava ternamente aquela que ia ser minha espôsa, mas com um amor quase místico e, como é natural, em minha inexperiência, mal¹¹⁶ imaginava que houvesse uma outra bela maneira de amar. Minha noiva tinha um irmão alguns anos mais môço do que ela, que eu encontrava com freqüência e que se tomou por mim de uma afeição das mais vivas¹¹⁷.</p> <p>– Ah! ah! – exclamei involuntariamente.</p> <p>Córidon me olhou com ar severo.</p> <p>– Não: não aconteceu nada de impuro¹¹⁸ entre nós; a irmã dêle era minha noiva.</p> <p>– Perdoe-me.</p>	<p>– Você tem conhecimento de que estava noivo, recomeçou êle; amava, portanto¹¹⁵, ternamente, aquela que deveria tornar-se minha espôsa, com um amor quase místico e, em face à minha inexperiência, imaginava que fôsse apenas¹¹⁶ uma outra bela maneira de amar. Minha noiva tinha um irmão, mais jovem do que ela alguns anos, o qual via amiúde e que se tinha tomado por mim de uma afeição das mais ardorosas¹¹⁷.</p> <p>– Ah! ah! exclamei involuntariamente.</p> <p>Corydon me olhou de modo severo.</p> <p>– Não; nada se consumou de impuro¹¹⁸ entre nós; sua irmã era minha noiva.</p> <p>– Perdoe-me.</p>	<p>– Vous savez donc que j'étais fiancé, commença-t-il ; j'aimais celle qui devait devenir ma femme, tendrement mais d'un amour quasi mystique et, naturellement, dans mon inexpérience, j'imaginai à peine qu'il fût une autre belle façon d'aimer. Ma fiancée avait un frère, plus jeune qu'elle de quelques années, que je voyais souvent et qui s'était épris pour moi d'une affection des plus vives.</p> <p>– Ah ! ah ! fis-je involontairement.</p> <p>Corydon me regarda sévèrement.</p> <p>– Non : il ne se consumma rien d'impur entre nous ; sa sœur était ma fiancée.</p> <p>– Pardonnez-moi.</p>

115 A inclusão da conjunção coordenativa conclusiva “portanto”, da parte de Silveira, cria uma relação inexistente, tanto no texto-fonte quanto na “vida real”, ao menos em tese. O fato de se estar noivo(a) não leva à conclusão de se estar amando, ao menos se levarmos em conta a lógica básica, ao passo que, conforme uma lógica heteronormativista cristã, tudo isso possa fazer sentido.

116 Silveira desconsiderou que a locução adverbial *à peine* relaciona-se com o verbo *imaginer* e, não, *être*. Corydon, em razão de sua “inexperiência” (Garcia e Silveira), “mal imaginava que houvesse uma outra bela maneira de amar” (Garcia), ou seja, Corydon tinha restrita sua concepção de amor, quiçá pensando haver tão-somente uma forma de amar. Na passagem, vemo-lo despertar para essa questão.

117 Aqui reside uma questão intrigante: Corydon diz que o jovem irmão de sua noiva tinha tomado por ele uma afeição “das mais vivas” (Garcia) ou “das mais ardorosas” (Silveira); não seria o caso de ele estar atribuindo ao rapaz tal afeição que nele, Corydon, nasce?

118 Corydon é de uma moral cristã tradicional e cremos que não poderia ser diferente. Somos todos produto de um tempo e espaço. Para ele, o ato sexual é algo “impuro” (Garcia e Silveira). Só resta a dúvida quanto ao que ele considera como “consumação de ato sexual”. Será que se faz necessário que haja penetração? Sexo oral conta? Beijo?

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Mas compreenda a minha perturbação, o meu desconcerto quando, certa noite¹¹⁹ de confiança, tive de reconhecer que aquele rapaz não só queria a minha amizade, mas solicitava também o meu carinho¹²⁰.</p> <p>– A sua ternura¹²¹, quer dizer. Como tantas crianças, está claro! Compete a nós, os mais velhos, zelarmos por elas.</p> <p>– E eu zelava, juro-lhe. Mas Alexis¹²² não era mais uma criança; era um adolescente cheio de graça e de consciência.</p>	<p>– No entanto, tente compreender o embaraço, e também a confusão quando, em certa ocasião¹¹⁹ de confidências, fui obrigado a reconhecer que esse rapaz, não somente queria minha amizade, ao mesmo tempo que solicitava minhas carícias¹²⁰.</p> <p>– Sua ternura¹²¹, quer você dizer. Pois então, é igual ao caso de muitas crianças! Compete a nós, os mais velhos, estarmos atentos.</p> <p>– Eu estive atento a tudo mais, juro. Mas Alexis¹²² não era mais uma criança; era um adolescente gracioso e de consciência;</p>	<p>– Mais comprenez mon trouble, mon désarroi quand, certain soir de confiance, il me fallut bien reconnaître que ce garçon, non seulement voulait mon amitié, mais sollicitait aussi ma caresse.</p> <p>– Votre tendresse, voulez-vous dire. Comme beaucoup d'enfants, parbleu! C'est à nous, les aînés, d'y veiller.</p> <p>– J'y veillai de reste, je vous jure. Mais Alexis n'était plus un enfant ; c'était un adolescent plein de grâce et de conscience ;</p>

119 Não vemos problema na tradução de Silveira: “certa ocasião”, não obstante, perde-se a especificação quanto ao período do dia em que se deu a “confidência” (Garcia). Além do mais, via regra, a noite, não só na literatura, guarda uma íntima relação com as confidências, com os amores, com as relações sexuais, pois as pessoas estão mais distendidas e não têm “a luz do dia” como panóptico de seus desejos, de sua libido.

120 Garcia equivocou-se aqui, cremos, ao traduzir *ma caresse* por “meu carinho”. Ora “carícia” e “carinho” são coisas distintas. Decerto que só há “carícia” havendo carinho, mas pode haver carinho sem que haja “carícia”. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), “carícia” é uma “manifestação física de afeição ou de amor carnal; carinho”; e “carinho” é uma “manifestação delicada, que pode ou não envolver contato físico, de apreço, amor ou meiguice”. Pelo que vem nos fornecendo os textos, o jovem buscava o toque de Corydon, isto é, o beijo, o cafuné, etc.

121 Garcia e Silveira traduzem, literalmente, *tendresse* por “ternura”. Cremos que “carinho” seria outra boa opção, levando-se em consideração o dito na nota anterior e a repreensão do interlocutor de Corydon.

122 Bem, o título da obra de Gide é *Corydon*, nome de um pastor que figura nas Bucólicas do autor latino Virgílio. Corydon era apaixonado por um jovem cujo nome era Alexis. Alexis não dá ouvido a Corydon, que lhe oferece tudo o que possui; por conta de seu amor não ser correspondido, o amante deseja a morte. Vejamos o trecho inicial da segunda bucólica, na qual se configura a paixão de Corydon, fazendo-se necessário dizer que, por se tratar de poesia, escolhemos o alinhamento mais ou menos centralizado e, ademais, nossa tradução segue ao texto-fonte:

(II, 1-7)

Formosum pastor Corydon ardebat Alexim
 delicias domini: nec quid speraret habebat
 Tantum inter densas, umbrosa cacumina, fagos
 adsidue ueniebat; ibi haec inconditã solus
 montibus et siluis studio iactabat inani:
 “O crudelis Alexis, nihil mea carmina curas?
 nil nostri miserere? mori me denique coges.

O pastor Corydon desejava ardentemente o formoso Alexis,
 volúpias do senhor, e não tinha o que esperava
 Apenas, assiduamente, chegava ao meio das densas faias, de cimos sombrios;
 nesse lugar, sozinho, lançava estas palavras desordenadas às
 montanhas e às florestas com inútil dedicação:
 Ó cruel Alexis, não te preocupas com os meus cantos?
 não tens compaixão de nós? tu me levarás, enfim, à morte.

Ora, vemos, com este pequeno trecho inicial da obra de Virgílio, que a escolha do título de *Corydon* não foi à toa. O enredo parece quase que o mesmo. André Gide era Corydon, mas com o fado de Alexis. É possível perceber, nitidamente, ao longo de todo o *Corydon*, que Gide flerta avidamente com a Antiguidade Clássica, tanto o é que a pedagogização assenta-se no modelo helênico de “homossexualidade”, em sua performance pederástica.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>E as confidências que êle me fazia¹²³ mais me desconcertavam porque, em tudo o que me revelava, que êle observava precocemente e com uma perspicácia singular, parecia que eu próprio me revelava¹²⁴. No entanto, nada podia justificar a severidade que eu demonstrava.</p> <p>– Severidade?</p> <p>– Sim; eu tinha mêdo¹²⁶ por dois. Falei-lhe com gravidade, quase com aspereza, e, o que é pior, com exagerado desprêzo pelo que eu chamava de efeminação¹²⁷, e que era apenas a expressão natural da sua ternura.</p> <p>– Nesses casos, devemos graduar os matizes.</p>	<p>as confissões que êle me fêz, entrementes, me desconsertaram, tanto mais que, em tudo que êle me revelava, que êle observava em si próprio de maneira precoce, era de uma perspicácia singular. Parecia que se tratava de minha própria confissão¹²⁴. Nada portanto justificava, quem sabe, a severidade¹²⁵ que pus em prática.</p> <p>– Severidade?</p> <p>– Sim; tinha mêdo¹²⁶ por dois. Falei com êle severamente, quase de modo ríspido, e, o que é mais lamentável, com desprêzo exagerado pelo que designava efeminamento¹²⁷, o que era a expressão simples¹²⁸ de sua ternura.</p> <p>– Trata-se portanto de exprimir sensíveis diferenças neste caso.</p>	<p>les aveux qu'il me fit entre temps, me déconcertèrent d'autant plus que, dans tout ce qu'il me révélait, qu'il observait en lui précocement avec une perspicacité singulière, il me semblait me confesser moi-même. Rien pourtant ne justifiait sans doute la sévérité dont j'usai.</p> <p>– Sévérité ?</p> <p>– Oui ; j'avais peur pour deux. Je lui parlai sévèrement, durement presque, et, qui pis est, avec mépris outré pour ce que j'appelais efféminement, qui n'était que l'expression naturelle de sa tendresse.</p> <p>– Il s'agit bien de nuancer, dans ces cas-là !</p>

123 Ora, o pretérito imperfeito do modo indicativo foi, equivocadamente, utilizado por Garcia, haja vista que o relato das “confidências” (Garcia) ou “confissões” (Silveira) constitui-se num acontecimento pontual que tem início e término no passado.

124 A saída do armário de Corydon dá-se a partir de Alexis que, em seu discurso, fazia Corydon ver-se “diante de um espelho”. Reconhecia no desejo do jovem o seu próprio. E na tal “noite de confiança” (Garcia), vemos a performance que une, em definitivo, Corydon ao jovem, bem como Corydon a si mesmo.

125 Cremos que a “severidade” (Garcia e Silveira) com a qual reagiu Corydon é até esperada, dado que, sob uma lógica heteronormativista, os sujeitos, não raro, reagem de forma austera ou até mesmo agressiva quando confrontados com o que neles reside: seu desejo. É comum nos depararmos com “homossexuais”, que se encontram no armário, tomarem atitudes deveras homofóbicas em diversos contextos.

126 Corydon queda-se, a um só tempo, vítima e carrasco do heteronormativismo. O medo que sente é tal qual o de um cão quando acuado.

127 Vemos que no centro da performance de irritação e desprezo de Corydon encontra-se a “efeminação” (Garcia) ou “efeminamento” (Silveira) de Alexis. A homofobia de Corydon nada mais era do que misoginia. Sobre a íntima relação entre homofobia e misoginia falou-se no capítulo 2 desta pesquisa. Todavia, Corydon dá-se conta que o traço “feminil” de Alexis não passava da “expressão natural da sua ternura” (Garcia) ou da “expressão simples de sua ternura” (Silveira).

128 Silveira traduziu *l'expression naturelle* por “a expressão simples”. Ora, não vemos problema com o adjetivo “simples”, mas com sua colocação pós-nominal, isto é, denotativa. Destarte, o tradutor leva à seguinte interpretação: a expressão de Alexis era simples

no sentido de “sem afetação”. Se considerarmos a tradução literal de Garcia “a expressão natural”, o adjetivo natural é por nós lido como “inato”. Corydon, cremos, considerava a “efeminação” (Garcia) ou “efeminamento” (Silveira) de Alexis algo que lhe era natural, no sentido de inato, isto é, algo que lhe era “normal”.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Eu o fazia tão pouco que a pobre criança – sim, era ainda uma criança¹²⁹ – tomou trágicamente a minha censura. Durante três dias, redobrando de gentileza, esforçou-se por vencer o que julgava ser minha cólera; entretanto, eu exagerava diante dêle a minha frieza, e tão bem que...</p> <p>– Termine.</p> <p>– Oh! Você não sabe que Alexis B. se matou?</p> <p>– Estaria insinuando que...</p> <p>– Ah! Não insinuo coisa alguma. Falou-se a princípio de acidente. Nesse tempo estávamos no campo: o corpo foi encontrado no fundo de uma falésia... Acidente? Não posso crer em tal. Mas veja a carta que encontrei à cabeceira da minha cama.</p>	<p>– Expressei tão mal essas diferenças que o pobre menino – sim, era um menino ainda¹²⁹, – tomou em consideração trágica minha repreensão. Durante três dias, procurou desfazer-se em gentilezas, para vencer aquilo que supunha minha irritação; enquanto eu, entretanto, exagerava na frente dêle aquela indiferença, se bem que...¹³⁰</p> <p>– Acabe.</p> <p>– Então! Você não sabe que Alexis B. se suicidou?¹³¹</p> <p>– Oh! Não imagino coisa nenhuma. Falou-se primeiro de um acidente. Nós nos encontrávamos fora da cidade¹³² naquela época: o corpo foi descoberto ao sopé de uma rocha... Acidente? Quanta coisa passou-me pela cabeça¹³³. Aqui está a carta que encontrei na cabeceira da cama¹³⁴.</p>	<p>– Je nuançai si peu que le pauvre enfant – oui, c'était un enfant encore – prit au tragique ma remontrance. Trois jours durant, il s'efforça par un redoublement de gentillesse, de vaincre ce qu'il prenait pour mon courroux; moi cependant j'exagérais en face de lui ma froideur, si bien que...</p> <p>– Achevez.</p> <p>– Quoi! Vous ne savez pas qu'Alexis B. s'est tué ?</p> <p>– Oseriez-vous prétendre que...</p> <p>– Oh ! Je ne prétends rien du tout. On a parlé d'abord d'un accident. Nous étions à la campagne alors : le corps a été retrouvé au bas d'une falaise... Accident ? Que ne puis-je y croire. Mais voici la lettre qu'au chevet de mon lit je trouvai.</p>

129 Vemos Corydon tomado pela emoção quando diz que Alexis “era ainda uma criança” (Garcia) ou “era um menino ainda” (Silveira), sendo que até então o tomava por “adolescente” (Garcia e Silveira).

130 Vemos Silveira, mais uma vez, às voltas com um problema de conjuntivo. Sua tradução de *si bien que* por “se bem que” nos parece inadequada: “se bem que” constitui-se em uma locução conjuntiva subordinativa concessiva e, em nada, guarda relação com o texto. A questão é a seguinte: Alexis era alvo da “cólera” de Corydon e sua frieza só aumentava, “tanto que” ou “tão bem que” (Garcia), Alexis acabou por dar cabo à sua própria vida, como veremos adiante.

131 É notório que a tradução de Silveira é deveras palavrosa, no entanto, ele suprimiu a tradução de todo um parágrafo: “– *Oseriez-vous prétendre que...*”.

132 Silveira traduziu *à la campagne* por “fora da cidade”. Ora, “fora da cidade” pode ser “no campo” (Garcia), mas também “na montanha”, “à beira de uma cachoeira”, etc.; ademais, a tradução “no campo” guarda relação com uma ideia bucólica. Destarte, mais uma vez, Silveira malogrou em sua tradução.

133 Silveira traduziu a oração: *Que ne puis-je y croire* por “Quanta coisa passou-me pela cabeça”. Ora, Corydon leva em consideração tão-somente a ideia de “acidente” e diz não crer nisto. Quando traduz: “Quanta coisa passou-me pela cabeça”, Silveira abre um enorme leque interpretativo que vai desde um simples acidente a um homicídio motivado por homofobia. Mais uma vez, o tradutor equivocou-se e dá mostra de seu engajamento.

134 “Na cabeceira da cama” é a tradução de Silveira. Ora, cama de quem? A sua ou a de Alexis? Não há dúvida de que a cama era a de Corydon e podemos atestar isso tanto pelo texto-fonte quanto pela tradução de Garcia: “*au chevet de mon lit*” (Gide) ou “à cabeceira da minha cama” (Garcia).

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Abriu uma gaveta, apanhou um papel com as mãos trêmulas, lançou-lhe um olhar, e depois:</p> <p>– Não; não lhe lerei esta carta; você iria julgar mal essa criança. Em substância, dizia-me ela – e com que expressão apaixonada! – da angústia em que o havia deixado a nossa última conversa... certas frases, em particular: Para te salvar dessa inquietação física¹³⁷, exclamara eu, indignando-me hipòcritamente contra os gostos que êle me confessava, conto com um grande amor. – Ah! Me escrevia êle, êsse amor¹³⁸ é por ti que o sinto, meu amigo.</p>	<p>Êle abriu uma gaveta, apanhou um papel com a mão trêmula, lançou um olhar, e continuou:</p> <p>– Não; em hipótese alguma lerei essa carta para você; poderia¹³⁵ fazer um juízo errôneo dessa criança. Dizia-me em, resumo, e com que expressão apaixonada¹³⁶, o desgosto que tinha causado minha última entrevista... principalmente certas frases. Para te salvar dessa inquietação física¹³⁷, pus-me a excluir num tom hipòcritamente indignado, contra os pendores que me confessava, que mantinha o compromisso de um grande amor – Oh! desventura! êle revelava para mim êsse amor¹³⁸ – “é para ti que êle anseia, meu amigo.</p>	<p>Il ouvrit un tiroir, prit un papier d'une main tremblante, y jeta un regard, puis :</p> <p>– Non ; je ne vous lirai point cette lettre ; vous iriez méjuger cet enfant. Il m'y disait en substance, mais avec quelle expression passionnée ! l'angoisse où l'avait jeté ma conversation dernière... certaines phrases principalement : Pour te sauver de cette inquiétude physique, m'étais-je écrié en m'indignant hypocritement contre les goûts qu'il m'avouait, je compte sur un grand amour. – Hélas ! m'écrivait-il, cet amour, c'est pour toi que je le ressens, mon ami.</p>

135 Silveira faz uso, equivocado, do recurso linguístico da modalização em sua tradução; ele traduziu *vous iriez méjuger cet enfant* por “poderia fazer um juízo errôneo dessa criança”.

136 Silveira desconsidera o aspecto afetivo do discurso de Corydon quanto à “expressão apaixonada” (Garcia e Silveira) de Alexis, em sua carta, retirando-lhe o ponto de exclamação.

137 A tradução literal de *inquiétude physique* por “inquietação física” (Garcia e Silveira) não nos parece adequada. Lemos aqui como “libido”, psicanaliticamente. Essa “energia que está na base das transformações da pulsão sexual; energia vital, de acordo com as teorias de Freud”, consoante o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

138 O amor de Alexis é revelado e é em Corydon refletido e sentido. É aí em que Corydon dá-se conta de si e de seu desejo plenamente. Faz todo o sentido, agora, a distinção obrada por Corydon entre “volúpia” e “desejo”. É Alexis que o mostra isso. É mister lembrar que eles não tiveram contatos físicos, contudo, isso não se constitui em óbice para que Corydon amasse Alexis. Vemos que a relação estabelecida entre Corydon e Alexis não era, propriamente falando, de “homossexualidade”, mas antes, de “homoafetividade”.

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Tu não me compreendes; ou, o que é pior, compreendeste e me desprezas; vejo que me torno para ti um objeto de horror¹³⁹; e ao mesmo tempo o sou também para mim. Se nada posso alterar na minha natureza monstruosa¹⁴¹, posso ao menos suprimi-la... Enfim, quatro páginas no tom patético e um tanto pomposo dessa idade, que nós mais tarde, com facilidade, chamamos: declamação.</p> <p>Eu me sentia de certo modo perturbado por essa narração¹⁴².</p> <p>– É evidente, recomecei por fim, que a declaração de semelhante amor se dirigiu em particular a você, e há nisso uma fatalidade nociva. Compreendo que o caso o tenha impressionado.</p>	<p>Tu não soubeste compreendê-lo, ou o que é bem pior, tu me compreendeste e me desprezaste; sinto que me torno a teus olhos um objeto de repulsa¹³⁹, ao mesmo tempo que para mim experimento a mesma repulsa. Só¹⁴⁰ não posso em nada mudar minha abjeta¹⁴¹ natureza, posso ao menos suprimi-la...” Quatro páginas elaboradas de um patético um tanto pomposo dessa idade, e que nós chamamos com tanta facilidade mais tarde de : declamação.</p> <p>Sentia-me nitidamente espicaçado por essa narração...¹⁴²</p> <p>– É evidente, respondi por fim, que a declaração dessa singular afeição se dirigia a você em particular ; é, sem dúvida, uma fatalidade destruidora; compreendo que êsses acontecimentos o tenham afetado.</p>	<p>Tu ne m’as pas compris ; ou ce qui est bien pis, tu m’as compris et tu me méprises ; je vois que je deviens pour toi un objet d’horreur ; je le deviens du même coup pour moi-même. Si je ne puis rien changer à ma monstrueuse nature, je puis du moins la supprimer... Quatre pages enfin du pathétique un peu pompeux de cet âge, et que nous appelons si facilement plus tard : déclamation.</p> <p>Je me sentais passablement incommodé par ce récit...</p> <p>– Evidemment ! repris-je enfin ; que la déclaration d’un tel amour s’adressât à vous spécialement, voilà une fatalité bien malicieuse ; je comprends que l’aventure vous ait affecté.</p>

139 Alexis, segundo o próprio, tivera se tornado um “objeto de horror” (Garcia) ou “objeto de repulsa” aos olhos de Corydon. De fato, a contínua repreensão por parte de Corydon diz respeito à “efeminação” (Garcia) ou “efeminamento” (Silveira) de Alexis, o que faz provar a misoginia de Corydon, haja vista que se Alexis apresentasse uma expressão viril ou menos afeminada, talvez não tivesse sido tão alvejado por Corydon. Mais uma vez vemos provada a tese de Sedgwick de que a homofobia e a misoginia são interdependentes, bem como a nossa de que aquela é tão-somente uma performance desta.

140 Silveira traduz a conjunção subordinativa de condição *si* por “só”, advérbio impróprio que, por sua posição, evidencia o termo que é modificado por ele, neste caso, o verbo “poder” na negativa: “só não posso”. Mais uma inadequação por parte do tradutor.

141 Silveira dá contornos mais morais do que o necessário à sua tradução. Traduziu ele *ma monstrueuse nature* por “minha abjeta natureza”, ao passo que Garcia traduziu literalmente por “minha natureza monstruosa”. O adjetivo “abjeto” liga-se à ideia de “desprezível”, “ignóbil”, não sendo este o caso. Já o “monstruoso”, em seu sentido de contra a natureza, sentido esse adotado pela lógica heteronormativista da qual foi alvo Corydon que, por seu turno, alvejou diretamente Alexis, traduz mais acertadamente a situação, cremos.

142 Corydon, ao castigar amiúde seu amor, com contínuas repreensões e demonstrações de frieza, levando-o a dar cabo da própria vida, matou também parte de si. De suas experiências e inquietações pretéritas, de seu amor a Alexis e do trágico fim que teve seu relacionamento com o jovem, Corydon lança-se para “fora do armário” e decide escrever uma obra, cujo título era “Defesa da Pederastia” (GIDE, 1924, p. 19).

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– E a tal ponto que renunciei à idéia do casamento com a irmã de meu amigo.</p> <p>– Mas, continuei, para acabar o meu pensamento, estou convencido de que só sucedem a alguém os acontecimentos que êle faz por merecer. Confesse que se êsse adolescente não tivesse pressentido em você um possível eco para sua paixão culposa, essa paixão...</p> <p>– Talvez algum instinto obscuro¹⁴³ pudesse mesmo tê-lo advertido; mas, nesse caso, é deplorável que êsse instinto não tenha podido advertir¹⁴⁴ a mim mesmo.</p> <p>– Advertir? E o que teria feito então?</p> <p>– Acredito que teria curado essa criança.</p>	<p>– A tal ponto que renunciei imediatamente àquela idéia de casamento com a irmã de meu amigo.</p> <p>– Não obstante, prossegui para terminar meu pensamento, convenço-me, de bom grado, de que o sucedido a cada um é dado na medida justa do que êle merece. Confesse que êsse adolescente não tivesse pressentido em você algum possível eco à sua paixão culposa, essa paixão...</p> <p>– Talvez algum obscuro instinto¹⁴³ êle pôde com efeito pressentir, mas, nesse caso, é por demais aborrecido que esse instinto não tenha a mim próprio servido de advertência¹⁴⁴.</p> <p>– Advertido, que teria feito você?</p> <p>– Acredito que teria curado essa criança.</p>	<p>– Au point que je renonçai aussitôt à cette idée de mariage avec la sœur de mon ami.</p> <p>– Mais, continuai-je pour achever ma pensée, je me persuade volontiers qu'il n'arrive à chacun que les événements qu'il mérite. Avouez que si cet adolescent n'avait pressenti en vous quelque possible écho à sa passion coupable, cette passion...</p> <p>– Peut-être quelque obscur instinct put-il en effet l'avertir ; mais, dans ce cas, il est bien fâcheux que cet instinct n'ait pas su m'avertir moi-même.</p> <p>– Averti, qu'auriez-vous donc fait ?</p> <p>– Je crois que j'aurais guéri cet enfant.</p>

143 Interpretamos “instinto obscuro” (Garcia) ou “obscuro instinto” como uma metáfora para “libido”, sendo essa a “energia que está na base das transformações da pulsão sexual; energia vital, de acordo com as teorias de Freud”, consoante o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009). Havia, pois, uma “química” mútua entre Alexis e Corydon, conquanto, como já se disse, não tenha ocorrido uma relação sexual entre eles. Por fim, o adjetivo “obscuro”, utilizado para qualificar o que Corydon chama de “instinto”, é revelador de sua arraigada moral heteronormativista cristã.

144 Corydon queda-se um tanto quanto confuso. Cremos ser devido ao seu estado emocional e psicológico devido à morte de Alexis, pois mal podendo lidar com a “efeminação” (Garcia) ou “efeminamento” (Silveira) do jovem, como poderia dar conta de um “instinto obscuro” seu?

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>– Mais ainda há pouco você dizia que êsse mal não é curável; e citou a frase do padre Galliani: “o importante não é curar-se...”</p> <p>– Ora! Chega! Eu teria podido curá-lo como curei a mim mesmo¹⁴⁵.</p> <p>– Como assim?</p> <p>– Persuadindo-o de que êle não estava enfêrmo.</p> <p>– Conclua logo que a perversão¹⁴⁶ do seu instinto era natural.</p> <p>– Persuadindo-o de que o desvio do seu instinto¹⁴⁷ era tão-sòmente natural.</p> <p>– E, se pudesse recomeçar, com certeza você teria cedido.</p> <p>– Oh! Isso é uma questão muito diferente. Resolvido o problema fisiológico, surge o problema moral¹⁴⁸.</p>	<p>– Você dizia, há pouco, que não se cura isso; citava a palavra do abade: “o importante não é curar...”</p> <p>– Oh! deixe disso! Poderia tê-lo curado, como a mim mesmo curei¹⁴⁵.</p> <p>– Quer dizer?</p> <p>– Persuadindo-o de que êle não era doente.</p> <p>– Diga, antes de tudo que a perversão¹⁴⁶ de seu instinto era natural.</p> <p>– Persuadindo-o de que o desvio de seu instinto¹⁴⁷ nada possuía de antinatural.</p> <p>– E, se tudo tivesse de recomeçar, você teria cedido, naturalmente.</p> <p>– Oh! isso é uma outra questão. Quando o problema fisiológico está resolvido, o moral começa¹⁴⁸.</p>	<p>– Vous disiez tout à l’heure qu’on ne guérissait pas de cela ; vous citiez le mot de l’abbé : « l’important n’est pas de guérir... ».</p> <p>– Eh ! laissez donc ! J’aurais pu le guérir comme je me suis guéri moi-même.</p> <p>– C’est-à-dire ?</p> <p>– En le persuadant qu’il n’était pas malade.</p> <p>– Dites tout de suite que la perversion de son instinct était naturelle.</p> <p>– En le persuadant que la déviation de son instinct n’avait rien que de naturel.</p> <p>– Et, si c’était à recommencer, vous y eussiez cédé, naturellement.</p> <p>– Oh ! ceci est une tout autre question. Quand le problème physiologique est résolu, le problème moral commence.</p>

145 Corydon, após todo o ocorrido, dá-se conta de que sua “homossexualidade/homoafetividade” não se constituía em doença. Eis, pois, o elemento último de sua libertação do armário.

146 O interlocutor de Corydon, calcado em uma lógica heteronormativista e homofóbica, circunscreve o “instinto” de Alexis no campo da moral: “perversão de seu instinto” (Garcia e Silveira); “perversão” utiliza-se aqui de modo vulgar e faz referência a comportamentos pouco habituais ou mesmo antinaturais. O interlocutor, inquieto que estava, pede que Corydon conclua que a referida “perversão de seu instinto” era “natural” (Garcia e Silveira).

147 Corydon trata agora a questão como “desvio de [...] instinto” (Garcia e Silveira), o que é deveras confuso. Cremos que ele esteja a falar, segundo o heteronormativismo de seu tempo e espaço, em “mudança de libido”, de “desejo”, considerando o “desejo” pelo sexo oposto como “normal”. Todavia, logo adiante, dirá ele que tal “mudança do desejo” de Alexis “era tão-sòmente natural” (Garcia) ou “nada possuía de antinatural” (Silveira). Assim Corydon naturaliza, em tese, a “homossexualidade/homoafetividade”.

148 Como já dito no capítulo 2, o argumento de Corydon desenvolve-se, em primeiro lugar, quanto à noção de naturalidade e, em segundo lugar, quanto a uma conscientização de uma necessária distinção entre fisiologia (o que é natural) e moral (o que é conduta permissível).

Hamílcar de Garcia (1971)	Oriente Silveira (1969)	André Gide (1924)
<p>Sem dúvida, por consideração à sua irmã, com a qual estava comprometido, eu o teria incitado a superar essa paixão¹⁴⁹ como sem dúvida eu próprio superaria a minha; mas ao menos essa paixão teria perdido o caráter monstruoso que assumira aos seus olhos. – Êsse drama, levando-me a encarar o meu problema, revelando-me a natureza da afeição que eu tinha para com essa criança, êsse drama sôbre o qual meditei longamente, orientou-me para... a tendência que lhe parece tão desprezível¹⁵⁰; em memória dessa vítima, desejei curar outras vítimas, que sofrem da mesma incompreensão: curá-los da maneira que lhe disse¹⁵¹.</p>	<p>Provavelmente, por causa de sua irmã, com quem estava comprometido, o teria exortado a refrear essa paixão¹⁴⁹, como também de minha parte procuraria fazer o mesmo; mas ao menos essa paixão perderia o caráter monstruoso que tinha tomado diante dos seus olhos. – Êste drama acabou de abrir os olhos a mim próprio, revelando-me o tipo de afeição que nutria por esta criança; êste drama, sôbre o qual longamente meditei, me orientou para... a especialidade que lhe parece tão desprezível¹⁵⁰; em lembrança dessa vítima, desejei curar outras vítimas, que sofressem do mesmo mal-entendido: curá-los da maneira de como já discorri¹⁵¹.</p>	<p>Sans doute, par égard pour sa sœur à qui je m'étais engagé, l'eussé-je incité à triompher de cette passion, comme sans doute j'en eusse triomphé moi-même ; mais du moins cette passion eût perdu le caractère monstrueux qu'elle avait su prendre à ses yeux. – Ce drame, en achevant de m'ouvrir les yeux sur moi-même, en me révélant la nature de l'affection que je portais à cet enfant, ce drame sur lequel j'ai longuement médité, m'orienta vers... la spécialité qui vous paraît si méprisable ; en souvenir de cette victime, j'ai souhaité guérir d'autres victimes, souffrant du même malentendu : les guérir à la manière que j'ai dit.</p>

149 De fato, Corydon é, segundo o título de uma obra de Pollard, um “moralista homossexual” ou, em nossas palavras, um “moralista pederasta”, pois acaso tivesse como tudo voltar no tempo, malgrado seu amor, ele tentaria convencer Alexis a “superar sua paixão” (Garcia), haja vista estar comprometido com sua irmã. Isto é, sua moral superava sua libido e seu afeto pelo jovem. Não queremos projetar nada sobre a personagem, mas que problema tinha ele de romper com sua noiva e viver seu amor por Alexis?

150 Voilà ! Eis a saída do armário de Corydon.

151 De agora em diante, Corydon trabalhará para “curar outras vítimas” (Garcia e Silveira), convencendo-as de que sua libido, seu desejo é natural. Sua tese acerca do amor pederástico será obrada na sequência do livro, sob uma ética naturalista ou, poder-se-ia dizer mesmo, naturalizadora.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, procedemos à crítica de tradução da introdução, bem como da primeira e da segunda partes das duas únicas sobrevidas da obra *Corydon* (1924), de André Gide, para o português brasileiro. A obra, cabe dizê-lo, compõe-se de quatro diálogos “socráticos” em que Gide faz, *grosso modo*, uma defesa da “homossexualidade”, ou melhor, de uma das várias performances dessa: a pederastia, em seu molde clássico/helênico. O texto fora publicado entre 1911 e 1920, e o livro completo teve sua primeira edição, em língua francesa, em 1924.

A pergunta central da pesquisa foi: como essas duas únicas sobrevidas da obra (que Gide considerava a sua mais importante, chegando a dizer, *in verbis*: “Que *Corydon* é o meu livro mais importante, disso estou convencido, bem como de que haverá um dia em que sua importância será reconhecida”¹) dão a conhecer ao universo da língua portuguesa do Brasil, uma temática deveras cara já à época da urdidura do *Corydon* e que se estende, guardadas as devidas proporções, até os dias de hoje, a da “homossexualidade/homoafetividade”?

Nosso empreendimento crítico-tradutório que é, tanto na motivação quanto na prática, anti-homofóbico, bem como desestabilizador e historicizador de normas de gênero, sexo e sexualidade fundou-se no que chamamos de “saída do armário” (tradução da expressão em língua inglesa *coming out*). O intento foi desvelar o discurso heteronormativista utilizado na urdidura do *Corydon*, ou seja, tirá-lo do armário, por meio das suas duas únicas sobrevidas no português brasileiro.

É preciso muito cuidado aqui. Apesar de Gide ter feito da obra sua saída do armário, ele aí reproduziu o discurso heteronormativista ao qual estava vinculado, o que nos é muito óbvio, haja vista ser ele um ser histórico, tendo escrito a partir de um lugar, de uma comunidade interpretativa, de uma ideologia, de uma psicologia, num dado momento. Quanto aos “motivos” que levaram Gide a escrever a obra em tela, não nos preocupamos muito com isso. Todavia, dois deles nos chamaram a

¹ Tradução nossa. Texto-fonte: *Que Corydon soit le plus important de mes livres c'est ce dont je reste convaincu, et convaincu de même qu'un jour viendra ou l'on s'apercevra de son importance* (Este prefácio, datado de março de 1949, foi publicado na primeira edição estadunidense de *Corydon*. Citado em: GOULET, Alain. *Fiction et vie sociale dans l'œuvre d'André Gide*. Paris: Lettres Modernes Minard, 1984-1985. p. 585).

atenção e os trouxemos, breve, dada a sua importância para um melhor entendimento de nosso empreendimento crítico-tradutório. Ei-los:

- 1) O desejo de responder ao pai já falecido, Paul Gide, retificando o julgamento deste acerca da questão da pederastia. Paul Gide, em obra intitulada “*La Condition de la femme dans l’Antiquité*” (1867), dizia ser o amor na Grécia um vício contra a natureza:

Um amor sem nome ou, antes, um vício infame, era exaltado em toda a Grécia como uma virtude. [...] causa-me repugnância citar os textos e deter-me em um assunto tão odioso. Em vergonha da Grécia, é preciso dizê-lo: sua corrupção era tal que os romanos, degenerados que eram eles mesmos, tiveram horror de tal amor; jamais, mesmo no mais baixo nível de sua decadência, eles não chegaram a ignorar, a este ponto, os sentimentos da natureza; se eles próprios também se filiaram ao mais vergonhoso dos vícios, ao menos não foi com a anuência e com as bênçãos de seus filósofos e legisladores².

- 2) O “processo Renard” que, segundo Christian Gury, em sua obra “*L’honneur piétiné d’un domestique homosexuel en 1909 : sur Gide et ‘Corydon’*” (1999), foi decisivo para que Gide resolvesse escrever o *Corydon*. Em suma: tratou-se, pois, de uma ação judicial, na qual o mordomo Pierre Renard fora acusado do assassinato de seu patrão e, na sequência, condenado à prisão de trabalhos forçados. A condenação deu-se em razão dos “inomináveis costumes” (leia-se “homossexualidade”) de Renard, pois provas do crime não havia. Ainda de acordo com Gury, “a segunda frase de Corydon aponta, sem dúvida, para o ‘processo Renard’³: “Nos salões e nos cafés, durante oito dias, não se falou de outra coisa”⁴.

² Tradução nossa. Texto-fonte: *Un amour sans nom, ou plutôt un vice infâme, était honoré dans toute la Grèce comme une vertu. [...] il me répugne de citer les textes et de m’arrêter sur un sujet si odieux. Il faut le dire à la honte de la Grèce : sa corruption était telle que les Romains, tout dégénérés qu’ils étaient eux-mêmes, en eurent horreur ; jamais, même au plus bas degré de leur décadence ils n’arrivèrent à méconnaître à ce point les sentiment de la nature ; s’ils s’abandonnèrent, eux aussi, au plus honteux des vices, du moins ce ne fut pas avec l’assentiment et les louanges de leurs philosophes et de leurs législateurs* (GIDE, 1867 apud ELSOKATI, 2011, p. 38).

³ Tradução nossa. Texto-fonte: *La deuxième phrase désigne, sans doute possible, le procès Renard* (GURY, 1999, p. 14).

⁴ Tradução de Hamílcar de Garcia. Texto-fonte: *Dans les salons et les cafés, huit jours durant, on ne parla plus de rien d’autre* (GIDE, 1924, p. 15).

Pois bem, a fim de lograr em nosso empreendimento, valemo-nos, a um só tempo, da Desconstrução derridiana (principal, mas não exclusivamente, pela pena de Kanavillil Rajagopalan, Rosemary Arrojo e Paulo Ottoni) e dos Estudos Queer. Todo o legado da Desconstrução derridiana para os Estudos de Tradução? Por certo que não. Afinal, a presente não almejou uma segunda Odisseia. Fez-se uso de questões pontuais/seminais: (uma) desconstrução da matriz logocêntrica dos Estudos de Tradução, (uma) colocação em xeque da “fidelidade” ao “original” e, por fim, a questão da tradução enquanto acontecimento/jogo performático e *double bind*.

Quanto aos Estudos Queer, buscou-se inicialmente certa elucidação acerca de noções, digamos, básicas: sexualidade, sexo, gênero, orientação sexual, papel social de gênero e identidade de gênero, haja vista serem esses ensejadores, ainda hoje, de grandes equívocos. Ademais, malgrado serem alguns deles ainda deveras precários e provocadores de extensos debates como, por exemplo, o de orientação sexual, esses se mostraram indispensáveis para uma melhor compreensão dos intrincados fios dos Estudos Queer e, outrossim, de nosso projeto crítico-tradutório. Na sequência, trouxemos à baila um breve histórico dos referidos estudos, bem como alguns conceitos basilares seus: heteronormatividade, misoginia, homofobia e performatividade de gênero. Por fim, deitamos a pergunta: “*Corydon* queer?”, a fim de, primeiro, dar a conhecer os poucos trabalhos levados a efeito no que concerne ao “queer em tradução” e, segundo, contextualizar, não anacrônico, a obra de Gide junto à problemática queer.

De volta às sobrevidas do *Corydon*, na introdução do primeiro diálogo, vimos Oriente Silveira (1969) e Hamílcar de Garcia (1971) dar um tratamento distinto ao título da obra, ao seu nome-próprio. Tal distinção é aponta para e, de certa forma, resume o tipo de engajamento (ou não) de cada um dos citados autores. Eis a questão: Garcia obrou uma tradução, dir-se-ia, fonética. Ou seja, em que se reproduz a pronúncia do nome próprio, *Corydon*, tal como esse era pronunciado em língua latina clássica. Já Silveira inseriu um título explicativo: “Tratado de Homossexualismo”, ao passo que “*Corydon*” volveu-se em subtítulo, traduzido literalmente. É muito provável que tal inclusão tenha pretendido conferir “seriedade” à temática da obra. Esmiuçando-se o dito: ao longo de toda a sobrevida promovida por Garcia, ele busca manter-se o mais próximo possível do texto fonte, buscando, ao que parece, uma certa “transparência” ou, em termos outros, um certo não-

engajamento. Silveira, diferentemente, dá mostras evidentes de seu engajamento, quer seja com a obra, quer seja com o interlocutor de Corydon, quer seja mesmo com o próprio Corydon.

Ainda na introdução, chamou-nos a atenção dois pontos em especial:

- 1) Quando Garcia traduz literalmente *penchants dénaturés* por “tendências desnaturadas”, isto é, ações e estados que se colocam fora dos ou mesmo contra os padrões de “normalidade”, tanto do enunciador, o interlocutor de Corydon neste caso, quanto da comunidade a qual esse pertence. No que concerne à tradução de Silveira “inclinações depravadas”, vemos claramente um posicionamento de **ordem moral** tomado pelo tradutor, ao circunscrever aquilo que contraria a disposição natural, *dénaturé*, no campo da devassidão, degeneração, degradação. Como explicitado no capítulo 2, a heteronormatividade, além de ser “percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral” (BERLANT & WARNER, 2002, p. 230 *apud* MISKOLCI, 2007, p. 5). Aqueles e aquelas que se encontram fora da ordem social heteronormativista são alocados à abjeção (BUTLER, 1999) e tem a existência e materialidade de seus corpos ameaçados socialmente, suas vidas são frágeis e precárias, pois são considerados menos humanos, aberrações de uma humanidade pretensamente saudável e perfeita (*vide* a nota 9);
- 2) Quando Garcia traduz *mise* por “aparência”, o que demonstra uma percepção mais ampla daquilo que se deixava construir pelo olhar do interlocutor. Já Silveira prefere “maneira de vestir”, o que remete mais incisivamente a um código social de conduta do qual faz parte o vestuário, o vestir-se. Em ambos os casos, o interlocutor malogra perceber em Corydon traços de subversão quanto ao papel social de gênero. Quer consideremos “aparência”, quer consideremos “maneira de vestir”, o adjetivo que se lhe associa é: “correta” (*vide* a nota 17).

Eis o que dissemos anteriormente, mas, agora, com outras palavras: Garcia mostra-se atado à literalidade do texto gideano, querendo eximir-se de todo e qualquer engajamento que pudesse vinculá-lo ao *Corydon* ou mesmo à temática da obra. Sabe-se que a distância temporal entre a sobrevida promovida por Garcia e a por

Silveira é de apenas dois anos e, ademais, o contexto sociopolítico e cultural era, *grosso modo*, o “mesmo”, isto é, o de uma ditadura militar na qual, é consabido, perseguiram-se muitos e muitas “homossexuais” por serem “homossexuais”. Silveira vai além e deixa marcas evidentes de heteronormatividade e, de certa forma, homofobia, como se queda mostrado nos dois pontos acima.

Na primeira parte do diálogo, Garcia, mais uma vez, valeu-se da literalidade e traduziu *il appert que ce portrait n'a pas grand'raison de figurer sur votre table* (GIDE, 1924, p. 17) por “parece que êsse retrato não tem grande razão de figurar na sua mesa” (1971, p. 4), ao passo que Silveira obrou o seguinte: “é evidente que êste retrato não tem mais razão de manter-se sôbre sua mesa” (1969, p. 26). As expressões “Não tem grande razão” (Garcia) e “não tem mais razão” (Silveira) não são a mesma coisa ditas de maneiras diferentes. Ora, ao se dizer “isso não tem mais razão” significa admitir que havia razão antes. Ou seja, uma vez que, pela pena de M. Bazalgette, a “verdade” acerca da orientação sexual de Walt Whitman é trazida à luz, não faz mais sentido, segundo o interlocutor, que Corydon mantenha o retrato de alguém que não mais o representa. A tradução de Silveira levou-nos a essa interpretação. Ademais, é como se Whitman tivesse tão-somente sua “razão de ser”, sua importância em virtude de sua orientação sexual.

Mais adiante, vemos esse padrão se repetir. Eis alguns exemplos:

- 1) Na tradução de: *Je ne prétends pas blâmer* (GIDE, 1924, p. 19), Garcia traduziu literalmente *blâmer* por “censurar”, o que se coaduna com nossa interpretação de “censurar” no sentido de “fazer uma repreensão disciplinar”, em sua ordem moral. Silveira traduziu por “condenar”. Ora, “condenar” encerra um julgamento e posterior sentenciamento, em que se reconhece a culpa de alguém (*vide* a nota 39);
- 2) Na tradução de: *Et vous oseriez publier cela ?* (*Ibidem*, p. 19), vemos claramente o posicionamento de cada um dos tradutores. Silveira transformou o “*cela*”, a forma de reforço do pronome demonstrativo neutro, em “tal coisa”, em que há um tom de menoscabo. Já Garcia preferiu um pronome pessoal do caso oblíquo “-lo”, que cumpre função anafórica (*vide* a nota 43);
- 3) Na tradução de: *Il est vrai que la cause manque de martyrs* (*Ibidem*, p.20), Garcia exprime uma ausência por meio de “não tem”. Contudo, Silveira foi adiante e volveu a marca de “ausência” na de “necessidade”, como podemos

ver em sua tradução “precisa de”. É mister dizer que, por mais óbvio que possa parecer, a ausência de “algo” não implica, necessariamente, a necessidade desse “algo”. Ao traduzir *Il est vrai que la cause manque de martyrs* por “Não há dúvidas que a causa precisa de mártires”, Silveira revela que seu engajamento não é tão-somente em relação ao discurso do interlocutor, mas ao de Corydon também ou, quiçá, ao de seu público, ao de sua editora, ao de sua ideologia (*vide* a nota 46);

- 4) Na tradução de: *N’employez donc pas de grands mots* (*Ibidem*, p. 20), Garcia contenta-se com uma tradução literal de *grands mots* (palavras grandiosas), ao passo que Silveira trabalha em termos de “palavras extravagantes”. Ora, na tradução de Silveira, vemos uma dupla censura. A primeira é quanto às palavras ditas e a segunda é quanto à natureza dessas palavras “extravagantes”, no sentido de empoleiradas, excêntricas, afetadas e quiçá feminis (*vide* a nota 47).

Na segunda parte do diálogo, que trata da própria confissão de Corydon e na qual o argumento deste se desenvolve, em primeiro lugar, quanto à noção de naturalidade e, em segundo lugar, quanto a uma conscientização de uma necessária distinção entre fisiologia (o que é natural) e moral (o que é conduta permissível), vemos confirmada nossa reflexão sobre a pena tradutória de Garcia e Silveira. Eis alguns significativos exemplos:

- 1) Na tradução de: *nous étions assez intimes, du temps que votre conduite encore n’accordait rien à vos penchants* (*Ibidem*, p. 23), deita uma questão fundamental: Garcia mantém, ao longo de seu texto, uma uniformidade ao traduzir *penchants* por “tendências”; já Silveira, mais uma vez, põe em cena o seu engajamento ideológico-tradutório por meio de sua tradução por “preferências”. Ao trabalhar em termos de “preferência”, Silveira não reconhece a categoria “orientação sexual” (que como já se asseverou é deveras precária); inferimos, então, que para ele a questão talvez seja do plano da “escolha sexual”. É como se Corydon, entre homo e heterossexualidade, tivesse “escolhido” a homossexualidade e, em termos mais precisos, a pederastia (*vide* a nota 82);

- 2) Na tradução de: *je me persuadais vite que j'étais impropre au mariage et, ne pouvant rien avouer à ma fiancée des causes de ma tristesse, mon attitude auprès d'elle devint de plus en plus équivoque et embarrassée* (*Ibidem*, p. 24), Silveira insere uma oração subordinada adjetiva: "...que tive de manter..." ("de imediato percebi que não era destinado para o casamento, e não podendo deixar transparecer à minha noiva a causa dessa tristeza, o comportamento **que tive de manter** ao seu lado, tornou-se cada vez mais embaraçoso e difícil" (1969, p. 32, grifos nossos). Corydon vive num contexto no qual reina a heteronormatividade; mas quando o tradutor acrescenta tal oração, ele faz reforçar os contornos heteronormativos quanto ao comportamento de Corydon naquela situação de inquietude e tristeza (*vide* a nota 104);
- 3) Na tradução de: *et peut-être mon récit vous aidera-t-il à parler moins légèrement de ces choses* (GIDE, 1924, p. 26), Garcia opera, mais uma vez, a literalidade: "e talvez a minha narração possa ajudá-lo a falar menos superficialmente dessas coisas" (1971, p. 11). Ao passo que Silveira opera seu engajamento tradutório-ideológico: "e **estou convencido** de que minha história servirá de base para que **não fale de modo leviano** dessas coisas" (1969, p. 33, grifos nossos). Pois bem, Silveira saca Corydon do plano da incerteza, quanto aos resultados que terão a história que irá contar, e o põe no da certeza, da convicção. Ademais, não são necessárias tantas luzes para se perceber que "falar menos superficialmente" de algo difere, contundentemente, de "não falar de modo leviano" de alguma coisa. Vemos que Silveira, por conta da desconsideração do advérbio de intensidade *moins* promove um pequeno câmbio no entendimento não só desta parte específica, mas no do todo. Corydon, em contando sua história, espera menos superficialidade da parte de seu interlocutor acerca "dessas coisas" (Garcia e Silveira) e, não, que a superficialidade cesse (*vide* as notas 124 e 125);
- 4) Na tradução de: *moi cependant j'exagérais en face de lui ma froideur, si bien que...* (GIDE, 1924, p. 27), vemos Silveira apresentar um problema de conjuntivo (*vide* as notas 28 e 127 *inter alia*). Sua tradução de *si bien que* por "se bem que" nos parece deveras impertinente, pois "se bem que" constitui-se em uma locução conjuntiva subordinativa concessiva e, em nada, guarda relação com o texto. A questão é a seguinte: Alexis era alvo da "cólera" de

Corydon e sua frieza só aumentava, “tanto que” ou “tão bem que” (Garcia) Alexis acabou por dar cabo à sua própria vida (*vide* a nota 144);

- 5) Na tradução de: ***Si je ne puis rien changer à ma monstrueuse nature, je puis du moins la supprimer...*** (*Ibidem*, p. 28, grifos nossos), há duas questões importantes: a) Silveira traduz a conjunção subordinativa de condição *si* por “só”, advérbio impróprio que, por sua posição, evidencia o termo que é modificado por ele, neste caso, o verbo “poder” na negativa: “só não posso”. Já Garcia opera uma tradução literal: “se”. b) Silveira dá contornos de caráter moral à sua tradução. Traduziu ele *ma monstrueuse nature* por “minha abjeta natureza”, ao passo que Garcia traduziu literalmente por “minha natureza monstruosa”. O adjetivo “abjeto” liga-se à ideia de “desprezível” e “ignóbil”. Já o “monstruoso”, em seu sentido de contra a natureza, sentido esse adotado pela lógica heteronormativista da qual foi alvo Corydon que, por seu turno, alvejou diretamente Alexis (*vide* as notas 154 e 155).

Considerando-se todo o exposto, podemos considerar as sobrevidas, promovidas por Hamílcar de Garcia (1971) e por Oriente Silveira (1969) como boas ou ruins? Ou ainda: uma é melhor que a outra? Não é a resposta para ambas as perguntas o cerne do problema. Como já foi dito, o tradutor e o crítico de tradução, enquanto sujeitos da tradução, mostram-se seres históricos, isto é, datados e localizados. Ora, em função dessa radical “realidade existencial” devemos, desde já, rejeitar a ideia de uma apreensão da essência das coisas. Além do mais, constituir-se-ia em demasiada ingenuidade o estabelecimento (ou mesmo a pretensão a isso) de normas de leitura/interpretação/tradução que lograssem o resgate pleno dos significados “originais” de um dado texto, ou dos intentos de um dado autor. O tradutor de um texto não pode escudar os significados “originais” de um autor, dado que, a rigor, nem sequer o autor, ele mesmo, gozaria da condição de inteiramente consciente de todas as possíveis intenções e das variáveis que proporcionaram a urdidura e a divulgação de seu texto. Do mesmo modo, o tradutor e o crítico de tradução, tão-somente, podem estabelecer uma relação com o texto, que se queda sempre mediado por um processo interpretativo. De tal processo interpretativo resultou nossa crítica de tradução à luz da Desconstrução/Estudos Queer.

Ao colocarmos em ação nosso projeto crítico-tradutório, que se calcou no que chamamos de “saída do armário”, cremos ter obtido êxito, pois logramos desvelar o discurso heteronormativista utilizado na urdidura da obra *Corydon* (1924), de André Gide, por meio das suas duas únicas traduções para o português brasileiro. Cabe salientar, mais uma vez, que a sobrevida promovida por Garcia traz a marca da literalidade, o que não faz desta melhor que a de Silveira, (que é acentuadamente marcada por seu engajamento tradutório-ideológico), haja vista que não se encontra o significado, eternamente, sedimentado no texto, na esperança de que um tradutor adequado o decodifique de forma “perfeita”. O significado de um texto tão-somente se delinea e se cria, a partir de um ato interpretativo, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos padrões éticos, morais e estéticos, nas circunstâncias históricas e na psicologia que constituem a comunidade interpretativa.

Em nossa pesquisa, ao levarmos a efeito uma crítica de tradução (dentre várias possíveis) à luz da Desconstrução/Estudos Queer, buscamos um constante e rigoroso exame das múltiplas possibilidades que se nos apresentaram e um mapeamento cuidadoso das inúmeras transformações que ocorreram nas citadas sobrevidas. Além disso, reiteramos a reflexão do professor Rajagopalan, segundo a qual a Desconstrução se mostra como nada mais que o próprio Estruturalismo levado às últimas consequências. Quanto aos Estudos Queer, cremos ter dado uma pequena contribuição ao ainda pouco explorado diálogo dos Estudos Queer com os Estudos de Tradução. Por fim, concluímos que as perpétuas sobrevidas de um texto, esse excesso luxurioso, quedam-se um *locus* de resistência (conforme lição do professor Paulo Ottoni), conservam e estimulam o direito (que a todo tradutor e, por conseguinte, crítico de tradução assiste, repete-se) de perguntar: “como posso entender isso?” em detrimento de “o que isso significa?” ou mesmo “o que o autor quis dizer?”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLSTEDT, Eva. **André Gide et le débat sur l'homosexualité: de *L'immoraliste* (1902) à *Si le grain ne meurt* (1926)**. Gotemburgo: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1994.

ARROJO, Rosemary (Org.). **O Signo Desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. Campinas: Pontes, 2003.

_____. **Tradução, Desconstrução e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. **Oficina de Tradução: A teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2007.

BAKER, M.; SALDANHA, G. (Ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres: Routledge, 2011.

BASSNETT, Susan. **Translation Studies: Fundamentos de uma disciplina**. Nova Iorque: Routledge, 2002.

BERMAN, Antoine. **L'épreuve de l'étranger : culture et traduction dans l'Allemagne romantique**. Paris: Gallimard, 1984.

BOGAERT, Anthony F. Toward a conceptual understanding of asexuality. **Review of General Psychology**, Washington, v. 10, n° 3, p. 241-250, 2006.

BURKE, Phyllis. **Gender Shock: Exploding the Myths of Male and Female**. Nova Iorque: Anchor, 1997.

BURTON, William M. Inverting the text: A proposed queer translation praxis. **In other words**. Norwich, n° 36, p. 54-68, 2010.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: Feminism and the subversion of identity. Nova Iorque e Londres: Routledge, 1990.

_____. **Bodies that Matter**: On the discursive limits of "sex". Londres e Nova Iorque: Routledge, 1993.

_____. **Undoing Gender**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2004.

CÂMARA J., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

CLARKE et al. **Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Queer Psychology**: An Introduction. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.

DAWKINS, Richard. **The Selfish Gene**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1976.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **A escritura e a diferença**. Trad. de Maria Beatriz M. N. da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **L'écriture et la différence**. Paris: Éditions du Seuil, 1967.

_____. **Torres de Babel**. Trad. de Júnia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. **Gramatologia**. Trad. de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **De la grammatologie**. Paris: Les éditions de minuit, 1967.

_____. **L'Oreille de l'autre**. Montreal: VLB, 1982.

_____. **Résistances de la psychanalyse**. Paris: Éditions Galilée, 1996.

_____. Carta a um amigo japonês. Trad. de Érica Lima. In: OTTONI, P. (Org.). **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, 2005

ECO et al. **Interpretation and Overinterpretation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ELSOKATI, C. A. **André Gide au miroir de la critique : « Corydon » entre œuvre et manifeste**. 2011. 242 f. Tese (Doutorado em Letras) – École Doctorale Culture et Société, Université de Paris-Est-Créteil, Paris. 2011.

FISH, Stanley. **Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities**. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

FLOTOW, Luise von. **Translation and Gender: Translating in the 'Era of Feminism'**. Manchester: St. Jerome Publishing; Ottawa: University of Ottawa Press, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 2005.

_____. **Microfísica do poder**. Trad. e org. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. Trad. de Wanderson Flor do Nascimento. **Verve**, São Paulo, n° 5, p. 260-277, 2004.

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. Trad. de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

GIDE, André. **Corydon**. Paris: Gallimard, 1924.

_____. **Tratado de Homossexualismo: Corydon**. Trad. de Oriente Silveira. Rio de Janeiro: Editora Record, 1969.

_____. **Córidon**. Trad. de Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

_____. **Córidon**. Trad. de Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **Les faux-monnayeurs**. Paris: Gallimard, 1925.

GOULET, Alain. **Fiction et vie sociale dans l'œuvre d'André Gide**. Paris: Lettres Modernes Minard, 1984-1985.

GURY, Christian. **L'honneur piétiné d'un domestique homosexuel en 1909** : sur Gide et "Corydon". Paris : Éditions Kimé, 1999.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Disponível em <http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935_identidade_genero_revisado.pdf>. Acesso em 03 mar. 2013.

HALL, D. E.; JAGOSE, A. com BEBELL, A.; POTTER, S. (Ed.). **The Routledge Queer Studies Reader**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2013.

HARVEY, Keith. Gay Community, Gay Identity and the Translated Text. **TTR : traduction, terminologie, rédaction**, v. 13, n° 1, p. 137-165, 2000.

_____. Translating Camp Talk. In: VENUTI, L. (Ed.). **Translation and Minority**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1998. p. 295-320.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995.

JAGOSE, Annemarie. **Queer Theory**: an introduction. Nova Iorque: New York University Press, 1996.

KEENAGHAN, Eric. Jack Spicer's Pricks and Cocksuckers: Translating Homosexuality into Visibility. In: VENUTI, L. (Ed.). **Translation and Minority**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1998. p. 273-294.

LEWIS, Elizabeth S. 'This is My Girlfriend, Linda' – Translating Queer Relationships in Film: a Case Study of the Subtitles for *Gia* and a Proposal for Developing the Field of Queer Translation Studies. **In other words**. Norwich, n° 36, p. 3-22, 2010.

LOUAR, Nadia. Notre Dame du Queer ou du mauvais genre en traduction. **Palimpsestes**, Paris, 21, p. 121-134, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Teoria Queer – Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n° 2, 2001.

MAYER, Hans. **Os Marginalizados**. Trad. de Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

MAZZEI, Cristiano A. **Queering translation studies**. 2007. 107 f. Tese (Master of Arts) – Graduate School, University of Massachusetts, Amherst, 2007.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças**: por uma analítica da normalização. p. 1-19, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Acesso em 03 mar. 2013.

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n° 21, p. 150-182, 2009.

NEMER, Monique. **Corydon Citoyen** : Essai sur André Gide et l'homosexualité. Paris: Gallimard, 2006.

NORRIS, Christopher. **Deconstruction**: Theory and Practice. Londres: Methuen, 1982.

OLIVEIRA, Maria Edith M. de Avelar R. de. Do Jogo Derridiano ao Jogo Pleno: uma reflexão sobre A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas, de Jacques Derrida. **Acervos Literários**, Mariana, v. 4, n° 03, p. 58-68, 2004.

OTTONI, Paulo. **Tradução Manifesta**: *double bind* & acontecimento. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp, 2005.

_____. A tradução é desde sempre resistência: Reflexões sobre teoria e história da tradução. **Alfa**, São Paulo, n° 41, p. 159-168, 1997.

_____. A tradução da *différance*: dupla tradução e *double bind*. **Alfa**, São Paulo, n° 44, p. 45-58, 2000.

POLLARD, Patrick. **André Gide**: homosexual moralist. Nova Haven e Londres: Yale University Press, 1991.

PYM, Anthony. **Teorias Contemporâneas da Tradução**: Uma abordagem pedagógica. Trad. de Ana Maria Chaves, Eduarda Keating e Fernando Ferreira Alves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A trama do signo: Derrida e a desconstrução de um projeto saussuriano. In: ARROJO, Rosemary (Org.). **O Signo Desconstruído**: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 2003. p. 25-29.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Signs**, Nova Brunswick, v. 5, n° 4, p. 631-660, 1980.

ROBERT, Paul. **Le Petit Robert de la langue française 2013** (versão eletrônica).

RÓNAI, Paulo. **Dicionário francês-português, português-francês**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

SANTIAGO, Silviano (Sup.). **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SANTOS, Olivia A. N. Os Estudos de Tradução e Jacques Derrida: Afinal, 'O que é Desconstrução'? **Tradução e Comunicação**, São Paulo, n° 20, p. 105-112, 2010.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário Latino-Português**. 12 ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SAUSSURE, F. de. **Cours de Linguistique Générale**. 3ª Edição. Paris, 1949.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Trad. de Guacira L. Louro. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n° 2, p. 71-99, 1995.

_____. Prefácio a *Gender and politics of history*. Trad. de Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**. Campinas, n° 3, p. 11-27, 1994.

SEDGWICK, Eve K. **Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1985.

_____. **Epistemology of the Closet**. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 2008.

SEIDMAN, Steven. Deconstructing Queer Theory or the Under-Theorization of the Social and the Ethical. In: NICHOLSON, Linda; SEIDMAN, Steven. (Orgs.). **Social Postmodernism: Beyond identity politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 116-141.

_____. **Beyond the Closet: the transformation of gay and lesbian life**. Nova Iorque: Routledge, 2002.

_____. **Queer Theory/Sociology**. Malden: Blackwell, 1996.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Translation**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1996.

SONTAG, Susan. **Against Interpretation**. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1966.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Trad. de Wladimir Freire. Juiz de Fora: Ed. UFJF; Rio de Janeiro: Pazulin, 2006.

STEINER, George. **After Babel: aspects of language and translation**. Londres, Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press, 1975.

TEIXEIRA, Ivan. Desconstrutivismo. **Cult**, São Paulo, Fortuna Crítica 5, p. 34-37, 1998.

TIN, Louis-George. **Dictionnaire de l'homophobie**. Paris: PUF, 2003

VENUTI, Lawrence (Ed.). **The Translation Studies Reader**. Londres: Routledge, 2004.

_____. **The Scandals of Translation**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1998.

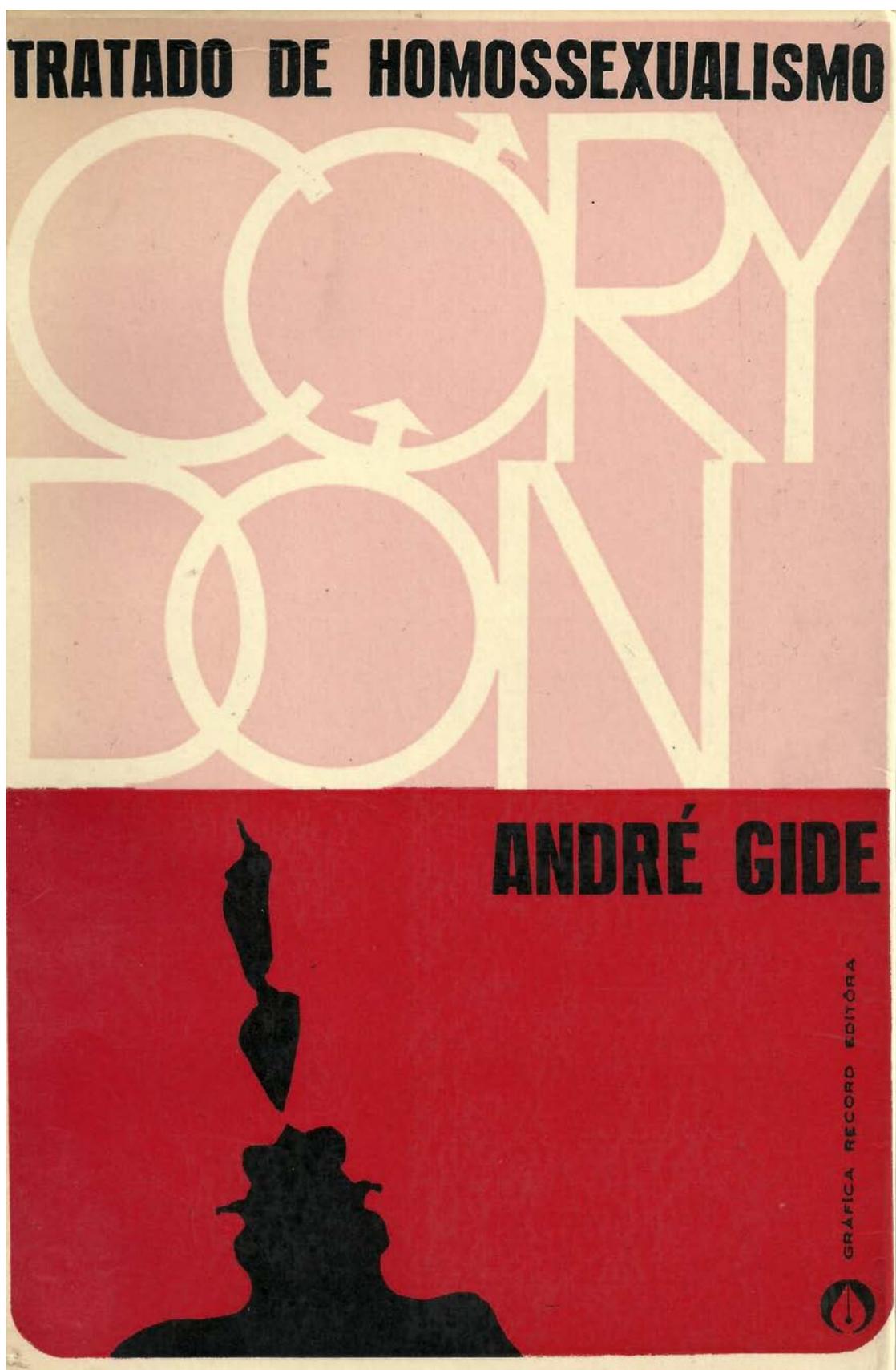
_____. **The translator's invisibility: A history of translation.** Londres: Routledge, 1995.

WARNER, Michael. Introduction: Fear of a Queer Planet. **Social Text**, Durham, n° 29, p. 3-17, 1991.

_____. **Fear of a Queer Planet.** Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press, 1993.

WEIßEGGER, Roland. Queering Translation: Transcultural Communication and the Site of the You. **Graduate Journal of Social Science.** Los Angeles, v. 8, n° 2, p. 164-178, 2011.

ANEXO I



Tratado de Homossexualismo
Corydon

COLEÇÃO EROS

I — A REVOLTA DOS HOMOSSEXUAIS
Norman Winski

II — TRATADO DE HOMOSSEXUALISMO — Corydon
André Gide

ANDRÉ GIDE

Tratado de Homossexualismo
Corydon

Tradução de
ORIENTE SILVEIRA

Introdução de
GASTÃO PEREIRA DA SILVA



Gráfica Record Editôra

GRÁFICA RECORD EDITORA - RUA CARLOS DE CARVALHO, 100 - SÃO PAULO - SP

Copyright by
ANDRÉ GIDE

Título do original em francês:
CORYDON

Capa de
SÉRGIO GIANNINI

Direitos desta edição reservados à



GRAFICA RECORD EDITORA

Avenida Rio Branco 131, 18.º andar — ZC-21

Tel.: 242-2553 — Rio de Janeiro, GB

Composto e impresso no Brasil — Printed in Brazil - 1969

INDICE

Introdução	9
Gide e Corydon	17
Prefácio	19
Primeiro diálogo	23
Segundo diálogo	41
Terceiro diálogo	81
Quarto diálogo	105
Apêndice	127

O "COMPLEXO" DE ANDRÉ GIDE

"Não julgue! Ceda lugar ao médico!" — são palavras de André Gide ao se referir aos "não-privilegiados", aos condenados, aos que se viam "fora da lei", aos "não-conformistas, aos marginais, ou se quiserem, aos que ferem os princípios ou os preconceitos da ordem social. Mas, ao falar assim, o autor de Corydon projeta o próprio inconsciente nessa admirável frase do Cristo: "Vós julgais, segundo a carne, eu a ninguém julgo". Sempre atormentado pelo seu conflito íntimo, do qual queria e não podia se libertar, Gide parece implorar, quando exclama: "Por favor, não me compreendam tão depressa!"

Sincero, profundamente sincero, sentimental sem máscara, emancipado, dando de ombros e golpeando corajosamente as práticas convencionais da época, Gide acorrentava-se, paradoxalmente, como um nôvo e singular Prometeu, ao convencionalismo do seu tempo. Tem razão quando escreve que sempre andava a procura de si mesmo, "como antes e como sempre". Ou então: "Quanto mais explico e me analiso, mais a minha deformação me surpreende e menos eu me entendo". Numa outra passagem diz: "Esqueço quem sou, se é que alguma vez cheguei a sabê-lo".

Suas contradições são por êle reconhecidas: "Contradigo-me? Seja, eu me contradigo". E não podia ser de outro modo. O ambiente doméstico em que foi criado e a educação religiosa bilateral que recebeu, explicam as atitudes contraditórias, não só em relação a Deus, mas também à sua permanente confusão de sentimentos. Depois que o pai morreu, viu-se cercado por três mulheres, ou melhor, enclausurado num lar pesado, sem amor. Essas três criaturas, sempre vestidas de prêto: Juliette Gide,

sua mãe, Ana Schackleton, solteirona, amiga da família, e uma tia, a "tia Clara", austera, rigorosamente puritana, que administrava, zelava e fiscalizava a dignidade da casa. Era ela quem decidia tudo quanto se devia ou não se devia fazer. Protestante intransigente, impunha à família uma severa disciplina calvinista, enquanto no espírito do pequeno André refletiam-se os laivos católicos, advindos de alguns ramos da família pelo lado materno, atuantes, sem nenhuma dúvida, na atmosfera do lar. Gide não podia deixar de se mostrar confuso quanto à sua atitude perante Deus. Pela tarde lia o Velho Testamento e durante a manhã, a sós, o Evangelho. Escreve que trazia sempre no bolso o Novo Testamento, mas que não o abria quando ia, por exemplo, para o colégio, num trainway, para não ser alvo das graçolas de seus condiscípulos protestantes.

Ao fazer a primeira comunhão, perguntou inqênuamente ao pastor que o preparava para a cerimônia se não podia confessar os seus pecados a um padre. É claro que essa atitude, de pura inocência, não podia convencer o ministro. Ao que parece, o credo católico tinha para Gide uma significação maior, não só porque nêle refletia o coração de sua mãe, como também — e sobretudo — dava-lhe ensejo àquilo que êle mais procurava: "O bálsamo purificador da confissão".

Por isso, tôda a obra de André Gide é uma confidência permanente. "Êle já trazia pecados a confessar, desde criança". Incorrera no que chamou de "maus hábitos" desde quando contava apenas cinco ou seis anos de idade... Daí por diante, torna-se "um menino doentio, desagradável, de olhar esguio e rosto macilento". Então, escreve: "Numa idade em que se deseja ter uma alma transparente e pura, na minha só havia sombra, vilania e dissimulação".

Juliette, sua mãe, não era nem triste, nem carinhosa, mas austera. Dedicava-se ao filho, mas não lhe dava aquilo que êle mais ansiava: amor! Escreve: "Creio que foi essa extraordinária e insaciável necessidade de amar e ser amado, que dominou minha vida e que me levou a escrever; necessidade quase mística, acima de tudo mais, pois não encontrava na maneira do meu viver outra recompensa".

Gide não teve infância, por assim dizer. Seu modo de vida fôra pautado, determinado por certos dogmas de uma elite huguenote já decadente. O ambiente em que vivia era irrespirável. Seu espírito de independência não se coadunava com aquela virtude ostensiva, ou com a moral hipócrita, imposta pelos seus complicados parentes e pelos seus educadores, quase todos de mentalidade medíocre e artificial. Rebelava-se. Mas silenciava. Precisava agradar, adular, fingir, pela "necessidade de ser amado". Escreve: "Quase sempre eu precisava adular para agradar, atormentado pelo desejo de ser amado!" E acrescenta: "Que fraqueza!"

As horas das refeições representavam para êle verdadeiro suplício. Impaciente, esperava que tudo aquilo terminasse para, então, em companhia de Maria, sua ama, se expandir em plena natureza, indo com ela até o "mont Sarbonnet", depois de passar pela "Fontaine de l'Eure". Aí ganhava liberdade e sentia o aroma dessa flora de delicados narcisos brancos, que impregnavam o ar... Maria também amava as flôres e tanto quanto Gide encantava-se diante das oliveiras, dos narcisos, das anêmonas, das tulipas, por tôda essa orgia floral, que a Primavera cria e renova para os olhos dos que sabem amar, reverenciar uma rosa com a mesma religiosidade com que se reverencia o Criador no milagre da criação.

Num dêsses passeios o pequeno André vê, pela primeira vez, um eucalipto em flor. Extasia-se. Quer saber que espécie de vegetal é aquêle, no qual se esconde tanta beleza criada. Maravilha-se diante dessas pequeninas flôres silvestres que brotam por entre a relva e as compara com as estrêlas. Contempla enlevado os vegetais aquáticos, raízes, fôlhas ou caules que formam as algas, quando vai às ilhas Lérins. Escreve: "Conchas, algas, madreperolas, irradiam os seus esplendores com uma magnificência oriental..." E acrescenta: "Ao primeiro olhar, fui arrebatado por um êxtase, sem nada ter percebido, imóvel, dobrado como Narciso acima da superfície da água e só aos poucos o meu olhar foi saindo de dentro de tôdas aquelas sinuosidades de pedra, das quais havia me aproximado e que agora me faziam fugir... Tudo me parecia respirar, palpitar... A própria pedra parecia tomar vida e as coisas que eu acreditava inertes começavam, timidamente,

a se mover; séres translúcidos, bizarros, em passos fantásticos, surgiam dentre os recortes das algas; a água se povoava dêsses séres sôbre a areia clara que tapetava o fundo, que eu agitava com uma vara de junco até surpreender uma frágil corola, receosa, um pouco tímida, como que assustada em desabrochar...

E mais adiante: "Enquanto Maria lia ou fazia o seu croché, eu ficava horas a fio, esquecido do sol". Surpreendia-se com as mutações de côres de um peixe, das caçadas dos animais, das emboscadas, das perseguições, nesse mundo de dramas misteriosos que lhe causava espanto e lhe provocava violentas dores de cabeça... Visões singulares... prazeres paradoxais atormentavam o menino que de tudo queria fugir ou se afastar da monotonia da sua infância, rica em emoções as mais diversas e estranhas, mas pobres em amor humano, o amor que êle buscava, mas não encontrava, em derivações na natureza, na música, na poesia e nunca naquela fonte de amor que por si mesma resumiria tôdas as outras, única capaz de lhe dar a alegria de viver: a fonte do amor materno, sêca, estéril e por isso mesmo incapaz de lhe saciar a sêde: a sêde de amar e ser amado! Juliette Gide era dessas mulheres que cumprem com o seu dever de mãe, mas que apenas cumprem êsse dever, julgando que uma criança nada mais precisa que educação e disciplina.

Gide perdeu o pai aos onze anos de idade, mas tudo faz crer que o tivesse menos como pai, que como um rival. Charles Gide não o chamava de "meu filho" mas de "mon petit ami"... Preocupado com os estudos para conquistar a cátedra na Faculdade de Direito, nunca lhe dava atenção. Passava a maior parte do tempo no gabinete de trabalho, um pouco sombrio, ao qual o seu "petit ami" não tinha acesso senão quando era chamado. Poucas lembranças deve ter tido o menino Gide do pai, pois é apenas através de uma fotografia que o revê "de barba cerrada, cabelos negros, longos e anelados". É só essa imagem que lhe faz recordar aquêle semblante que lhe pareceu, muitos anos depois, "tomado de grande doçura do coração". Gide escreve que sentia pelo pai veneração, mas uma veneração que se revestia sempre de mêdo quando se aproximava dêle. Entrava no seu gabinete como em um tabernáculo

ou como num templo, nos momentos em que se dirigia à biblioteca, cujo chão, forrado por espesso tapete, abafava os seus passos, tornando ainda mais sombria e triste aquela espécie de santuário do saber. Às vezes o pai convidava-o para dar um passeio. Gide exultava, pois raramente isso acontecia. O professor Charles mostrava-se nessas ocasiões com um ar grave, algo de misterioso que muito intrigava o filho. Isto o encantava... Gide não se lembra de ter visto o pai morto. Não se recorda de ter visto alguma vez sua mãe chorar, apesar de tê-la sempre a seu lado, fechada em pesado luto. Não quis ela que o filho assistisse à cerimônia fúnebre, deixando-o num aposento, em companhia de Emanuela (futura esposa de Gide) e de uma tia.

Gide escreve que aos cinco ou seis anos incorreu naquilo que ele chamou de "maus hábitos". Primeiro a masturbação. Depois os seus brincos sexuais com outros meninos. É certa vez advertido por um de seus mestres, que o faz confessar a prática desses "maus hábitos", acabando por ser eliminado do colégio, no qual se internara aos oito anos de idade. Não podia compreender porque Juliette desejara se separar d'ele, mandando-o para um internato. O menino revolta-se. Passa a ser o pior aluno da classe. "Tôdas as semanas eu esperava pelo meu zero, zero na conduta, zero pela falta de ordem moral", — escreve. E conclui: "Nesse tempo, eu dormia ainda, como se não tivesse nascido". Sim, analiticamente, é como se ele estivesse ainda no ventre materno... do qual gostaria de nunca ter saído. "Numa fotografia dessa época — escreve — eu me revejo, metido em ridículas roupas, espécie de crinolina listrada, agarrado às saias de minha mãe, com um ar doentio, desagradável, o olhar evasivo..." O pai se revoltara com a carta que lhe escrevera o diretor da escola, na qual revelava o motivo da expulsão. O mesmo não se deu com a mãe, que, depois de ouvi-lo, resolve levá-lo a um médico. Este, o bom Doutor Brouardel, recebe, sorridente, mãe e filho no seu consultório. Mas, depois que madame Gide se retira, o clínico fecha a cara e severo, engrossando a voz, diz ao pequeno André: "Eu sei de que se trata. Não tenho necessidade de te examinar, nem de te interrogar. O que é preciso é te corrigires." E mudando o tom para que a sua voz se tornasse terrível, acrescenta: "Eis os instrumentos de que tu necessitas e com

os quais nós desejamos recorrer e operar pirralhos que fazem o que tu fazes..." E sem desviar o olhar, com as sobranceiras fechadas, aponta uma panóplia de ferros cortantes... O menino não leva a sério aquela ameaça. Mas o medo que sentia pelo pai deixou-o abatido, porém Juliette apenas exigia do filho a promessa de não incidir no erro.

Era essa a atitude de médicos e educadores na época... Enquanto tudo isso se passava, um lastro de sentimento de culpa tomava conta da alma de Gide. Culpa de não ser amado pela mãe, culpa de sentir o pai como rival. Vinga-se então de ambos através dos "maus hábitos", cujas raízes vamos encontrar no "Complexo de Édipo", que nos dá a chave da homossexualidade adquirida. O pequeno Gide procura então outros meninos para fazer com eles o que o pai fazia com a mãe, ou ainda, identifica-se com ela, quando é possuído, para receber, dos outros parceiros, o amor que ela lhe negou. Daí por diante, a imagem materna, plasmada no inconsciente, inibe-o de aceitar sexualmente outras mulheres, pois só com aquela lhe seria dado amar. Assim, quando se casa com Madeleine Rondeaux, sua prima, e que ele passa a chamar de Emmanuelle (...) deixa-a intocada durante todo o tempo que com ela conviveu.

Enche-se de angústia porque a quer, porque a ama, mas não pode possuí-la. E então foge dela, como fugia da própria mãe na infância. Assim, quando sua mulher o esperava em Cuverville, onde ele tinha, por assim dizer, o seu lar, Gide desaparecia, ou melhor, aparecia incógnito em outras terras, para depois regressar fatigado, irritado, talvez por não encontrar em nenhuma paisagem nova o sossego, a paz espiritual, tão almejadamente procurada, desde a infância, repetindo aquelas mesmas viagens constantes que então fazia em companhia de Juliette. Era a angústia, o delírio ambulatório, o esquecer. Mas agora se invertem as situações. Gide é amado por Madeleine, mas não pode amá-la porque está preso à imagem materna por aquele "cordão umbelical invisível" que converte em homossexual aquele que não pôde romper, normalmente, a "fase edipiana" pela qual todos nós passamos.

Penso que é aí que devemos encontrar as raízes de todo o drama gideano.

Mais tarde, já homem e escritor, André Gide tem consciência de que sofre de uma anomalia sexual; mas, não conseguindo livrar-se dela, só lhe resta aceitá-la, defendê-la ou negá-la. Entra assim num mundo de contradições, reconhecendo, porém, que o seu valor está na sua complicação (*Ma valeur est dans ma complication*). Dêsse modo justifica e acha até mesmo natural a homossexualidade, negando-a como enfermidade; outras vêzes, aceita-a como doença e, alargando a perspectiva, cita alguns santos e profetas, alguns pensadores, artistas, filósofos ou escritores, dizendo que eles não chegariam a ser o que foram: grandes, geniais ou sábios, se não fôsem enfermos. E acaba satirizando Cícero, quando escreve que sem a doença de Jean Jacques Rousseau ou a de Nietzsche, não passariam os dois de mediocres oradores como o foi (para êle, Gide) o opositor de Catilina...

Mas em "Corydon", no entanto, livro que escreveu em plena maturidade de sua vida, Gide tenta analisar-se e interpretar a natureza humana, fria e corajosamente, como quem escalpela — e se isto fôsse possível — a própria alma!

Em "Corydon" André Gide se revela de corpo inteiro. Ali não há contradição. Ao contrário. Defende-se. Revela-se conscientemente. Neste livro êle se harmoniza. Encontra-se. Não se contradiz. A abreação lhe dá fôrças para escrever dois anos depois as suas memórias em "Si le grain ne meurt". Mas, sem "Corydon", talvez não tivesse nascido "Si le grain ne meurt". Ambos não podiam, pois, deixar de causar escândalo, porque vinham ferir os "mais sagrados princípios da moral burguesa, na qual tôda a clandestinidade deve ficar encoberta em louvor ao preconceito e à ordem social...

Espantaram-se alguns amigos e admiradores, biógrafos e catões, viam em "Corydon" algo que decepciona, "uma autobiografia desconcertante" ou ainda "um penoso tratado sôbre homossexualismo. Em "Si le grain ne meurt", um "livro trágico e aterrador". E pôr quê? — Porque a "verdade não se diz"... Ou pelo menos "não deve ser dita". Mas Gide escreve que, se lhe fôsse vedado dizer as coisas, tais como se apresentaram aos seus olhos, deixaria de ser escritor, pois tem horror à mentira.

Por isso mesmo, em tudo quanto escreveu há uma permanente e indisfarçável catar-se, embora em alguns de seus livros essa confissão se apresente velada; pois, como êle próprio diz: "É mais fácil fazer com que um de meus personagens fale por mim, do que eu falar pessoalmente de maneira disfarçada". Daí também a razão pela qual, muito criança ainda, desejasse ou mesmo precisasse de um confissionário. É que lhe faltava a válvula de escape que mais tarde encontrou nas páginas que escreveu... Nesse sentido, "Corydon" é a sua obra máxima. E, se cada um de nós tem um pecado a esconder, tal como Gide, diante da angústia, bem poderia repetir com êle, depois de ter lido êste livro: "Qual é o meu pecado, Senhor? Por certo eu também caí no pecado. Como? Por quê? Que quereis que eu faça?"

GASTÃO PEREIRA DA SILVA

GIDE E CORYDON

“Não conheço alguém que seja mais profundamente moral que Gide. Sua moral é de libertação do homem, de esclarecimento, de probidade — uma moral de grande esforço e de pouca utilidade... Acontece que Gide amava os rapazes. Mas Sócrates e Platão também os amavam. Gostaria que não se falasse de imoralidade a respeito do último moralista francês unicamente porque êle gosta de rapazes. Gide é mais puro, falando de rapazes, do que muitos outros escritores ao falar de mulheres... Nossa literatura torna-se cada vez mais uma literatura de homens. Assim, em Saint-Exupéry, em Malraux, a mulher é quase por completo ausente de suas obras... Na obra de Gide há em essência essa figura de Alissa, a mulher considerada como virgem, destituída de qualquer sensualidade. Acho surpreendente que os cristãos se sintam escandalizados!... Na realidade, se hoje em dia há no Ocidente e na França muitos homens que ousam alimentar tais gostos e que disso não se envergonham, a Gide devem tal circunstância; êle realizou uma obra de extraordinária libertação...”

As linhas acima não são transcritas de um velho número de Arcaide, como se poderia crer. Elas foram pronunciadas no rádio (sim, na O.R.T.F.!) por Roger Stéphane, numa quinta-feira, no dia 31 de março dêste ano (1966). O fato em si é tão raro que vale a pena examiná-lo mais detidamente.

Foi no decorrer de uma transmissão de Claude Roland-Manuel e André Almuro, intitulada a “Semana de Gide” e nesse dia com o subtítulo: Gide e Corydon (título prometedora!). no Programa “France-Culture”, às 22 hs. e 30 ms., que se ouviram estas frases admiráveis. Ouviu-se também a voz aveludada de Marcel Jouhandeau evocar sua antiga amizade com Gide. Contrariamente à idéia em

geral aceita, Jouhandeau afirma que Gide experimentou paixões tanto sentimentais como sensuais, mas que sua pederastia era antes de tudo de ordem moral e estética. Tal fato é possível, mas o próprio Jouhandeau reconhece que Gide não se mostrava muito inclinado a confidências com relação à sua pessoa. Como eu o compreendo!

Em seguida ao texto da introdução de Jouhandeau, a parte principal da transmissão era dedicada à leitura de trechos de "CORYDON", de "Se a semente não morrer..." e do "Diário". Os arcadianos por certo conhecem todos esses excertos, mas poder-se-á dizer o mesmo para o grande público habitual do rádio? Nada foi censurado ou "forjado", nem os "maus hábitos" do menino Gide com o juho da zeladora da casa, nem o episódio do barqueiro do lago de Coma, nem as passagens sobre a beleza dos jovens árabes e dos púberes pastores nus. Apenas o episódio famoso de Gide com o rapazinho árabe nas areias de palmares foi ligeiramente atenuado, através de um artifício técnico (dois textos lidos ao mesmo tempo), mas com um pouco de atenção podia-se perceber a parte dissimulada pelo outro texto. E toda a argumentação de Corydon em favor da pederastia foi comentada de modo bastante franco.

O que se passou então? Senhora Censura teria cochilado? Ou então a direção da O.R.T.F. achou de bom alvitre abrir e fechar a comporta de tempos em tempos — é preciso ressaltar que a hora escolhida para essa transmissão e a cadeia de difusão restringiam a audição a um público naturalmente bastante restrito — para compensar o conformismo sistemático dos programas e dos horários mais acessíveis ao grande público? Não sei. Mas em todo caso Claude Roland-Manuel bem merece pela circunstância do fato, as felicitações sem reservas de todos aqueles que efetivamente têm esses hábitos... e que não sentem vergonha, graças a André Gide, como tão nobremente observou Roger Stéphane. Então, ao menos uma vez, a favor da O.R.T.F., nosso voto de louvor. Claude Roland-Manuel não poderia esperar melhor.

M. D.

Tradução de Oriente Silveira
Revista *Arcadie* (França)
Nº 146 — maio de 1966

PREFÁCIO

Meus amigos dizem sempre que esta pequena obra, por sua natureza, pode trazer-me aborrecimentos. Não acredito, entretanto, que ela venha prejudicar-me no que eu possuo; ou melhor: não creio que deva apegar-me àquilo que ela possa me tirar: aplausos, decorações, honras, convites para freqüentar os salões em evidência, o que sempre me foi indiferente. Apenas procuro manter viva a estima de alguns raros espíritos que assim eu espero, compreenderão que ao escrever êste livro e ao ousar enfim publicá-lo, tornei-me mais digno dessa amizade. Tal estima, espero não perdê-la, mas, na verdade, prefiro perdê-la a cultivá-la numa mentira, ou em algum mal-entendido.

Nunca procurei agradar ao público; mas me preocupa excessivamente a opinião de algumas pessoas; é uma questão de sentimento e nada pode modificar tal estado de coisas. Aquilo que se julga às vêzes uma certa timidez de pensamento, nada mais é que o receio de contristar essas pessoas; de entristecer sobremodo uma alma que sempre me foi cara dentre tôdas. Quem saberá dizer de quantas hesitações, reticências e evasivas é responsável a simpatia, a ternura? — No que tange a simples demora, não posso considerar isto uma coisa lamentável, pois acredito que os artistas de nosso tempo pecam muitas vêzes pela grande falta de paciência. O que nos serve hoje, ganharia muito se amadurecesse, para ser servido no devido tempo.

Uma idéia que nos ocupa agora, e que nos parece resplandecente, só espera o dia seguinte, para perder o brilho. Eis porque esperei muito tempo para escrever êste livro e para imprimí-lo, depois que o escrevi. Queria

estar certo do que antecipei no Corydon, e me parecia evidente, não teria de ser logo refutado. Felizmente, não; meu pensamento aqui se fortaleceu, e o que censuro agora em meu livro é sua reserva e sua timidez.

Desde quando êle foi escrito, há mais de dez anos, exemplos, argumentos novos, testemunhos, vieram corroborar minhas teorias. Aquilo que pensava antes da guerra, penso com mais convicção no presente.

A indignação que Corydon poderá provocar, não me impedirá de julgar que as coisas que aqui foram tratadas, devem ser ditas. Não creio que tôda elaboração mental deva ser exteriorizada; agora ou a qualquer momento — mas precisamente o que se segue, e que é indispensável que se diga hoje!⁽¹⁾

Alguns amigos, a quem antes havia submetido esta obra, disseram que me ocupo por demais de assuntos de História Natural — ainda que, possivelmente, eu não esteja errado ao dar-lhes tanta importância; acrescentaram, porém, que esta matéria poderá fatigar e saturar os leitores. — Pois bem! é justamente o que quero; não escrevo para divertir, e pretendo decepcionar desde o início aqueles que procurarem, neste texto, prazer, arte, requinte

(1) — Alguns livros — especialmente os de Proust — habituaram o público a se esquivar menos, e a ousar, de sangue-frio, julgar o que êle fingia ignorar, ou antes, aquilo que preferia ignorar. Inúmeras pessoas imaginam, de moto próprio, que elas suprimem o que elas ignoram... Não obstante, êstes livros, do mesmo modo, muito contribuíram, assim creio, para desviar o julgamento. A teoria do homem-mulher, dos «Sexuelle Swischenstufen» (graus intermediários da sexualidade) que o Dr. Hirschfeld da Alemanha trazia a lume, já bastante tempo antes da guerra, e na qual Marcel Proust parece se enquadrar — pode, por conseguinte, não ser falsa; mas tal teoria só explica e aborda casos de homossexualidade, êstes precisamente dos quais não me ocupo neste livro — os casos de inversão, do efeminado, de sodomia. E observo agora que um dos grandes defeitos de meu livro é precisamente não me ocupar em absoluto dêles — que são revelados com muito mais freqüência do que podia imaginar antes.

Admitamos que a êstes, a teoria de Hirschfeld lhes convenha. Essa teoria do «terceiro sexo» não poderia de modo algum explicar o que se tem por hábito chamar «o amor grego»: a pederastia — que de modo algum comporta efeminação, nem de uma parte nem de outra.

ou qualquer matiz, senão o da expressão única de um pensamento.

Ainda isso:

Não creio de forma alguma que a última palavra da sabedoria seja o entregar-se à natureza, e libertar totalmente os instintos; mas acredito que antes de tentar contê-los e domesticá-los, é mais importante saber compreendê-los — porque inúmeras desarmonias que temos de suportar são aparentes e devidas unicamente a erros de interpretação.

PRIMEIRO DIÁLOGO

Em 1900 um escandaloso processo tornou a pôr em foco, ainda uma vez, a irritante questão do uranismo.^(I) Durante oito dias nos salões e nos cafés, não se falou noutra coisa. Entediado de ouvir a êsse respeito vociferar ou teorizar os ignorantes, obstinados e os tolos quis esclarecer meu julgamento, tão sòmente reconhecendo a razão e nunca os sentimentos, o direito de condenar ou de absolver, resolvi entrevistar Corydon.^(II) Êle não protestava de maneira alguma, tinham-me dito, contra certas inclinações depravadas de que o acusavam; resolvi certificar-me e saber o que êle teria a dizer para justificá-las.

Fazia dez anos que não via Corydon. Era êle naquela época um rapaz ardoroso, ao mesmo tempo meigo e orgulhoso, de coração nobre, prestimoso, cujo olhar desde o início convidava à estima. Seus estudos de medicina foram dos mais brilhantes e os primeiros trabalhos suscitaram os aplausos das pessoas de sua classe. Há muito nos unia uma estreita amizade, desde os tempos do liceu, onde fomos condiscípulos. Depois, períodos de viagens nos separaram e logo que voltei a morar em Paris, impediu-me de procurá-lo a deplorável reputação que os seus costumes começavam a lhe granjear.

Ao penetrar em seu apartamento, não tive em absoluto, eu o confesso, a impressão incômoda que temia. Na verdade Corydon não causa o menor mal-estar pela sua maneira de vestir, que é correta, pautando-se por uma certa afetação de austeridade. Meus olhos procuraram

(I) — URANISMO: têrmo dado em medicina, inversão sexual; homossexualidade. (N.T.)

(II) — CORYDON — na mitologia grega, nome de pastor que aparece entre os poetas bucólicos. (N.T.)

em vão, na peça onde êle me introduziu, êsses modos feminis que os entendidos atribuem a tudo aquilo que diz respeito aos invertidos e no que tais pessoas sempre se julgam infalíveis. Todavia, podia-se notar, acima de uma mesa de acaju, uma enorme fotografia: a da formação do homem, segundo Miguel Ângelo, onde se vê, submisso ao dedo criador, a figura de Adão, nu, estendido sôbre o barro formador, dirigir a Deus um olhar deslumbrado de reconhecimento. Corydon deixa-se impregnar de um certo gôsto por obra de arte, por trás da qual êle poderia abrigar-se, caso eu ficasse admirado com a escolha dêsse tema sui-generis. Sôbre a mesa de trabalho, o retrato de um ancião de grandes barbas brancas, que de imediato reconheci tratar-se do americano Walt Whitman, porque sua figura está na capa de uma tradução que o sr. Bazalgette acaba de fazer da obra dêsse poeta. O sr. Bazalgette acaba de publicar também uma biografia de Whitman, denso estudo que me havia chegado ao conhecimento recentemente, e que me serviu de pretexto para começar a conversação.

I

— Concluída a leitura da obra de Bazalgette, aventurei-me, é evidente que êste retrato não tem mais razão de manter-se sôbre sua mesa.

Minha frase era impertinente; Corydon dissimulou, fingindo não compreendê-la; eu insisti.

— O essencial, respondeu êle, é que a obra de Whitman permanece igualmente admirável, seja qual fôr a interpretação, que queira cada um dar a seus costumes...

— Confesse, portanto, que sua admiração por Whitman, diminuiu um pouco desde o momento em que Bazalgette demonstrou que êle não tinha os costumes que você se regozijava de lhe atribuir.

— Seu amigo Bazalgette nada demonstrou; todo seu raciocínio está contido num silogismo, que se pode também retorquir:

A homossexualidade, estabelece êle em princípio, é uma inclinação contra a natureza.

Ora, Whitman encontrava-se em perfeita saúde; era prôpriamente dito, o representante mais perfeito que nos deu a literatura, do homem natural...

— Portanto, Whitman não era pederasta. Eis o que me parece peremptório.

— Mas a obra lá está, onde o sr. Bazalgette por mais que tentasse não conseguiria traduzir por “afeição” ou “amizade” a palavra “love” e “sweet” por “puro”, na ocasião em que o poeta se dirige ao “camarada”... Só ficarão seus trechos apaixonados, sensuais, ternos, palpitan-tes, que no livro são do mesmo teor: desta ordem que você chama “contra a natureza”.

— O que não considero “ordem” em absoluto... Mas vejamos seu silogismo?

— Ei-lo:

Whitman pode ser escolhido como o tipo do homem normal.

Ora, Whitman era pederasta.

— Portanto, a pederastia é uma inclinação normal. Bravo! Só falta provar que Whitman era pederasta. Aos raciocínios sem base lógica, eu prefiro o silogismo de Bazalgette; êle fere menos o senso comum.

— Não se trata de senso comum, é a verdade que importa não contundir. Preparo um artigo sôbre Whitman, que é uma resposta à argumentação de Bazalgette.⁽¹⁾

(1) — O Sr. Bazalgette tem provávelmente direito de optar (e a língua francesa a isso o obriga) tôda vez que o gênero da palavra inglêsa permanece impreciso, e de traduzir, por exemplo «the friend whose embracing awakes me» por «a amiga que... etc.» — ainda que êle engane aqui o leitor e a si próprio. Mas o Sr. Bazalgette não tem o direito de tirar conclusões de um texto, do qual êle mesmo tenha desviado o sentido; e confessa, com desconcertante candura, que a intriga feminina que nos relata, em sua biografia de Whitman é «puramente» imaginária. O intento de conduzir à heterossexualidade seu herói é tão grande que ao traduzir «the heaving sea» — «o mar que se agita», cede ao impulso de acrescentar «como um seio» (p. 278), o que, literariamente torna-se absurdo, e profundamente antiwhitmaniano. Lendo tais palavras nessa tradução, apanho o texto na certeza de encontrar um... engano. Da mesma forma, quando lemos «misturado àquelas que descascam as maçãs, eu reclamo um beijo por cada fruto vermelho que ache» — (p. 93), não é preciso dizer que o feminino é invenção de Bazalgette. Êsses exemplos pululam — e outros existem; afirmo: dêsses a que Bazalgette pessoalmente se autoriza; de tal sorte que é verdadeiramente a êle que parece Whitman se dirigir quando exclama: «Eu não sou o que você supõe» (p. 97). Quanto às deformações de ordem literária, são copiosas e graves, ao ponto de desfigurarem extraordinariamente a poesia de Whitman. Conheço poucas traduções que neguem melhor o seu autor... mas isso nos levaria muito longe, e para um outro domínio.

- Esses temas de costumes o ocupam muito?
- Razoavelmente, devo confessar; preparo também um trabalho de regular importância sobre esse assunto.
- Os trabalhos dos srs. Moll, Kraff-Ebing, Raffalovich etc. não lhes são por conseguinte suficientes!
- Eles não conseguiram satisfazer-me; gostaria de falar em tal assunto de modo diferente.
- Sempre pensei que nos sentimos bem ao falarmos o menos possível dessas coisas e que elas vêm com frequência à baila, porque sempre há uma pessoa inábil que as divulga. Além do mais, como é desairoso citá-las, não faltam uns perniciosos tratantes que tomam como exemplo precisamente aquilo que se pretendia condenar.
- Eu não pretendo condenar.
- Há rumores de que você toma atitude de tolerante.
- Você não me compreende em absoluto. Sinto que é necessário dizer-lhe o título de meu trabalho.
- Prossiga.
- O que escrevo é uma *Defesa da Pederastia*.
- Por que não *Elogio*, já que você está empenhado nisso?
- Este título modificaria minha idéia; desde já temo que a palavra *Defesa*, para alguns enfeixe um quê de provocação.
- E vai ousar publicar tal coisa?
- Não; não ousarei, disse êle em tom mais grave.
- Decididamente, vocês são todos iguais, redargui depois de um curto silêncio; vocês bazofiam em recinto fechado e entre gente do mesmo naipe; mas na rua, diante do público a coragem se lhe evapora. Têm perfeitamente em si, a consciência da legitimidade da reprovação que os arrasa; em voz baixa, protestam de maneira eloqüente; em voz alta, porém, recuam.
- Não há dúvidas que a causa precisa de mártires.
- Não use, portanto, termos extravagantes.
- Uso os termos que forem necessários. Nós tivemos Wilde, Krupp, Macdonald, Eulenburg...
- Se isto não lhe fôr suficiente.
- Oh! vítimas, vítimas, tantas quantas se queiram! Mártires, nenhum! Todos negaram; todos negarão.

— Ah! Evidente, diante da opinião pública, de jornais ou dos tribunais, todos se envergonham e se retratam.

— Perdem-se, coitados! De fato você tem razão: é dar ganho de causa ao julgamento do público e não demonstrar sua inocência, no que concerne à reprovação de sua vida. Estranho! Tem-se a coragem das opiniões, mas a coragem dos costumes, nunca. Aceita-se em princípio o sorriso, mas não a desonra.

— Você não será como êle, ao recuar na publicação do seu trabalho?

Ele hesitou alguns instantes, em seguida:

— Espicaçado diante dos tribunais por um Queensberry⁽¹⁾ ou Harden⁽²⁾, você antevê então qual seria sua atitude.

— Infelizmente, sim! É possível que da mesma forma que aquêles que me precederam, eu perderia o controle e negaria. Nunca se está tão só na vida, que a lama que alguém nos joga, não respingue por sua vez nas pessoas que nos são caras. O escândalo consternaria minha mãe; fato que não poderia a mim próprio perdoar. A jovem irmã que tenho, vive com ela e ainda não casou. Sinto que seria uma hipótese remota encontrar alguém que me aceitasse para cunhado.

— Ah! Pois então! compreendo-o perfeitamente; você confessa portanto que êsses costumes desonram até mesmo aquêle que apenas os tolera.

— Não se trata de uma confissão; é antes uma constatação. És aí porque procuro mártires para a causa.

— Entende pela palavra...?

— Alguém que se antepusesse ao ataque; que, sem charlatanice nem bravatas, suportasse a reprovação, o insulto; ou melhor, que fôsse de valor, de probidade e de

(1) — Marquês de Queensberry, pai de Lord Alfred Douglas, a quem Oscar Wilde moveu processo de difamação, e que teve epílogo desastroso para o escritor. (N.T.)

(2) — Izidoro Witkowski Harden, conhecido por Maximiliano; jornalista alemão, nascido em Berlim (1861-1927). Fundou um jornal chamado Zukunft, onde atacou violentamente Guilherme II da Alemanha e para atingi-lo mais visceralmente suscitou contra um de seus familiares, o príncipe Philippe d'Eulenburg, um rumoroso escândalo sobre o comportamento moral dêsse aristocrata. (N.T.)

lealdade insofismável, diante do que qualquer reprovação hesitaria de início em...

— Precisamente, um homem dêsse quilate não será encontrado.

— Deixe-me desejar o contrário.

— Vejamos então! Aqui entre nós, crê então que êle seja útil? Que mudança de opinião, espera você? Reconheço que vocês se sentem um tanto contrafeitos. Se estivessem um pouco mais além, seria um bom avanço, creiam-me; êsses abomináveis costumes deixariam naturalmente de existir, e para não mais tornarem a se reproduzir.

(Percebi que êle dava de ombros; o que não me impediu de insistir):

— Acha então que não são poucas as ignomínias que se exibem em plena luz do dia? Estou convencido de que os homossexuais gozam, daqui ou dali, de certas facilidades. Que se contentem das que ainda mantêm em segredo, do assentimento dos seus iguais; não se amofine em absoluto por causa dêles no que diz respeito à aprovação, nem mesmo à indulgência das pessoas de bem.

— Mas é justamente da estima dêles que não me posso privar.

— Que fazer? Mude seus costumes.

— Acontece que não os posso modificar. Eis aí o dilema, do qual Krupp, Macdonald e tantos outros não acharam solução melhor que o suicídio.

— Felizmente você é menos trágico.

— Não vou afirmar o contrário; não obstante tenho o propósito de escrever meu livro.

— Confesse que há uma parcela de amor-próprio em causa.

— Nem um pouco.

— Você cultiva seus requintes, e para não se sentir envergonhado, se compraz de não se considerar igual aos demais.

Deu novamente de ombros e andou pela sala sem nada dizer; depois, parecendo controlar enfim a impaciência que meus últimos argumentos lhe causavam:

II

— Não faz muito tempo, você era meu amigo, disse Corydon, assentando-se outra vez perto de mim. Lembrome de que sabíamos nos compreender. No momento presente, será que é indispensável você envolver cada frase que diga, com sua ironia? Não pretendo que me aplauda, mas ao menos, que me escute com espírito de justiça, como de igual sentimento me dirijo a você... e como continuarei falando, caso me dê atenção.

— Desculpe, disse-lhe, constrangido pelo tom de suas palavras. É verdade que estou em condições desiguais em relação a você. Sim, nós éramos bastante íntimos no tempo em que sua conduta nada demonstrava de suas preferências.

— Pois deixou de me ver; ou melhor: em seguida, você rompeu comigo.

— Não suscitemos explicações a respeito de tal fato, mas falemos como fazíamos apenas há uns tempos, retorqui ao lhe estender a mão. Disponho de tempo para ouvi-lo. Quando nos freqüentávamos, você era ainda estudante. Naquela época, tinha então uma visão formada de você próprio? Fale! É confissão que espero de você.

Ele começou, deitando em mim um olhar que significava o renascer da confiança:

No decurso dos anos que passei como interno nos hospitais, a consciência que adquiri de minha... anomalia me envolveu em uma inquietude insuportável. É absurdo sustentar, como ainda fazem alguns, que não se chega à pederastia por outro caminho senão o da libertinagem, e que ao atingí-lo tem-se o gôsto macerado do vício. Além disso, não podia me aceitar igual a um degenerado, nem na classe dos doentes. Gostando do trabalho, muito casto, me acompanhava a idéia fixa de desposar, ao completar os anos de estágio no hospital, uma jovem, que depois morreu, e que amava naquela época mais do que tudo no mundo.

Amava-a demais para que pudesse perceber nitidamente que não a desejava. Sei perfeitamente que certas pessoas admitem com relutância que uma coisa possa se desligar da outra; de minha parte, ignorava-o por completo. Entretanto, nenhuma outra mulher ocupava, em

hipótese alguma, meus sonhos, nem despertava em mim qualquer desejo. Ainda menos me perturbavam as jovens atrás das quais via quase todos meus camaradas correrem. Mas como então quase não desconfiava que pudesse desejar outros seres, nem tão pouco que outros seres pudessem ser autenticamente desejados; persuadia-me o mérito de minha abstinência e me exaltava a idéia de chegar virgem ao casamento, e me glorificava por uma pureza que não podia julgar enganadora. A compreensão dos fatos chegou lentamente; tive que compenetrar-me enfim de que essas tentações que levavam à jactância, às quais me gabava de resistir, não tinham para mim o mínimo atrativo.

O que tomara por virtude não era outra coisa senão a indiferença. Eis o que um jovem espírito, de sentimentos elevados, não saberia reconhecer sem um dissabor horrível. Sòmente o trabalho vencia minha tristeza; ela descoloria, ensombrecia minha vida; de imediato percebi que não era destinado para o casamento, e não podendo deixar transparecer à minha noiva a causa dessa tristeza, o comportamento que tive de manter ao seu lado, tornou-se cada vez mais embaraçoso e difícil. Contudo, algumas experiências que realizei em bordéis vieram provar minha virilidade; mas, ao mesmo tempo, acabaram de convencer-me.

— Convencer de quê?

— Meu caso parecia dos mais estranhos (podia então imaginar que êle fòsse freqüente?). Acreditava-me capaz de voluptuosidades; mas achava-me incapaz de desejo, para lhe dizer a verdade.

Nascido de pais sadios, era de compleição sólida, e saudável; esta aparência não transfundia minha miséria; nenhum de meus amigos desconfiava; porque preferia ser sacrificado, a ter que revelar alguma coisa a alguém. Mas esta comédia grotesca e de desenvoltura, que para afastar tôda suspeita, me via forçado a levar avante, tornou-se intolerável. Assim que me encontrava só, entregava-me ao desânimo.

A gravidade, o acento convicto de sua voz reforçava meu interêsse.

— Quanta imaginação em tudo isso! disse-lhe de maneira conciliadora. Simplesmente você se encontravaapai-

xonado; e portanto, cheio de temores. Logo depois do casamento o desejo, inteiramente normal, seria seguido do amor.

— Isto se diz, eu sei... Como tinha razão de tornar-me cético!

— Você parece no momento pouco inclinado à hipochondria. De que modo curou êsse mal?

— Nesse tempo lia muito. No curso dessas leituras, deparei com uma frase que me serviu de advertência salutar. Ela é do abade Galiani: "O importante, escrevia êle à Madame d'Epinaÿ, — o importante, não é curar-se, mas antes, viver com seus males."

— Por que você não diz esta frase aos seus clientes?

— Digo para aquêles que não se podem curar. Estas palavras lhe parecem sem dúvida bastante simples; pois delas tirei minha filosofia. Faltava apenas o conhecimento de que não era um caso de aberração, um caso único, para reconquistar minha segurança e escapar à própria aversão.

— Você me contou, de modo satisfatório, a sua descoberta da indiferença pelas mulheres, mas em absoluto de que forma se revelou sua predileção...

— Trata-se de uma história dolorosa e que não me agrada contar. Por conseguinte, creio que você me compreendeu bem, e estou convencido de que minha história servirá de base para que não fale de modo leviano dessas coisas.

Deixei-o convencido senão da simpatia, pelos menos de uma atenção diferente.

— Você tem conhecimento de que estava noivo, recomendou êle; amava, portanto, ternamente, aquela que deveria tornar-se minha espôsa, com um amor quase místico e, em face à minha inexperiência, imaginava que fôsse apenas uma outra bela maneira de amar. Minha noiva tinha um irmão, mais jovem do que ela alguns anos, o qual via amiúde e que se tinha tomado por mim de uma afeição das mais ardorosas.

— Ah! ah! exclamei involuntariamente.

Corydon me olhou de modo severo.

— Não; nada se consumou de impuro entre nós; sua irmã era minha noiva.

— Perdoe-me.

— No entanto, tente compreender o embaraço, e também a confusão quando, em certa ocasião de confidências, fui obrigado a reconhecer que êsse rapaz, não somente queria minha amizade, ao mesmo tempo que também solicitava minhas carícias.

— Sua ternura, quer você dizer. Pois então, é igual ao caso de muitas crianças! Compete a nós, os mais velhos, estar atentos.

— Eu estive atento a tudo mais, juro. Mas Alexis não era mais uma criança; era um adolescente gracioso e de consciência; as confissões que êle me fêz, entrementes, me desconsertaram, tanto mais que, em tudo que êle me revelava, que êle observava em si próprio de maneira precoce, era de uma perspicácia singular. Parecia que se tratava de minha própria confissão. Nada portanto justificava, quem sabe, a severidade que pus em prática.

— Severidade?

— Sim; tinha mêdo por dois. Falei com êle severamente, quase de modo ríspido, e, o que é mais lamentável, com desprezo exagerado pelo que designava efeminamento, o que era a expressão simples de sua ternura.

— Trata-se portanto de exprimir sensíveis diferenças neste caso.

— Expressei tão mal essas diferenças que o pobre menino — sim, era um menino ainda, — tomou em consideração trágica minha repreensão. Durante três dias, procurou desfazer-se em gentilezas, para vencer aquilo que supunha minha irritação; enquanto eu, entretanto, exagerava na frente dêle aquela indiferença, se bem que...

— Acabe.

— Então! Você não sabe que Alexis B. se suicidou?

— Oh! Não imagino coisa nenhuma. Falou-se primeiro de um acidente. Nós nos encontrávamos fora da cidade naquela época: o corpo foi descoberto ao sopé de uma rocha... Acidente? Quanta coisa passou-me pela cabeça. Aqui está a carta que encontrei na cabeceira da cama.

Êle abriu uma gaveta, apanhou um papel com a mão trêmula, lançou um olhar, e continuou:

— Não; em hipótese alguma lerei essa carta para você; poderia fazer um juízo errôneo dessa criança. Dizia-me, em resumo, e com que expressão apaixonada, o desgosto que tinha causado minha última entrevista... prin-

principalmente certas frases. Para te salvar dessa inquietação física, pus-me a exclamar num tom hipòcritamente indignado, contra os pendores que me confessava, que mantinha o compromisso de um grande amor — Oh! desventura! êle revelava para mim êsse amor — “é para ti que êle anseia, meu amigo. Tu não soubeste compreendê-lo, ou o que é bem pior, tu me compreendeste e me desprezaste; sinto que me torno a teus olhos um objeto de repulsa, ao mesmo tempo que para mim experimento a mesma repulsa. Só não posso em nada mudar minha abjeta natureza, posso ao menos suprimí-la...” Quatro páginas elaboradas de um patético um tanto pomposo dessa idade, e que nós chamamos com tanta facilidade mais tarde de: declamação.

Sentia-me nitidamente espicaçado por essa narração...

— É evidente, respondi por fim, que a declaração dessa singular afeição se dirigia a você em particular; é, sem dúvida, uma fatalidade destruidora; compreendo que êsses acontecimentos o tenham afetado.

— A tal ponto que renunciei imediatamente àquela idéia de casamento com a irmã de meu amigo.

— Não obstante, prossegui para terminar meu pensamento, convenço-me, de bom grado, de que o sucedido a cada um é dado na medida justa do que êle merece. Confesse que êsse adolescente não tivesse pressentido em você algum possível eco à sua paixão culposa, essa paixão...

— Talvez algum obscuro instinto êle pôde com efeito pressentir, mas, nesse caso, é por demais aborrecido que êsse instinto não tenha a mim próprio servido de advertência.

— Advertido, que teria feito você?

— Acredito que teria curado esta criança.

— Você dizia, há pouco, que não se cura isso; citava a palavra do abade: “o importante não é curar...”

— Oh! deixe disso! Poderia tê-lo curado, como a mim mesmo curei.

— Quer dizer?

— Persuadindo-o de que êle não era doente.

— Diga, antes de tudo que a perversão de seu instinto era natural.

— Persuadindo-o de que o desvio de seu instinto nada possuía de antinatural.

— E, se tudo tivesse de recomeçar, você teria cedido, naturalmente.

— Oh! isso é uma outra questão. Quando o problema fisiológico está resolvido, o moral começa. Provavelmente, por causa de sua irmã, com quem estava comprometido, o teria exortado a refrear essa paixão, como também de minha parte procuraria fazer o mesmo; mas ao menos essa paixão perderia o caráter monstruoso que tinha tomado diante de seus olhos. — Este drama acabou de abrir os olhos a mim próprio, revelando-me o tipo de afeição que nutria por esta criança; este drama, sobre o qual longamente meditei, me orientou para... a especialidade que lhe parece tão desprezível; em lembrança dessa vítima, desejei curar outras vítimas, que sofressem do mesmo mal-entendido: curá-los à maneira de como já discorri.

III

Creio que você compreende então porque desejo escrever este livro. Os únicos trabalhos judiciosos que conheço nesta matéria são obras elaboradas por alguns médicos. Sente-se, entretanto, desde as primeiras linhas um intolerável odor de hospital.

— Não é então como médico, que você pretende falar?

— Como médico, ou naturalista, ou moralista, ou sociólogo, ou historiador, ou...

— Não o imaginava capaz de tudo isso.

— Quero dizer que pretendo, nunca falar como especialista, mas simplesmente como homem. Os médicos que em geral tratam dessa matéria, se vêm às voltas com uranistas vexaminosos; outros com casos de causar lástima, e de sentido deplorável; ainda outros com invertidos ou doentes. Apenas esses são os que procuram o médico. Nessa qualidade, são os clientes, portanto, que devo cuidar, mas na qualidade de homem, encontro outros, que não são fracos, nem langorosos — e é sobre tais tipos, que pretendo lançar meus estudos.

— Ah! sim, sobre os pederastas normais!

— Você o disse. Tente compreender-me: a homossexualidade, como a heterossexualidade traz em si todos os

graus e as mais diversas nuances: do platonismo à luxúria; da abnegação ao sadismo; da alegria saudável à melancolia; da simples expansão a uma infinidade de requintes do vício. A inversão é apenas uma variante. Ainda mais que todos os casos intermediários gravitam entre a exclusiva homossexualidade e a heterossexualidade exclusiva. Apenas, na maioria das vezes, trata-se simplesmente da oposição de um amor normal a um amor rotulado de contranatureza — e, para maior comodidade, põe-se tôda a alegria, todo o sentimento nobre ou trágico, tôda a beleza do gesto e do espírito de um lado; enquanto que de outro, não sei que refugio sórdido do amor...

— Não se arrebate. O safismo goza entre nós de inegáveis favores.

Corydon estava por demais concentrado em suas idéias para ouvir minha observação, e continuando:

— No que fôsse de grotesco, a cada nôvo processo de costumes, sempre o conveniente espanto dos jornais diante da atitude viril dos acusados. Evidentemente a opinião pública esperava vê-los de saias. Veja: quando do processo Harden, cortei de um jornal êste trecho:

Procurou entre vários papéis e me estendeu uma fôlha onde li estas linhas sublinhadas:

“O conde de Hohnau, de estatura considerável em sua sobrecasaca, semblante altivo e cavalheiresco, não dá em absoluto o aspecto de um homem efeminado. É do tipo perfeito do oficial da Guarda, com grande amor pela profissão. Entretanto, sôbre êste homem de aparência nobre e marcial, recaem as mais graves suspeitas. O conde de Lynar é também de estatura imponente... etc.”

— Da mesma maneira, exclamou Corydon, Macdonald, Eulenburg demonstraram aos olhos, mesmo dos mais severos, serem pessoas inteligentes, belas, nobres...

— Em suma, agradáveis em todos os pontos.

Ele permaneceu em silêncio por alguns instantes, e percebi um sinal de desdém se fixar em seu olhar; mas, recobrando o natural, continuou como se não tivesse compreendido meu dito impertinente.

— Pode-se ter o direito de esperar algo de beleza do objeto usado, nunca porém do ser que deseja. Pouco me importa a beleza dessas criaturas. Se eu insistia sôbre o aspecto físico, é que me apraz que êles se apresen-

tem bem vistosos e viris. E não pretendo que todos os uranistas se enquadrem num tipo padronizado; a homossexualidade, do mesmo modo que a heterossexualidade, tem degenerados viciados e doentes. Na profissão de médico, tenho reabilitado, como o fizeram vários colegas, inúmeros casos dolorosos, consternadores ou de causar dúvidas; com êles, ilustrarei o espírito de meus leitores; ainda uma vez meu livro se ocupará do uranismo sadio, ou como você dizia há pouco: da pederastia normal.

— Então não percebeu que empregava estas palavras por brincadeira? Você ficaria muito feliz se concordasse com essa primeira exposição.

— Nunca solicitaria de você tal coisa por complacência. Prefiro que compreenda os fatos, mesmo que se sinta constrangido.

— Agora é você quem quer rir.

— Eu não rio. Estou convencido de que decorridos vinte anos, os termos: contranatureza, antinatural etc., não poderão mais ser tomados a sério. Apenas uma coisa no mundo admito como não sendo natural: é a obra de arte. Tudo o mais, quer por bem, quer por mal, fazem parte da natureza, e desde que não nos coloquemos na posição de moralistas, é como naturalistas que convém considerá-la.

— Êsses termos que você censura, são êles ao menos propícios a fortalecer nossos bons costumes? Onde iremos parar, quando vocês os tiverem suprimido?

— Nós não seremos mais desmoralizados; e contenho-me sobremodo para não dizer: ao contrário... Vocês nos constrangem, senhores heterossexuais; é comum ouvir falar alguns dentre vocês, que basta que as relações sejam entre sexos diferentes, para serem lícitas; para serem "normais", ao menos.

— Basta que elas possam ser. Os homossexuais são indubitavelmente depravados.

— Imagina você que a renúncia, que o domínio de si próprio, a castidade, sejam fatos desconhecidos entre êles?

— Por sorte, as leis e o respeito humano os contêm, por vêzes.

— Ao passo que vocês se comprazem, que as leis e os costumes os contenham tão pouco.

— Ora, vocês me fazem perder a paciência! O casamento, o verdadeiro casamento aí está, e não para satisfazê-lo, quero acreditar. Sinto-me diante de você com o humor dêesses moralistas, que fora do casamento, não vêm nos prazeres da carne senão o pecado, e reprovam qualquer relação que não seja sacramentada.

— Oh! Eu lhe concederei primazia neste assunto; e ainda que você me force, saberei me mostrar mais intransigente do que êles. Ao passar por inúmeras alcovas conjugais, aonde, no exercício da medicina, fui chamado, asseguro-lhe que deparei com cenas pouco edificantes, e não me arriscaria a dizer, de bom grado, que as maiores sutilezas em perversão, se assim você o preferir, devidas à prática do amor, fôssem sempre realizadas no aconchêgo das cortesãs, e não entre certos casais “honestos”.

— Você é revoltante.

— Mas se a alcova é conjugal, o vício é logo desculpado.

— Entre marido e mulher, êles podem fazer o que entenderem, isto lhes é permitido. Além disso, é matéria que não lhe diz respeito.

— “Permitido”, sim, prefiro esta palavra, a de “normal”.

— Tinham-me avisado que entre os de seu clã, o sentido moral estava extraordinariamente deturpado. E a que ponto! deixa-me admirado. Vocês parecem ter completamente perdido a noção do ato natural da fecundação, que o casamento santifica e pelo qual o grande mistério da vida se perpetua.

— E que passado o ardor do amor, êle se emancipa ou se desespera; não significa outra coisa senão uma simples fantasia, um jôgo. Não! de forma alguma perco a sua noção; e é sôbre sua finalidade que pretendo fundamentar minha moral. Fora do amor, unicamente permanece a certeza do prazer. Mas reflita que o ato da procriação é espaçado e que um, de dez em dez meses, é suficiente.

— É pouco.

— Pouquíssimo, porque a natureza determina muito mais dispêndio; e... ouso apenas concluir...

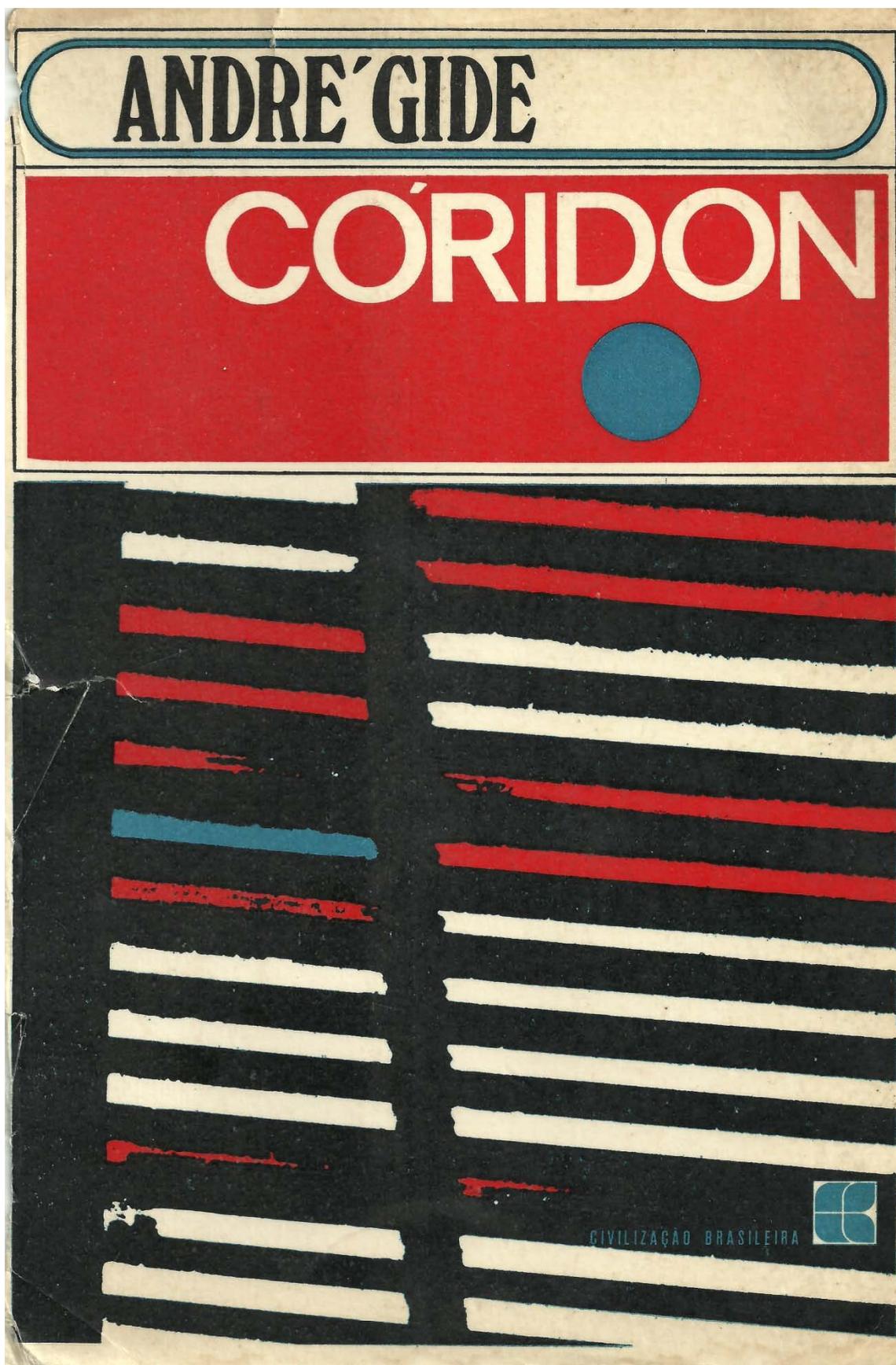
— Prossiga então! Você já disse tantas coisas.

— Pois bem, aí está: pretendo, que longe de ser o único “natural”, o ato da procriação contido na natureza, é dentre a mais desconcertante profusão, um fenômeno casual, na maioria das vezes.

— Isto é inacreditável; você precisa explicar melhor!

— Com prazer; mas aqui entramos no campo da História Natural; é por ela que meu livro se inicia e que abordo a matéria de que tratamos. Se tiver um pouco de paciência, discorrerei sobre o assunto. Volte amanhã. Até lá terei tempo de pôr em ordem os meus apontamentos.

ANEXO II



CÓRIDON

Coleção
BIBLIOTECA DO LEITOR MODERNO
Volume 138

André Gide

JOÃO FERREIS

CÓRIDON

Tradução de
HAMÍLCAR DE GARCIA

SEPTEMBER 77



civilização
brasileira

Traduzido do original francês:
CORYDON
© Éditions Gallimard 1925, Paris, France.

Desenho de capa:
DOUNÊ

Diagramação:
LÉA CAULLIRAUX

Direitos universais para a língua portuguesa
adquiridos pela
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua da Lapa, 120 – 12.º andar
RIO DE JANEIRO,
que se reserva a propriedade desta tradução.

1 9 7 1

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Sumário

Prefácio	ix
Prefácio à 2. ^a edição	xiii
Primeiro diálogo	1
Segundo diálogo	19
Terceiro diálogo	59
Quarto diálogo	81
Apêndice	103
Resposta de François Porché	111

Prefácio

MEUOS AMIGOS insistem em que este pequeno livro irá causar-me grande dano. Não creio que êle me possa arrebatrar alguma coisa por mim prezada; ou melhor, não acredito ter apêgo a nada do que êle me possa tirar: aplausos, condecorações, honrarias, aceitação nos salões em moda, nunca os procurei. Prezo sòmente a estima de alguns raros espíritos que, espero-o, compreenderão que nunca a mereci tanto senão por ter escrito este livro e ter tido a ousadia de hoje publicá-lo. Essa estima, espero não a perder; mas decerto prefiro perdê-la do que devê-la a uma mentira ou a um equívoco.

Jamais procurei agradar o público; mas dou excessivo aprêço à opinião de alguns homens; é uma questão de sentimento e nada se pode contra isso. O que às vêzes foi tomado por uma certa timidez de pensamento, em geral não

era mais que o receio de contristar essas pessoas; uma delas, em particular, que sempre me foi cara entre tôdas. Quem dirá por quantas omissões, reticências e rodeios é responsável a simpatia, a ternura? — No que se refere a simples atrasos, não os posso ver como lamentáveis, julgando que os artistas da nossa época pecam sempre por uma grande impaciência. O que hoje nos oferecem, em geral teria ganho com o amadurecimento. Determinado pensamento que, ao surgir nos parece deslumbrante, apenas espera o dia seguinte para murchar. Por isso é que esperei tanto para escrever êste livro, e, tendo-o escrito, para publicá-lo. Eu queria estar certo de que aquilo que eu afirmava no *Córidon*, e que me parecia evidente, dentro de pouco tempo não me levasse a desdizer-me. Mas não: até agora o meu pensamento só tem tornado mais firme, e o que hoje censuro no meu livro é a sua reserva e sua timidez. Após mais de dez anos de o ter escrito, exemplos, argumentos novos, testemunhos, vieram corroborar as minhas teorias. O que eu pensava antes da guerra, penso-o hoje com mais firmeza. A indignação que o *Córidon* poderá provocar não me impedirá de acreditar que as coisas que aqui escrevi devem ser levadas a público. Não que eu julgue que tudo o que se pensa deve ser expressado, e não importa quando — mas o que está aqui, será preciso dizer agora!¹

¹ Certos livros — os de Proust em particular — habituaram o público a assustar-se menos e a atrever-se a considerar com franqueza aquilo que antes se fingia ignorar, ou se preferia ignorar. Numerosos são os que imaginam suprimir aquilo que ignoram... Mas êsses livros, ao mesmo tempo, muito contribuíram, receio-o, para desnortear a opinião. A teoria do homem-mulher, dos "Sexuelle Zwischenstufen" (graus intermediários da sexualidade), proposta pelo Dr. Hirshfeld na Alemanha, já bastante tempo antes da guerra, e à qual Marcel Proust parecia filiar-se — pode não ser falsa; mas só explica e apenas se refere a certos casos de homossexualidade, precisamente aquêles de que não me ocupo neste livro — os casos de inversão, de efeminação, de sodomia. E hoje vejo que um dos grandes defeitos do meu livro é não ocupar-me dêles, que se mostram muito mais freqüentes do que eu a princípio julgava.

Admitamos que tais casos sejam elucidados pela teoria de Hirshfeld. Essa teoria do "terceiro sexo" não poderia de modo algum explicar o que se costuma chamar de "amor grego": a pederastia — que não comporta qualquer efeminação, de uma parte ou de outra.

Alguns amigos a quem primeiro dei este livro a ler, acham que nêle me ocupo demasiado com questões de história natural — ainda que, sem dúvida, eu não esteja errado em lhes atribuir tanta importância; mas, dizem elles, essas questões fatigarão e chocarão os leitores. — Deus do céu! É exactamente o que espero; não escrevo para divertir e pretendo decepcionar desde as primeiras linhas os que aqui venham procurar prazer, arte, espírito ou seja o que fôr além da expressão mais simples de um pensamento muito sério.

Ainda mais:

Não acredito de modo algum que a essência da sabedoria seja abandonar-se à natureza, e dar livre curso aos instintos; mas creio que, antes de procurar reduzi-los e domesticá-los, o que importa é compreendê-los — porque inúmeras desarmonias que somos compelidos a sofrer são apenas aparentes e devidas a erros de interpretação.

Novembro 1922

Prefácio à Segunda Edição

(1920)

APÓS OITO ANOS de espera, decido-me a reimprimir este livro. Ele apareceu em 1911, numa tiragem de doze exemplares, os quais foram jogados numa gaveta — de onde ainda não saíram.

O *Córidon* compreendia então os dois primeiros diálogos, e o primeiro têrço do terceiro. O resto do livro estava apenas esboçado. Amigos me dissuadiam de concluí-lo. “Os amigos, diz Ibsen, são perigosos não tanto pelo que nos levam a fazer, mas pelo que nos impedem de fazer.” As considerações que eu expunha nesta obra me pareciam, contudo, das mais importantes, e julgava necessário apresentá-las. Mas, por outra parte, muito me preocupava com o bem público, e estava pronto a ocultar o meu pensamento se julgasse que êle poderia perturbar a boa ordem. Foi exatamente por isso, e não por prudência pessoal, que encerrei o *Córidon* numa gaveta e nela

o sufoquei por tanto tempo. Mas nestes últimos meses me convenci de que o livro, por subversivo que parecesse, afinal de contas só combatia a mentira, e que, ao contrário, nada é mais nocivo para o indivíduo e para a sociedade do que a mentira acreditada.

O que digo aqui, pensava eu, no fim de contas não faz com que tudo isso exista. Isso é. Procuro explicar aquilo que é. E como, de ordinário, não se quer admitir que *isso seja*, examino, procuro examinar, se é na realidade tão deplorável que o digamos — que isso seja.

Primeiro Diálogo

N^O ANO 190... um processo escandaloso reabriu uma vez mais a inflamada questão do uranismo. Nos salões e nos cafés, durante oito dias, não se falou de outra coisa. Cansado de ouvir os ignorantes, os teimosos e os tolos lançarem ao acaso exclamações ou teorias sôbre êsse assunto, eu desejava esclarecer o meu julgamento e, dando sòmente à razão, não ao sentimento isolado, o direito de condenar ou de absolver, resolvi entrevistar Córídon. Êle não protestava, disseram-me, contra certas tendências desnaturadas de que era acusado; desejei tirar tudo a limpo e saber o que tinha a dizer para desculpá-las.

Havia dez anos que eu não revia Córídon. Era então um rapaz cheio de entusiasmo, a um tempo delicado e altivo, generoso, atencioso, cujo olhar já forçava à estima. Seus estudos de medicina tinham sido dos mais brilhantes e seus

primeiros trabalhos lhe valeram o aplauso dos profissionais. Ao sair do ginásio, onde tínhamos sido condiscípulos, já de muito que uma estreita amizade nos ligava. Depois os anos de viagem nos separaram, e quando voltei a instalar-me em Paris, a deplorável reputação que os seus costumes começavam a dar-lhe me impediu de frequentá-lo.

Ao entrar no seu apartamento, não tive, confesso, a penosa impressão que receava. É verdade que Córídon não a causa por sua aparência, que permanece correta, até com certa afetação de austeridade. Meus olhos procuravam em vão, na sala em que êle me introduziu, êsses sinais de efeminação que os especialistas encontram em tudo quanto concerne aos invertidos, e com os quais pretendem nunca se terem enganado. Contudo, podia-se observar sôbre a sua escrivaninha de mogno uma grande fotografia de um quadro de Miguel Ângelo: o da formação do homem — onde se vê, obediente ao dedo criador, a criatura Adão, nua, estendida sôbre o barro plástico, voltar para Deus o seu olhar deslumbrado de reconhecimento. Córídon professa um certo gôsto pela obra de arte, por trás da qual êle se teria podido abrigar, se eu chegasse a admirar-me da escolha daquele tema especial. Sôbre a mesa de trabalho, o retrato de um velho de longas barbas brancas, que logo reconheci ser o do americano Walt Whitman, porque figura no frontispício de uma tradução que M. Bazalgette acaba de oferecer de sua obra. M. Bazalgette vem também de publicar uma biografia dêsse poeta, volumoso estudo do qual eu tinha há pouco tomado conhecimento, e que me serviu de pretexto para iniciar a conversação.

I

— Após a leitura do livro de Bazalgette, comecei, parece que êsse retrato não tem grande razão de figurar na sua mesa.

A minha frase era impertinente; Córídon fingiu não compreendê-la; eu insisti.

— Em primeiro lugar, respondeu êle, a obra de Whitman continua sendo admirável, seja qual fôr a interpretação que cada um se compraza em dar aos seus costumes...

— Confesse, no entanto, que a sua admiração por Whitman diminuiu um pouco depois que M. Bazalgette demonstrou que êle não tinha os costumes que você se sentia feliz em atribuir-lhe.

— Seu amigo Bazalgette não demonstrou coisa alguma; todo o raciocínio dêle parte de um silogismo ao qual se pode muito bem retorquir:

A homossexualidade, diz êle em princípio, é uma tendência contra a natureza.

— Ora, Whitman tinha uma saúde perfeita; era, na verdade, o representante mais perfeito que a literatura já nos ofereceu do homem natural.

— Logo Whitman não era pederasta. Eis o que a mim me parece peremptório.

— Mas a obra está aí, por mais que M. Bazalgette tenha traduzido por “afeição” ou “amizade” a palavra *love e sweet* por “puro”, quando o poeta se dirige ao “camarada”... Nem por isso tôdas as peças apaixonadas, sensuais, ternas e frementes deixam de ser da mesma ordem: dessa ordem que você chama de “contra a natureza”.

— Que eu não chamo sequer de “ordem”... Mas vejamos o seu silogismo.

— É o seguinte:

Whitman pode ser considerado o tipo do homem normal.

— Ora Whitman era pederasta.

— Logo a pederastia é uma tendência natural. Pois bem! Resta apenas provar que Whitman era pederasta. Se o caso é petição de princípio, prefiro o silogismo de Bazalgette; fere menos o senso comum.

— Não é o senso comum, é a verdade que importa não ferir. Estou escrevendo um artigo sobre Whitman, uma resposta à argumentação de Bazalgette¹.

— Essas questões de costumes ocupam-no muito?

— De certo modo, confesso-o. Também preparo um trabalho de relativa importância sobre o assunto.

— Então os trabalhos de Moll, Krafft-Ebing, Raffalovich, etc. não lhe bastam!

— Não puderam satisfazer-me, e eu gostaria de falar desse assunto de um modo diferente.

— Sempre pensei que procurássemos falar o mínimo possível dessas coisas, e que às vezes elas só existem porque um autor inábil as divulga. Além de serem deselegantes de dizer, pois não faltarão velhacos para tomar como exemplo precisamente aquilo que se pretendia censurar.

— Não pretendo censurar.

— Dizem por aí que você se apresenta como tolerante.

— Estou vendo que não me entende. E que seria preciso dizer-lhe o título de minha obra.

¹ Bazalgette, sem dúvida, tem o direito de optar (e a língua francesa o obriga a isso) cada vez que o *gênero* do vocábulo inglês permanece indeciso, e traduzir, por exemplo "the friend whose embracing awakes me" por "*a amiga* que... etc." — ainda que assim abuse do leitor e de si mesmo. Mas ele não tem o direito de tirar conclusões de um texto, depois de o ter torcido. Ele confessa, com enternecedora candura, que a intriga feminina que nos conta na biografia de Whitman é "puramente" imaginária. Seu desejo de levar para a heterossexualidade o seu herói é tal que, quando traduz "the heaving sea" — "o mar que se eleva", sente a necessidade de acrescentar "como um seio" (pág. 278), o que, literariamente, é absurdo, e profundamente anti-whitmaniano. Lendo essas palavras na sua tradução, corro ao texto, com a *certeza* de haver um... erro. Assim também quando lemos "junto às que descascam maçãs, reclamo um beijo por cada fruto vermelho que encontro" — (pág. 93) não é preciso dizer que o feminino é da invenção de Bazalgette. Tais exemplos são freqüentes — e como ele há poucos, quero dizer: aqueles que poderiam seguir Bazalgette; de maneira que parece ser de fato a ele que Whitman se dirige quando exclama: "Não sou aquilo que supões" (pág. 97). Quanto às deformações de ordem literária, são abundantes e importantes a ponto de desnaturar estranhamente a poesia de Whitman. Conheço poucas traduções que traíam melhor o seu autor... mas esta nos levaria muito longe, e a um outro domínio.

- Diga-o.
- O que escrevo é uma *Defesa da Pederastia*.
- Por que não *Elogio*, já que está nisso?
- Semelhante título forçaria o meu pensamento. Já receio que na palavra *Defesa* alguns possam ver uma espécie de provocação.
- E ousaria publicá-lo?
- Não. Não ousaria, disse êle num tom mais grave.
- Com efeito, são todos os mesmos, recomecei após um breve silêncio. — Fanfarreiam a portas fechadas e entre os seus pares, mas na rua e diante do público a coragem se evapora. No fundo, sentem perfeitamente a legitimidade da reprovação que lhes pesa; protestam com eloquência em voz baixa; mas cedem em voz alta.
- É verdade que a causa não tem mártires.
- Não empregue palavras grandiosas.
- Emprego as palavras necessárias. Tivemos Wilde, Krupp, Macdonald, Eulenberg...
- Se isso não lhe basta...
- Oh! Vítimas! Tantas vítimas quanto se queira! Mártires, não. Todos negaram; todos negarão.
- Mas, por Deus do céu! Diante da opinião, dos jornais, dos tribunais, cada um se envergonha e se retrata.
- E infelizmente também se mata! Sim, tem razão, é dar ganho de causa à opinião o fato de estabelecer a sua inocência sobre a condenação da sua existência. Estranho! Tem-se a coragem das opiniões; dos costumes, não. Aceita-se de bom grado sofrer; mas não o ser desonrado.
- E não está fazendo como êles, ao recuar diante da publicação do seu livro?
- Hesitou alguns instantes, e depois:
- Talvez eu não recue.
- Acuado diante dos tribunais por um Queensberry ou um Harden, já sabe contudo qual será a sua atitude.
- Ah! Sem dúvida, de um modo bem semelhante aos que me precederam, perderei a cabeça e negarei. Só a vida sabe se a lama que alguns nos atiram não conspurca outros que nos são caros. O escândalo acabrunharia minha

mãe; eu nunca me perdoaria. Minha irmã mais moça vive com ela e ainda não casou. Talvez fôsse difícil encontrar alguém que me aceitasse como cunhado.

— Claro! Compreendo-o muito bem. Está confessando que êsses costumes desonram até os que apenas os toleram.

— Não é uma confissão; é uma constatação. Por isso é que desejo mártires para essa causa.

— Refere-se com essa palavra a...

— ... alguém que se adiantasse ao ataque; que, sem bravatas, suportasse a reprovação, o insulto; ou melhor, cujo valor, probidade, inteireza fôssem tão reconhecidos que a reprovação hesitasse primeiro...

— Precisamente êsse homem é que não será encontrado.

— Deixe-me desejar que o seja.

— Vejamos! Cá entre nós, acredita que êle possa ser muito útil? Qual a mudança de opinião que esperam? Concorde que se sentem um tanto coibidos. Mas se sentissem um pouco mais, seria muito melhor, acredite-me; êsses costumes abomináveis simplesmente deixariam de existir, e jamais tornariam a produzir-se. (Notei que êle dava de ombros; o que não me impediu de insistir): Julga que demasiadas torpezas já não se manifestam à luz do dia? Estou cansado de dizer que os homossexuais encontram aqui e ali numerosas facilidades. Que se contentem com as que se escondem, a complacência dos seus semelhantes; não reivindique para êles a aprovação ou sequer a indulgência das peessoas honestas.

— E apesar de tudo é a estima dessas pessoas que eu não posso dispensar.

— Que fazer então? Mude os seus costumes.

— Acontece que não posso mudá-los. Êsse o dilema para o qual Krupp, Macdonald e tantos outros não viram outra solução a não ser um tiro de revólver.

— Felizmente você é menos trágico.

— Não estou certo; mas gostaria de escrever o meu livro.

— Confesse que há um pouco de orgulho no seu caso.

— Absolutamente nenhum.

— Você cultiva a sua extravagância, e, para que ela não o envergonhe ainda mais, felicita-se por não se sentir como os outros.

Ele tornou a encolher os ombros e deu alguns passos pela sala sem dizer nada; depois, parecendo por fim dominar a impaciência que as minhas observações lhe causavam, começou:

II

— Antigamente você era meu amigo, disse êle, tornando a sentar-se perto de mim. Lembro-me que sabíamos compreender-nos. É-lhe indispensável hoje patentear a sua ironia a cada frase que eu digo? Não poderia, está claro que não digo aprovar-me, mas escutar-me de boa fé? Como de boa fé lhe falarei, se sentir que assim me escuta.

— Desculpe-me, disse-lhe eu, desarmado pelo tom das suas palavras. — É verdade que estou afastado de você. Sim, éramos assaz íntimos, no tempo em que a sua conduta nada cedia às suas tendências.

— Depois, deixou de ver-me; digamos melhor: rompeu comigo.

— Não nos expliquemos a êsse respeito; mas falemos como o teríamos feito àquele tempo, atalhei, estendendo-lhe a mão. — Tenho tempo para escutá-lo. Quando nos freqüentávamos, você ainda era estudante. Naquela época, você já tinha se definido? Fale! É uma confissão que espero.

Durante os meus anos como interno nos hospitais, a consciência que adquiri de minha... anomalia mergulhou-me numa inquietação mortal. É absurdo sustentar, como ainda fazem alguns, que só se chega à pederastia pela libertinagem, e que

nisso há o gôsto de um enfarado. Eu não podia me considerar um degenerado, nem um enfêrmo. Trabalhador, muito casto, vivia com a idéia fixa de casar, ao concluir os anos de prática nos hospitais, com uma môça, que depois morreu, e que eu então amava acima de tudo no mundo.

Eu a amava demasiado para saber com clareza que não a desejava. Sei bem que certas pessoas difficilmente admitem que uma coisa possa existir sem a outra; eu próprio o ignorava. Contudo, nenhuma outra mulher jamais ocupava os meus sonhos, nem despertava em mim qualquer desejo. E ainda menos me tentavam as môças atrás das quais eu via os meus camaradas correrem. Mas como, então, eu não supunha que pudesse desejar outros sêres, nem mesmo que outros sêres pudessem ser desejados de uma forma autêntica, eu me persuadia do mérito de minha abstinência, exaltava-me de chegar virgem ao casamento, e me glorificava com uma pureza que não podia julgar enganosa. Foi aos poucos que cheguei a compreender-me; tive enfim que confessar a mim mesmo que aquelas blandícies tão gabadas, às quais eu me desvanecia em resistir, não me ofereciam a menor atração.

O que eu tinha tomado por virtude não passava, portanto, de indiferença. Isso, um jovem de certos princípios não poderia reconhecer sem um terrível dissabor. Só o trabalho conseguia afastar a minha melancolia; ela descoloria, escurecia a minha vida; depressa me convencia de que não servia para o casamento e, nada podendo confessar à minha noiva sôbre as causas da minha tristeza, minha atitude junto a ela se tornou cada vez mais equívoca e embaraçada. Contudo, algumas experiências que eu então quis fazer no bordel mostraram-me, de modo inequívoco, que eu não era impotente; mas ao mesmo tempo, acabaram de convencer-me.

— Convencer de quê?

— Meu caso me parecia dos mais estranhos (como é que eu então poderia suspeitar que êle é freqüente?). Eu me via capaz de volúpia; julgava-me incapaz, falando pròpriamente, de desejo. Nascido de pais muito sãos, eu próprio era sólido e bem construído; meu aspecto não denotava a minha desgraça; nenhum dos meus amigos desconfiava dela; e eu prefe-

ria ser esquarterado a revelar qualquer coisa a alguém. Mas essa comédia de bom humor e disposição, que, para afastar qualquer suspeita, eu me julgava obrigado a representar, se me tornava intolerável. Assim que me via só, deixava-me desmoronar.

A gravidade, o acento convicto da sua voz atraíam o meu interesse.

— Quanta imaginação em tudo isso! Disse-lhe eu com candura. — Você estava simplesmente apaixonado; portanto, nada de temores. Logo após o casamento, o desejo normal se seguiria ao amor.

— Isso se diz, bem o sei... Mas quanta razão eu tinha em ser céptico!

— No momento, você parece pouco inclinado à hipocondria. Como se curou dêsse mal?

— Àquela época eu lia muito. No curso das minhas leituras topei com uma frase que me serviu de advertência salutar. É do Padre Galliani: "O importante, escrevia êle a Mme d'Épinay, o importante não é curar-se, mas viver bem com os seus males."

— Como não o diz aos seus doentes!

— Digo-o aos que não podem ser curados. Essas palavras sem dúvida lhe parecem muito simples; extraí delas uma filosofia. Restava-me apenas saber que eu não era um caso monstruoso, um caso único, para reconquistar a minha segurança, escapar à minha própria aversão.

— Você me disse como reconheceu o seu desinteresse pelas mulheres, mas não como se revelou a sua tendência...

— É uma história assaz penosa e que não gosto de contar. No entanto, creio que você me ouve com consideração, e talvez a minha narração possa ajudá-lo a falar menos superficialmente dessas coisas.

Assegurei-lhe, se não a minha simpatia, pelo menos a minha atenção diferente.

— Você já sabe que eu estava noivo, começou êle; eu amava ternamente aquela que ia ser minha espôsa, mas com um amor quase místico e, como é natural, em minha inexperiên-

cia, mal imaginava que houvesse uma outra bela maneira de amar. Minha noiva tinha um irmão alguns anos mais moço do que ela, que eu encontrava com frequência e que se tomou por mim de uma afeição das mais vivas.

— Ah! ah! exclamei involuntariamente.

Córidon me olhou com ar severo.

— Não: não aconteceu nada de impuro entre nós; a irmã dêle era minha noiva.

— Perdoe-me.

— Mas compreenda a minha perturbação, o meu desconcerto quando, certa noite de confiança, tive de reconhecer que aquêle rapaz não só queria a minha amizade, mas solicitava também o meu carinho.

— A sua ternura, quer dizer. Como tantas crianças, está claro! Compete a nós, os mais velhos, zelarmos por elas.

— E eu zelava, juro-lhe. Mas Alexis não era mais uma criança; era um adolescente cheio de graça e de consciência. E as confidências que êle me fazia mais me desconcertavam porque, em tudo o que me revelava, que êle observava precocemente e com uma perspicácia singular, parecia que eu próprio me revelava. No entanto, nada podia justificar a severidade que eu demonstrava.

— Severidade?

— Sim; eu tinha medo por dois. Falei-lhe com gravidade, quase com aspereza, e, o que é pior, com exagerado desprezo pelo que eu chamava de efeminação, e que era apenas a expressão natural da sua ternura.

— Nesses casos, devemos graduar os matizes.

— Eu o fazia tão pouco que a pobre criança — sim, era ainda uma criança — tomou trágicamente a minha censura. Durante três dias, redobrando de gentileza, esforçou-se por vencer o que julgava ser minha cólera; entretanto, eu exagerava diante dêle a minha frieza, e tão bem que...

— Termine.

— Oh! Você não sabe que Alexis B. se matou?

— Estaria insinuando que...

— Ah! Não insinuo coisa alguma. Falou-se a princípio de um acidente. Nesse tempo estávamos no campo: o corpo foi

encontrado no fundo de uma falésia... Acidente? Não posso crer em tal. Mas veja a carta que encontrei à cabeceira da minha cama.

Abriu uma gaveta, apanhou um papel com as mãos trêmulas, lançou-lhe um olhar, e depois:

— Não; não lhe lerei esta carta; você iria julgar mal essa criança. Em substância, dizia-me nela — e com que expressão apaixonada! — da angústia em que o havia deixado a nossa última conversação... certas frases, em particular: Para te salvar dessa inquietação física, exclamara eu indignando-me hipòcritamente contra os gostos que êle me confessava, conto com um grande amor. — Ah! Me escrevia êle, êsse amor é por ti que o sinto, meu amigo. Tu não me compreendes; ou, o que é pior, compreendeste e me desprezas; vejo que me torno para ti um objeto de horror; e ao mesmo tempo o sou também para mim. Se nada posso alterar na minha natureza monstruosa, posso ao menos suprimi-la... Enfim, quatro páginas no tom patético e um tanto pomposo dessa idade, que nós mais tarde, com facilidade, chamamos: declamação.

Eu me sentia de certo modo perturbado por essa narração.

— É evidente, recomecei por fim, que a declaração de semelhante amor se dirigiu em particular a você, e há nisso uma fatalidade nociva. Compreendo que o caso o tenha impressionado.

— E a tal ponto que renunciei à idéia do casamento com a irmã de meu amigo.

— Mas, continuei, para acabar o meu pensamento, estou convencido de que só sucedem a alguém os acontecimentos que êle faz por merecer. Confesse que se êsse adolescente não tivesse pressentido em você um possível eco para sua paixão culposa, essa paixão...

— Talvez algum instinto obscuro pudesse mesmo tê-lo advertido; mas, nesse caso, é deplorável que êsse instinto não tenha podido advertir a mim mesmo.

— Advertir? E o que teria feito então?

— Acredito que teria curado essa criança.

— Mas ainda há pouco você dizia que esse mal não é curável; e citou a frase do padre Galiani: “o importante não é curar-se...”

— Ora! Chega! Eu teria podido curá-lo como curei a mim mesmo.

— Como assim?

— Persuadindo-o de que ele não estava enfêrmo.

— Conclua logo que a perversão do seu instinto era natural.

— Persuadindo-o de que o desvio do seu instinto era tão-sòmente natural.

— E, se pudesse recomençar, com certeza você teria cedido.

— Oh! Isso é uma questão muito diferente. Resolvido o problema fisiológico, surge o problema moral. Sem dúvida, por consideração à sua irmã, com a qual estava comprometido, eu o teria incitado a superar essa paixão como sem dúvida eu próprio superaria a minha; mas ao menos essa paixão teria perdido o caráter monstruoso que assumira aos seus olhos. — Esse drama, levando-me a encarar o meu problema, revelando-me a natureza da afeição que eu tinha para com essa criança, esse drama sòbre o qual meditei longamente, orientou-me para... a tendência que lhe parece tão desprezível; em memória dessa vítima, desejei curar outras vítimas, que sofrem da mesma incompreensão: curá-los da maneira que lhe disse.

III

Penso que agora compreende por que desejo escrever êsse livro. Os únicos escritos que conheço sòbre a matéria são obra de alguns médicos. Desde as primeiras páginas há um intolerável cheiro de clínica.

— Então não é como médico que deseja falar?

— Como médico, como naturalista, como moralista, como sociólogo, como historiador...

— Eu não o sabia tão versado.

— Não pretendo falar como especialista, mas como homem. Os médicos que de ordinário tratam dessas matérias apenas se ocupam de uranistas vergonhosos; infelizes, queixosos, invertidos, doentes. Só êsses é que vão procurá-los. Como médico, é precisamente dêsses que trato; mas, como homem, encontro outros, nem doentios, nem queixosos — e é nesses que desejo basear-me.

— Sim, sôbre pederastas normais!

— Exato. Compreenda-me: a homossexualidade, tanto como a heterossexualidade, comporta todos os graus, todos os matizes: do platonismo à salacidade, da abnegação ao sadismo, da saúde jovial à tristeza acabrunhada, da simples expansão a todos os refinamentos do vício. A inversão é apenas um anexo. Ademais, existem todos os estados intermediários entre a homossexualidade exclusiva e a heterossexualidade exclusiva. Mas, de ordinário, trata-se apenas de opor ao amor normal um amor reputado contra a natureza — e, para mais comodidade, coloca-se tôda a alegria, tôda a paixão nobre ou trágica, tôda a beleza do gesto e do espírito de um lado; do outro, não sei que refugo enlameado do amor...

— Não se exalte. O safismo sempre gozou entre nós de um inegável favor.

Ele estava tão arrebatado que não ouviu a minha observação, e continuou:

— Nada tão grotesco, em cada nôvo processo de costumes, como a conveniente admiração dos jornais diante da atitude viril dos acusados. Evidentemente, a opinião esperava vê-los de saias. Veja: quando houve o processo contra Harden, recortei isto do *Journal*...

Remexeu entre diversos papéis e estendeu-me uma fôlha na qual li estas linhas sublinhadas:

O conde de Hohenau, de elevada estatura, cingido na sua sobrecasaca, de ar altivo e cavalheiresco, não dá de modo algum a impressão de um homem efeminado. É o tipo perfeito do oficial da Guarda, apaixonado pela sua profissão. E no entanto, sobre esse homem de aparência nobre e marcial, pesam as mais graves suspeitas. Também o conde de Lynar possui um belo talhe... etc.

— Do mesmo modo, prosseguiu êle, Macdonald, Eulenburg pareceram, até aos mais avisados, inteligentes, belos, nobres...

— Em suma, desejáveis sob todos os pontos.

Calou-se por um instante e vi um fulgor de desprezo passar pelo seu olhar; mas, dominando-se, continuou como se a minha farpa não o tivesse atingido.

— Tem-se o direito de esperar alguma beleza do objeto do desejo, mas não do sujeito do desejo. Pouco se me dá a beleza dêstes. Se insisto sobre o seu aspecto físico, é que me importa o fato de serem sadios e viris. E não pretendo que todos os uranistas o sejam; a homossexualidade, assim como a heterossexualidade, tem os seus degenerados, os seus viciados, os seus dcentes; como médico, encontrei, como tantos confrades, muitos casos penosos, desoladores ou duvidosos; poupá-los-ei aos meus leitores; ainda uma vez, meu livro tratará do uranismo saudável, ou, como você há pouco dizia: da *pederastia normal*.

— Mas não percebeu que empreguei o termo por zombaria? Você ficaria muito feliz se eu lhe concedesse esse primeiro ponto.

— Nunca lho pedirei por complacência. Prefiro que você se veja forçado a isso.

— Será então a sua vez de rir.

— Não rio. Aposto que, antes de vinte anos, os termos; contra a natureza, antifísico, etc., não mais serão levados a sério. Só admito uma coisa no mundo que não é natural: a obra de arte. Todo o resto, quer queira quer não, entra na natureza, e, desde que não se lhe olhe mais como moralista, é como naturalista que convém considerá-lo.

— Essas palavras que incrimina servem ao menos para fortificar os nossos bons costumes? Onde iremos parar, quando você chegar a suprimi-las ?

— Não ficaremos mais desmoralizados por isso; e preciso conter-me para não acrescentar: ao contrário!... Vós procurais enganar-nos, senhores heterossexuais; parece, ouvindo falar alguns dentre vós, que basta que as relações sexuais sejam entre sexos diferentes para serem lícitas; para serem “normais” pelo menos.

— Basta que elas possam sê-lo. Os homossexuais são, em essência, depravados.

— Julga você que a abnegação, o domínio de si, a castidade sejam coisas desconhecidas entre êles?

— Felizmente, sem dúvida, as leis e o respeito humano às vèzes os constroem a isso.

— Ao mesmo tempo que você se sente feliz em que as leis e os costumes constroem tão pouco os da sua grei.

— Ora, é de perder a paciência! Mas o casamento, o casamento honesto está aí, e não do seu lado, suponho. Sinto-me, diante de você, com a mesma disposição dèsses moralistas que, fora do *conjungo*, só vêem o pecado no prazer da carne e reprovam tôdas as relações com exceção das legítimas.

— Oh! eu bem que lhes daria alguma razão; e, por pouco que você me force a tal, eu poderia mostrar-me mais intransigente do que êles. Sôbre o número de alcovas conjugais, onde, como médico, fui chamado a entrar, juro-lhe que muitas vi pouco próprias, e não afirmaria com convicção que a maior variação, ou perversão se prefere, na mecânica amorosa, é sempre na cortesã que convém buscar, e não em certos matrimônios “honestos”.

— Você é revoltante!

— Mas se a alcova é conjugal, o vício fica imediatamente lavado.

— Os esposos podem fazer o que bem entendam; isso lhes é permitido. Ainda uma vez, isso não lhe diz respeito.

— “Permitido”; sim, gosto mais dessa palavra do que “normal”.

— Tinham-me prevenido que entre os seus iguais a moral era estranhamente violentada. E a que ponto, é o que me admira! Você parece esquecer por completo o ato natural da fecundação, que o casamento santifica e por meio do qual o grande mistério da vida se perpetua.

— E findo o qual o gesto de amor se liberta e enlouquece, não passa de uma fantasia gratuita, um jôgo. Não, não! eu não o esqueço; é sôbre a sua finalidade que quero edificar a minha moral. Fora dêle, não resta outra coisa senão a persuasão do prazer. Mas reflita desde já que o ato de procriação é raro e que basta um a cada dez meses.

— É pouco.

— Muito pouco; porque a natureza propõe muito maior dispêndio; e... mal ousa terminar...

— Vamos, termine. Já disse tanto.

— Pois bem: julgo que, longe de ser o único "natural", o ato de procriação, na natureza, na mais desconcertante profusão, é, no mais das vêzes, obra do acaso.

— Não diga! Agora terá que explicar-se.

— Com muito prazer; mas aqui entramos na história natural; é por ela que o meu livro começa e que introduzo o assunto. Se tiver um pouco de paciência, vou explicá-lo. Volte amanhã. Daqui até lá porei um pouco de ordem nos meus papéis.